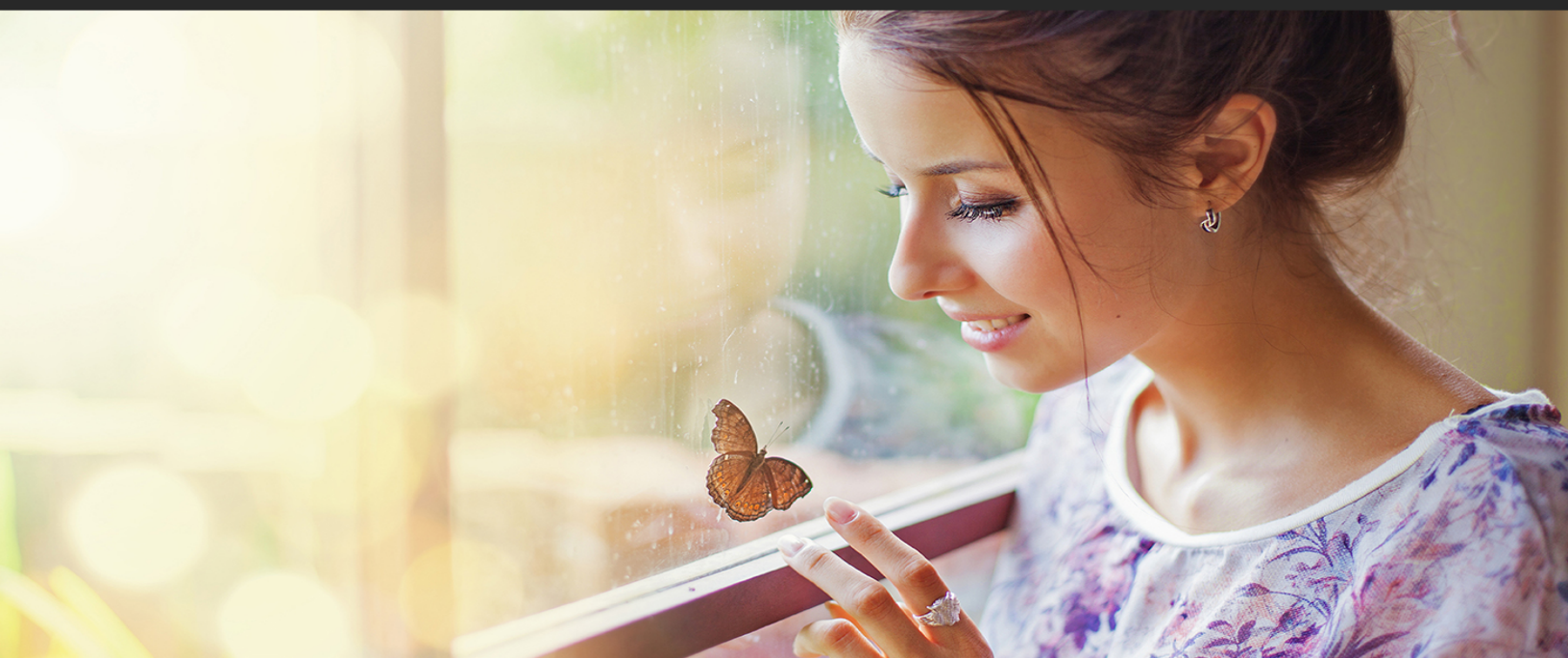


CRISTIANE NOVAIS

MÃES DE LUTO

EDITORA
EVE



CRISTIANE NOVAIS

MÃES DE LUTO



© 2016 Cristiane Novais

Os direitos autorais deste livro são de exclusividade da autora.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição eletrônica: abril de 2017

CAPA | André Stenico

PROJETO ELETRÔNICO | Victor Benatti

REVISÃO | Matheus Camargo

ISBN 978-85-9544-004-3

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou

transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autorais.

Copyright © Editora EME Ltda-ME

Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1080

Capivari-SP | CEP: 13360-000

(19) 3491-7000

www.editoraeme.com.br

Agradecimentos

MINHA MAIS SINCERA gratidão às mães de luto que compõem as páginas deste livro: Alda Galvão, Monalisa Tavares e Fátima Cardoso pela confiança que depositaram em mim e na esperança de que este livro sirva de consolo para tantos corações feridos com a ausência material que a morte de um filho deixa.

Estendo também meus agradecimentos a tantas outras mães que embora não tenham seus nomes ditos nestas páginas com muita gentileza abriram suas casas interiores para que durante um tempo eu pudesse com elas ali habitar.

Com carinho imensurável agradeço a todos os filhos que embora mortos continuam tão vivos quanto antes. Marlon Galvão, Klebinho Tavares e Cléber Cardoso, obrigada pela ajuda que certamente me foi dada.

Agradeço também aos pais enlutados que aceitaram conversar comigo. Em especial a Kléber Vieira e Alberto Cardoso.

Aqui estendo o meu muito obrigada a todos aqueles que puderam ler os originais deste livro antes da sua publicação: Lucinete Santos, Márcio Ronald, Antônia Faleiros, Lucilene Bonfim, Valdenice e Dionísio Vigne.

A Dedê, pela motivação tão presente.

Com todo amor que tenho no peito agradeço ao meu filho Davi. Contigo, filho, tenho aprendido o que é amar incondicionalmente.

INTRODUÇÃO

AS MÃES E O LUTO

*A mais bonita lágrima é a da saudade,
pois ela nasce dos risos que já foram,
dos sonhos que não acabam e das
lembranças que jamais se apagam.*
– Anônimo –





“NÃO CONSIGO CONVIVER com essa dor”; “É muito difícil para mim”, “É dor, somente dor”, “É uma angústia que não tem fim”, “Às vezes penso que não vou conseguir viver sem meu filho”, “Mãe nenhuma merece passar por isso”, “Meu sofrimento não é fácil”, “É muito difícil, o vazio que a gente sente é muito grande”, “Hoje a saudade está mais forte”, essas são algumas das frases que ouço de mães que passam pela dolorosa prova de ver um filho morto.

São mães ansiosas, angustiadas, machucadas, doloridas pela separação física daqueles que tanto amam.

Em muitos anos ministrando palestras espíritas a morte sempre foi um tema que me impressiona. Sempre gostei dessa realidade. Da certeza da continuidade da vida, da permanência da individualidade, do reencontro com aqueles que favorecem o nosso bem-estar, seja aqui enquanto encarnados, seja do outro lado da vida na condição de espíritos.

Somos seres imortais. Morre-se a vestimenta perecível, a qual serve de roupa para que o nosso espírito experimente novos desafios, no entanto, o ser espiritual, que em essência somos, é imortal.

A notícia da “perda” de entes queridos nos invade a cada dia, seja através dos noticiários televisivos, em sites na internet, e-mail que

recebemos ou pessoas que encontramos pelo caminho. Convivemos diariamente com a realidade da dor que a morte causa, embora nem sempre paremos para pensar acerca dessa verdade absoluta: mais cedo ou mais tarde seremos também atingidos por ela. Não sabemos qual o dia, muito menos qual a hora, desejamos apenas, e neste caso só nos cabe desejar, que ela se adie, que não nos atinja tão cedo e, principalmente, que não atinja aquilo que temos de mais sagrado na vida: nossos filhos.

O fato é que a morte parece não entender esses nossos desejos de pais. Comumente surge em nossos lares e leva para longe aqueles que mais amamos. Leva consigo o brilho dos nossos olhos, a força para continuar vivendo.

É verdade, a morte provoca mudanças em vários sentidos na vida daquele que foi embora e na vida daquele que ficou.

Previsivelmente há uma ordem a se cumprir: pais e mães deveriam ir antes dos filhos. O fato é que essa ordem é muito frágil, facilmente pode se romper. São tantas Marias que caminham tendo que conviver com a dura realidade de ver essa ordem previsível da vida não ser cumprida. Marias de todo o mundo que carregam dentro de si a ferida que a partida do filho deixou.

A partir daí podem nascer vários conflitos que o processo da morte e do luto desencadeia.

Lidar com a dor de conviver sem a presença material do filho adorado não é uma tarefa fácil. Não é. É difícil para aquele que não vive ou viveu o luto imaginar-se na condição de quem o está experimentando, já que somente a arte da imaginação por si só provoca uma espécie de comoção tão grande que chega a incomodar. Talvez pelo fato de que ao falar da morte do outro nos deparamos com a certeza do nosso “fim”.

O pesar daquele que não viveu a experiência de ver um filho desencarnado é na verdade um rabisco da dor que a mãe enlutada sente, em graus muito maiores.

Nas palestras que ministro ouço várias mães em desabafo dizerem que o cordão umbilical que unia o filho a elas foi cortado no

momento do nascimento, mas *“é como se houvesse um outro fio, incapaz de ser cortado, a nos ligar. Sinto sua presença todos os dias, junto a mim”* – revelam.

Esse elo que liga a mãe e o filho existe antes, durante e depois da encarnação. A própria ciência confirma a interação existente entre mãe e filho desde o ventre. São os filhos como costumeiramente dizem as mães *“uma extensão”* delas.

Em muitos casos o amor entre a mãe e o filho surge antes da concepção e se perpetua pela eternidade. Enquanto encarnados iremos amar aquele filho, aquela filha por incontáveis anos e continuaremos a amá-los mesmo quando já estivermos na espiritualidade.

Também os filhos que vão embora antes dos pais permanecem ligados a estes pelo amor, também anseiam pelo bem-estar e saúde espiritual daqueles que ficaram. Sofrem tanto quanto o pai, tanto quanto a mãe a separação e nutrem vivo o desejo do reencontro, do abraço apertado e do olhar carinhoso. Alguns podem discordar dessa realidade, mas como nos dizia a Dr^a Elizabeth Kubler-Ross, em seu livro *A morte: Um amanhecer*: *“Quando morrerem eles conhecerão a verdade”*.

Apesar de não ser espírita a Dr^a Elizabeth Kubler-Ross, escreveu livros referentes à temática da morte, ricos de ensinamentos espíritas. Muito citada pelo orador espírita Divaldo Pereira Franco, hoje ela se encontra no mundo espiritual, mas seus livros seguem sendo uma grande contribuição dando lenitivo a quem passa pela experiência da morte de um ente querido.

Durante mais de vinte anos a Dr^a Elizabeth, sendo médica, trabalhou exclusivamente com pacientes em estado terminal e extraiu dessa sua experiência os conceitos de vida e de morte que serviram de base para que pudesse escrever seus livros. As experiências vividas por cada paciente abriram-lhe a consciência e facilitaram-lhe a compreensão do entendimento real da vida.

Para ela, vida e morte são a mesma coisa. O fenômeno se confunde. O nascimento é o abrir as portas para o mundo material e

o morrer é o abrir as portas para o mundo espiritual. No primeiro capítulo do seu livro *A morte: Um amanhecer* ela afirma, diante das pesquisas envolvendo as vivências dos seus pacientes, que:

Todas as pessoas envolvidas têm plena consciência de ter deixado o corpo físico e de que a morte, como a entendemos em linguagem científica, não existe. A morte nada mais é do que o abandono do corpo físico, assim como a borboleta abandona o casulo. É uma transição para um estado de consciência mais amplo, no qual você continua a perceber, a entender, a sorrir e pode continuar se desenvolvendo. A única coisa que você perde é algo que não necessita mais, ou seja, o seu corpo físico.

Essa é uma tese perfeitamente espírita. Morrer é mudar de local, mudar de ares, mudar de mundo, é o interrelacionar-se continuamente uns com os outros, encarnados e desencarnados.

Outra comprovação realizada pela Dr^a Elizabeth, a qual constitui-se também o que poderíamos considerar sendo outra tese espírita, é o fato de que:

Na hora da transição, os seus guias, os seus anjos da guarda, as pessoas que você amou e que já se foram estarão ali para ajudá-lo. Podemos comprovar isso sem sombra de dúvida, e é na qualidade de cientista que faço essa afirmação. Há sempre alguém para ajudá-lo no momento da transição.

Não somente a Dr^a Elizabeth, mas tantos outros cientistas

comprovaram, e ainda hoje comprovam, a existência da sobrevivência da alma após a morte.

Vivemos na matéria e vivemos na espiritualidade trocando a roupagem física sempre que for necessário por meio da reencarnação com a finalidade de nos aperfeiçoar e evoluir um pouco mais.

Para as mãezinhas, que sentem a falta material que o filho querido faz, saber da existência da vida após a morte é verdadeiramente uma alegria, uma esperança, uma consolação, já que a dor de “perder” um filho chega a ser gritante, quase insuportável, tanto que algumas mães chegam a sentir fisicamente a dor emocional que as maltrata em forma de falta de apetite, insônia, crises de choro, sudorese, palpitação, sendo essas as sensações mais comuns narradas pelas mães enlutadas.

Durante meses percorri este universo que essas mães vivem, cheio de dor e saudade. Não foram poucas as vezes que tive de “engolir” o choro, segurar a emoção para dar passagem ao depoimento tão sentido, sofrido de cada mãe que gentilmente aceitou conversar comigo.

Três dessas mães colaboraram na construção deste livro. Cada uma com seu jeito, elas foram capazes de relatar todo o processo vivenciado quando do momento da morte do filho até a organização do luto. Apesar de não se conhecerem, suas histórias se confundem e certamente serão capazes de amenizar um pouco que seja a dor de tantas outras mães que vivem isoladas em seu próprio sofrimento, sem saber como prosseguir.

Conversar com as mães enlutadas trouxe-me um grande ensinamento: que é possível encontrar, apesar da morte do filho, forças para continuar. Essas mães continuam, com saudade, com dor, e todas, sem exceção, acreditam no reencontro futuro.

Superam a cada dia a dor, choram quando sentem a necessidade íntima de extravasar cada desejo que seu corpo sente da presença material daquele que partiu; mas compreendem também que superar a dor não significa jamais esquecer. Superar para elas tem outro significado: esperança e fé no futuro.

PARTE I

UM JOVEM RETORNA AO MUNDO ESPIRITUAL

*Quando um de seus pais morre,
você perde o seu passado;
quando um dos seus filhos morre,
você perde o seu futuro.
– Anônimo –*





A “PERDA” DE UM filho é o acontecimento mais intenso na vida de um ser humano e, talvez, o mais difícil de ser digerido. Não há como negar que a morte causa inúmeras formas de transtorno emocional, em contrapartida ela também é capaz de produzir um despertar espiritual.

Quando se fala em morte, se fala em vazio, em solidão, em ausência. E é exatamente da experimentação dessas sensações que os pais sentem medo. Não há como negar: os pais não desejam passar pela privação de experimentar o contato físico com seus filhos. Mesmo para aqueles que acreditam na vida futura, na vida após a morte, que entendem que jamais passaremos por um momento de solidão sozinhos, já que os bons espíritos estão sempre por perto nos auxiliando a superar os acontecimentos mais difíceis, essa experimentação de vivenciar o luto na figura de um filho inquieta a alma.

Talvez essa constatação derive do fato de que quando a morte visita o nosso lar e leva para outra dimensão um (ou mais) dos nossos filhos, houve uma quebra, um rompimento em uma ordem natural da vida, já que é muito mais aceitável que os pais morram antes de seus filhos. O ciclo previsível é que os filhos cresçam, se estabeleçam na vida, constituam família e sepulsem seus pais. No

entanto, como já mencionamos neste livro, este ciclo previsível é muito frágil e rompe-se frequentemente.

Por este motivo, quando um filho morre, os pais são inevitavelmente impulsionados a repensar em tudo em suas vidas, exatamente por terem sido afetados de maneira irreversível pela grande “perda” que destruiu seus sonhos.

Conforme nos assegura Divaldo Pereira Franco, um notável orador espírita, *“a morte em qualquer aspecto é uma grande ceifadora de alegria”*. Por isso mesmo, por ser intensa demais, a dor de perder um filho é muito difícil de ser suportada sozinho. Daí a importância da família e dos amigos nesse momento de grande pesar; a importância de um acompanhamento médico/psicológico para o alívio das dores emocionais que podem se manifestar no corpo; a importância de Deus para o alívio das dores da alma, já que em geral esses pais se sentem como se fossem lançados em um buraco e não têm noção do que fazer para sair dele. Eles entendem que precisarão prosseguir com suas vidas da maneira mais saudável possível embora não consigam realizar a princípio um único movimento que os impulse a caminhar.

Diante da morte de um filho nenhum pai e nenhuma mãe se comportam de maneira igual. Por que isso acontece? Porque depende das circunstâncias da morte. Cada um expressa seu sofrimento de maneira diversa e também assim lidam com o conflito emocional que se tem por dentro. Outros fatores dizem respeito ao nível de ligação existente entre a família, se são unidos ou não e, por fim, se possuem uma crença religiosa em que se apoiar.

Um fato interessante que pude perceber ao percorrer os lares das mães de luto é a existência de dois tipos de mães: aquelas que apesar de todo sofrimento usam a morte do filho como uma ferramenta para um amadurecimento espiritual e aquelas que permanecem completamente destruídas, ignorando quais os caminhos percorrerão após a grande “perda”, ficando paralisadas frente às mudanças que terão que enfrentar.

Para a maioria que enfrenta o transtorno emocional/físico que a

partida física do filho deixou, a dor e o sofrimento são tão reais que as impossibilitam de perceber que existe caminho para a cura.

Dessa forma, diante das visitas nos lares devastados pela dor da saudade frente à ausência do filho que partiu para outra dimensão, fiquei a refletir sobre a melhor maneira de ajudar aqueles que enfrentam idêntica dor. Após um período de reflexão cheguei ao entendimento de que a melhor maneira para ajudar alguém a recuperar-se de tão profundo trauma, reaprendendo a ter esperança, é dividindo as histórias que durante um tempo fui capaz de ouvir.



“Oh! meu Deus, meu filho vai embora”

10 DE MAIO DO ano 2012. Sol, calor, manhã aparentemente calma, passarinhos cantando. O céu azul, tão claro, tão convidativo. As pessoas caminhando pelas ruas, muitas sem nem darem conta da grandeza do momento, do espetáculo que a Natureza estava proporcionando naquele dia tão bonito e... tão triste.

Marlon Arruda Galvão certamente provoca no íntimo de dona Alda, sua mãe, tudo o que há de melhor e mais bonito na vida. Desde o momento em que se formava em seu ventre já desfrutava do amor mais sublime que conhecemos na Terra: o amor de mãe.

Sempre que se aproximava o aniversário de dona Alda, mãe e filho permaneciam até meia-noite despertos com a finalidade de Marlon felicitá-la com o primeiro beijo, o primeiro carinho, a primeira demonstração de amor no seu dia.

– No dia do meu aniversário o primeiro beijo que eu recebia era o dele. Eu dizia: ah! Marlon, vou dormir, ele me puxava pelo braço e falava: *“Não vai não, o primeiro beijo é o meu”*.

Diante das palavras daquela mulher, que em minha frente relatava suas memórias mais íntimas, não tive como conter uma indagação: como seriam os próximos aniversários dessa mulher tão forte e ao mesmo tempo tão frágil?

Sem o primeiro beijo do filho no dia 13 de maio e daqui para frente durante todos os anos vindouros?

A certeza que se tem é que espiritualmente dona Alda está recebendo esse beijo todos os dias em forma de vibrações carinhosas que Marlon, certamente, continuará enviando-lhe com idêntico amor e com a mesma intensidade dos dias 13 de maio.

Fugindo daquela sala tão clara que nos abrigava, dona Alda percorreu os corredores das suas lembranças dando as mãos a sua imaginação para fazer uma afirmação:

– Marlon era adorado, nunca ouvi alguém dizer que não gostasse dele.

Possuidor de muitos amigos, os quais desde a despedida continuam visitando-a, sempre a presenteiam com um telefonema afetuoso e sempre que a encontram a enchem de carinho.

– Tenho certeza de que no dia em que Marlon partiu, Deus me ajudou, caso contrário, não suportaria – disse numa espécie de desabafo.

É justamente essa confiança em Deus, em Seus desígnios, que faz dona Alda prosseguir em paz.

As recordações vinham como um turbilhão em sua memória. Fixava seus olhos em meus olhos, e eu ali diante dela tentando decifrar o que se passava de forma tão viva e secreta em seu coração: o tamanho da dor, a desorganização interior que a morte do filho deixou, o tamanho da saudade e de que maneira ela estaria organizando o luto.

Fiquei com minha investigação íntima e dona Alda aos poucos foi dando respostas sem que eu as perguntasse.

Minha peregrinação em sua casa iniciou-se numa tarde do dia 28/02/2013 e, para minha surpresa, fui recebida por ela própria com um sorriso e um abraço, ao contrário do quadro que eu imaginava

encontrar de apatia e incerteza no amanhã.

Com muita simpatia, pediu-me para entrar e logo na entrada, na primeira sala, a sala de TV, não tive como não perceber em uma mesinha de canto ao lado do sofá fotografias e em um porta-retratos o sorriso largo daquele jovem que retornou ao mundo espiritual tão cedo, aos vinte e sete anos, abraçado a sua filha de pouco mais de dois anos de idade.

Marlon deixou um legado: uma filha de nome Ana Clara, fruto de um relacionamento, e que está sendo cuidada com todo zelo, amor e gratidão pela mãe, avós e tios.

Sentei-me no sofá atendendo ao seu convite, e pude notar outras fotografias dele... Pequenino junto à irmã mais velha, com o pai e o cunhado, com a filhinha ainda bebezinha, enfim, fotografias da família, fotografias que segundo dona Alda *“sempre estiveram aí”*.

Talvez percebendo o meu olhar a circular pelas fotografias tenha sentido a necessidade de justificar-se.

– Não coloquei fotografia nenhuma depois que Marlon foi embora, elas sempre estiveram aí, se sempre estiveram por que teria que removê-las? Só porque Marlon foi embora? Não. Elas devem permanecer onde sempre estiveram.

Costumeiramente as pessoas que a visitam falam se não seria melhor retirar as fotografias que estão espalhadas pela casa. No entanto, dona Alda não sente essa necessidade: *“não é porque Marlon partiu que vou retirar”*.

Para ela aquelas fotografias seguem sendo a prova de que seu filho esteve ali, passou por ali por vinte e sete anos agraciando-a com a sua presença material e com o seu amor.

Diante da conversa que tivemos soube que sua história com Marlon foi feita de muitas lutas e dificuldades que vieram com ele quando nasceu.

É o que veremos adiante.



A anemia falciforme

MARLON ERA PORTADOR DE uma doença chamada anemia falciforme, que segundo definição do médico Dráuzio Varella significa:

Doença genética e hereditária, predominante em negros, mas que pode manifestar-se também nos brancos. Ela se caracteriza por uma alteração nos glóbulos vermelhos, que perdem a forma arredondada e elástica, adquirem o aspecto de uma foice (daí o nome falciforme) e endurecem, o que dificulta a passagem do sangue pelos vasos de pequeno calibre e a oxigenação dos tecidos.

A anemia falciforme que Marlon tinha era do tipo SC. Segundo dona Alda existem outros tipos: SS e AS. A AS é a menos severa, no

entanto, não menos grave que as demais.

Desde pequenino Marlon demonstrava a condição doentia, embora os familiares não soubessem o motivo causador de sua doença.

Como esse tipo de anemia era muito mais comum em gente com pele escura e Marlon era branco e loiro, a família nem imaginava, e alguns médicos que o examinaram também não.

Aos nove meses Marlon adoeceu gravemente contraindo uma pneumonia. Dona Alda levou-o ao médico, que solicitou exames, e o resultado era o mesmo de sempre: anemia. O que não puderam constatar era o tipo de anemia que ele havia contraído.

Somente quando Marlon contava cinco anos de idade, quando mais uma vez ficou doente, sua mãe, em conjunto com familiares, o levou à cidade de Salvador, capital do Estado da Bahia, e lá no hospital, diante da médica, dona Alda pôde narrar tudo o que se passava com seu filho.

A médica, diante das suas narrativas, resolveu pedir um exame de nome complicado: eletroforese de hemoglobina, que significa:

“Exame laboratorial específico para o diagnóstico da anemia falciforme, a presença da hemoglobina S”.

Realizado o exame de eletroforese de hemoglobina em Marlon, e após os dias necessários para a análise e conclusão do diagnóstico, o resultado chegou às mãos dos familiares, dizendo naquela linguagem sucinta e fria de todo e qualquer resultado de exame: positivo para anemia falciforme.

Esse fato levou a família a partir daquele momento a investir ainda mais nos cuidados com o filho.

- Tínhamos que ter muito cuidado com o baço de Marlon, qualquer pancada no baço poderia dar uma hemorragia e ele morreria na hora.

A explicação para a importância de cuidar mais especificamente do baço era: *“devido a sua função de ‘limpar’ as hemácias com defeito, o baço acaba sendo afetado”.*

Certamente não deve ter sido uma tarefa fácil para dona Alda

privar uma criança de todas as peraltices próprias da infância.

- Agora imagine você o que nós passamos para controlar uma criança para não andar de bicicleta, não correr, pois brincar com os amiguinhos poderia ser fatal.

Desde a infância, Marlon experimentou privações.

- Uma vez, ele colocou na cabeça que queria ganhar um skate, não demos. Deu o horário de Marlon chegar da escola, saí para a rua para ver se ele já estava vindo e para minha surpresa vi o Marlon chegando em cima de um skate.

Neste momento dona Alda sorriu. A lembrança da peraltice do filho devolveu ao seu rosto a leveza da alegria.

- Quase tive um troço. Ele ao me ver foi logo tentando me tranquilizar: *"Mamãe, não se preocupe eu vim de lá até aqui com a mão no baço para proteger"*.

E com ar de nostalgia:

- Nossa ligação sempre foi forte. Desde criança Marlon era especial, era um anjo aqui na Terra.

Dizia toda orgulhosa recordando o filho:

- Marlon tinha muita fé. Desde pequenino ele orava, eu o ensinei a orar.

Devido à doença de que era portador, não raras vezes sofria com crises de dor. Em uma dessas crises dona Alda levou-o ao hospital.

- Dava dó ver o quanto de picadas de agulha ele estava levando nos bracinhos, então eu sugeri, ore Marlon, fale com Papai do Céu para Ele lhe ajudar que a ajuda virá.

Como toda mãe, dona Alda queria livrar seu filho de qualquer tipo de sofrimento. Era insuportável presenciar a quantidade de seringas se enchendo com o sangue do filho.

Com a atenção que lhe era própria, Marlon ouviu o conselho da mãe e se propôs a falar com Aquele que o ajudaria.

- Ele fechou os olhinhos e falou: *"Podelei fazer tudo com a ajuda de Clisto"*.

No momento em que essas palavras foram ditas o riso fez-se presente naquele ambiente mais uma vez. Era um riso tímido

mesclado com dor, mas certamente uma lembrança feliz.

Já habituado com a realização de exames por fazerem parte da sua rotina, Marlon sempre que tinha que colher sangue já não parecia amedrontado, embora nesse período contasse seus cinco anos de idade.

– Chegando ao laboratório Marlon logo dava o bracinho para a enfermeira, fechava os olhinhos e antes que disséssemos qualquer coisa ele falava: “*Ave Malia cheia de glança*”.

A partir daquele dia, tornou-se uma tortura para as enfermeiras colherem o sangue do pequeno. Elas sempre se recusavam.

Para dona Alda aquelas cenas eram como se fossem uma das mais lindas vividas ao lado do filho, as enfermeiras que participavam sempre ficavam emocionadas e a oração de Marlon sempre era atendida.

Dona Alda certamente fizera tudo o que lhe coube para a educação e para o bem-estar do filho. Não se culpa por nada, por ter deixado de fazer alguma coisa, tanto que chegou a confessar entre as lágrimas que arrancaram o sorriso de momentos antes:

– O que me consola é saber que fiz tudo... posso ter errado nos excessos. Eu sempre olhava nos olhos de Marlon e dizia para que ele nunca esquecesse: Filho, nós dois viemos para ficar juntos, você é meu conselheiro, meu sustentáculo – e chorou.

O fato é que Marlon, apesar de ter sido vítima de uma doença incomum que não dá ao seu portador grande perspectiva de vida, poderia viver muitos anos.

– Marlon poderia viver até os oitenta anos, de acordo com a sua médica, mas tinha que ter limitações e ele não gostava de limitações. Para ele tudo tinha que ser demais, ele era muito extravagante, se era pra beber, bebia muito, se era para comer, comia muito, ele me dizia: “*Eu sei que eu não vou viver muito, não vou durar muito, vai se acostumando. Me deixa fazer o que gosto*”.

Algo muito interessante que dona Alda revelou foi o fato de possuir um tal de “*sexto sentido*”, que no espiritismo significa mediunidade.

Todos nós em sua generalidade somos dotados de cinco sentidos que nos ajudam e muito em nossa vida, facilitando nosso relacionamento com ela.

No entanto, esses mesmos cinco sentidos são estreitos, limitados, percebem apenas o que lhes acontece no mundo físico. Para entrarmos em contato com outra dimensão onde a matéria é sutil, tênue, o nosso corpo necessita de um sentido extra, o qual podemos chamar de sexto sentido ou mediunidade.

O interessante é que o sexto sentido de dona Alda funcionava muito bem.

No mês de junho Marlon decidiu ir com os amigos a uma festa de São João muito famosa em sua região; sua mãe, apesar de estar na mesma cidade em que ocorreria a festa, não foi.

Enquanto desfrutava da companhia de todos que estavam na mesma casa naquele período junino, surge à porta alguém vendendo a camisa da festa a que o filho iria. Ela refletiu um pouco para decidir ir.

Lá chegando pôde ouvir a algazarra de uma multidão, som alto, vozes misturadas, pessoas dançando, enfim, um quadro típico de toda e qualquer festa junina.

A música que se ouvia no momento em que chegou à festa era sua conhecida. Entre a multidão avistou um amigo de Marlon e indagou:

- Onde está Marlon?

O amigo apontou-lhe o lugar. Ao chegar viu um quadro que a preocupou. Marlon com o rosto muito vermelho e tremendo. Quando o tocou percebeu que queimava em febre. Preocupou-se mais uma vez e agradeceu ao seu "*sexto sentido*".

- Vamos para casa agora, Marlon.

- Não vou não...

Dona Alda, fitou-me e fez uma revelação:

- Olha, o menino estava tremendo em febre, mas estava na festa, deu trabalho para ir embora.

Não raras vezes dona Alda realizava essa peregrinação de ir buscar Marlon em festas e sempre que o encontrava ele estava com

algum problema e quando avistava a mãe logo falava: *“Mainha, você é mainha mesmo viu”*.

– Ele tinha que tomar ácido fólico todos os dias, a vida toda, ele esquecia direto.

Com essas recordações veio junto um suspiro longo, cheio de saudade, de lembranças.

– Ele era muito companheiro. Tinha que ter uma vida mais calma, mas ele queria viver intensamente. Esse é o meu Marlon.

Sabemos que sim.



Três filhos, e um filho só

A VERDADE É QUE eu estava ali diante de uma jovem senhora professora aposentada, “*mãe de três filhos*”, como ela mesma se definiu e que hoje só tem fisicamente um.

A primeira filha nasceu permanecendo no corpo físico por apenas um dia. Para ela e para o esposo foi um choque, foi como ela se referiu “*à primeira grande perda*”.

Arrumar o quartinho do bebê, ou antes mesmo, planejar uma gravidez, esperar um ser humano dentro de si, vê-lo crescer, nascer, compartilhar com ele emoções, as mais novas e as melhores que se poderia experimentar, para em poucas horas entrever o outro lado das emoções: aquelas que doem, que machucam, mas que na maioria das vezes, em sua grande maioria, são as que mais ensinam.

A verdade é que dona Alda viu seu pequeno tesouro dar adeus em apenas vinte e quatro horas de vida.

– Foi duro, foi pesado, foi horrível para mim e meu marido chegar em casa, ver o quartinho arrumado, o cheirinho de bebê pela casa, as

roupinhas, e perceber que o principal não estava conosco. Chorei, sofri e depois de um tempo engravidei novamente e Deus me deu a grande bênção de gerar um ser humano mais uma vez.

Tempos depois dona Alda deu à luz outra criança: sua filha Nadege. Perfeita, linda, saudável, sua luz, sua alegria.

Como Nadege trouxe alegria àquela família!

Como dona Alda estava feliz! Podia segurar a doce iluminada filhinha nos braços, sentir seu cheirinho, vesti-la com vestidos bordados, lacinhos de fita nos cabelos sedosos, ser agraciada com cada descoberta: o primeiro sorriso, o primeiro passinho, o primeiro dentinho, a primeira palavra.

Hoje Nadege segue sendo um bastião de afeto, de carinho, de atenção e segurança para dona Alda. É dos lábios dela que ainda pode ouvir fisicamente o nome “mãe” e é dela que pode sentir fisicamente o abraço caloroso e o beijo emocionado. Nadege permanece ao seu lado fisicamente, embora saibamos que Marlon permanece ligado a ela pelos laços do amor.

Crescendo em graça, Nadege encantava a todos, e após dois anos, dona Alda recebe de Deus mais um empréstimo. Chega aos seus braços iluminados de mãe, aquele que ela chamaria de Marlon, só que, ao contrário de Nadege, com a saúde um tanto fragilizada, necessitado de mais cuidados, de mais zelo.

– Desde pequenino Marlon exigiu muita dedicação.

As mães têm esse dom. Dão-se aos filhos sem exigir nada em troca. E caso fosse permitido que trocassem de lugar com eles no momento da morte, certamente trocariam.

Em uma dessas palestras que fui convidada para ministrar tive a oportunidade de ouvir uma mãe dizer que para ela é insuportável ouvir o nome morte, pior ainda é imaginar o seu filho “*sem vida*”.

– Dói tanto só em pensar. Não consigo... Para mim, pensar no assunto morte é algo profundamente assustador, doloroso, triste.

O fato é que essa realidade tão impactante chamada morte é tão comum quanto o ato de respirar. Mas se é assim, por que então há tanto pavor em torno do seu nome?

É exatamente isso que veremos agora.



A morte

SEGUNDO A DOUTRINA ESPÍRITA a morte não mata ninguém. Não existe morte. O que existe é a destruição de um corpo físico que serviu de instrumento para que o espírito pudesse realizar o seu aprendizado num determinado espaço de tempo. Na realidade a morte só muda a gente de lado.

A cada momento várias mães ficam enlutadas com a partida de seus filhos. Todos os dias, a cada hora, a cada minuto a morte faz uma visita em algum lar por aí.

Um lar onde outrora todos se reuniam para o almoço, para o jantar, para as brincadeiras, para as férias de fim de ano ou não, e que agora terá que refazer-se, ou seja, lidar com as refeições faltando um prato à mesa.

A todo tempo somos educados na vida, desde a mais tenra infância. Conforme nos ensina José Herculano Pires, no capítulo I do livro *Educação para a morte*, “é curioso notar que em nosso tempo só cuidamos da educação para a vida”.

Todos nós deveríamos ser treinados desde pequenos para a “perda”, para o fato de não existir apenas o ter, juntar, acrescentar, acumular.

O que se pode perceber é que desde muito cedo a grande maioria dos pais, e aqui nos incluímos também, protegem os filhos contra qualquer tipo de frustração, com a intenção de livrá-los de todo tipo de dor. Com excesso de zelo acabam por esquecer-se de um grande ensinamento: que os filhos precisam aprender a perder para que eles percebam que nada é como nos contos de fadas, para sempre, e que perder é algo que faz parte da vida.

Perdem-se coisas, perde-se também a presença física das pessoas. É preciso já ir ensinando desde tenra idade que a pessoa que morre apenas está saindo do corpo, não está desaparecendo.

O medo da morte decorre em muitos casos dos conhecimentos passados, principalmente o materialista, que faz com que o indivíduo pense que essa separação que a morte provoca é eterna.

Ora, se a morte é o fim previsível, por que então chegamos tão despreparados para ela?

Porque há muita superstição, muita fantasia e falta de informação relacionada ao fim do corpo físico, o que promove pavor e até mesmo muito desespero.

Além disso, há também algumas razões mais que provocam este temor da morte. A primeira está relacionada à interrupção de um processo, já que a morte modifica os planos daqueles que a experimentam; outro fator seria para alguns o não saber o que vem depois dela, alguns não conseguem compreender a existência da vida após a morte, não conseguem aceitar que a morte é na verdade a partida de alguém para um mundo diferente do nosso; e por fim o que também faz com que a grande maioria das pessoas sinta aversão à palavra morte é a dor que seu nome envolve, já que dor será sempre dor a exigir treino e paciência.

No livro *Educação para a morte*, José Herculano Pires nos diz:

“As religiões podiam ter prestado um grande serviço à humanidade se houvessem colocado o problema da morte com naturalidade”.

Isso quer dizer que embora todas as religiões admitam a realidade da vida após a morte, elas mesmas, mescladas com os conceitos de um Deus que pune, que vinga, que exclui os “não eleitos” (aqueles que não fizeram a Sua vontade no cumprimento dos dogmas e cultos exteriores que cada uma possui), geraram no ser humano ainda em fase da infância espiritual um temor.

“O pavor da morte vem da ideia de solidão e escuridão. Mas os teólogos acharam que isso tudo era pouco, oficializaram as lendas remotas do Inferno, do Purgatório e do Limbo, a que não escapam nem as crianças mortas sem batismo” – Educação para a morte – José Herculano Pires.

Apesar de Victor Hugo dizer que *“morrer não é morrer, mas apenas mudar-se”*, a verdade é que ainda nos tempos atuais, segundo José Herculano Pires:

“A morte transforma o homem em cadáver, risca-o do número dos vivos, tira-lhe todas as possibilidades de ação e, portanto, de significação no meio humano. O morto está morto, dizem os materialistas e o populacho ignaro”.

Diz o ditado popular que ninguém nunca voltou da morte para dizer como é. Isso é um equívoco muito grande, já que desde tempos remotos os ditos mortos voltam para dizer como é do lado de lá.

No livro *O Céu e o Inferno*, que compõe o pentateuco kardequiano, nós vamos encontrar relatos de espíritos de vários níveis evolutivos que vieram dizer como é a vida do outro lado da vida.

O entendimento espírita de que não fomos criados para a morte, para a destruição ou para o sofrimento, nos dá uma maneira positiva de lidar com a partida de um ente querido. Perceber que essas partidas fazem parte de um processo de evolução e aprendizagem para aquele que foi embora, e para aquele que ficou, devolve a paz.

Apesar de a morte deprimir e desorganizar num primeiro momento a nossa vida, a certeza que a doutrina espírita nos dá de que ninguém morre, que se continua vivendo de outro jeito e de outra forma, nos possibilita a força para continuar.

O momento da morte deve ser entendido como um retorno ao mundo espiritual, ao mundo de origem, pois não perdemos nossos amores, eles continuam a nos amar do outro lado, continuam a

manter os mesmos laços de amizade.

A pessoa que nós amamos retornou para o seu verdadeiro lar, lugar a que um dia nós também iremos retornar. Todos vamos para lá, haverá de chegar o dia em que todos nós iremos nos reencontrar.



O momento da despedida

DEPOIS DE TANTOS CUIDADOS para ajudar Marlon a cuidar de si mesmo, ajudá-lo a viver um dia de cada vez, chegou o momento de ajudá-lo a soltar-se, ajudá-lo a desembaraçar-se do corpo que por muitas vezes lutaram para que nele permanecesse.

Mas como tudo tem o seu tempo, chegou o momento de dona Alda soltar, deixar ir, deixar seguir o fluxo da vida para o qual todos nós estamos destinados.

Foi ela mesma quem ministrou passes magnéticos no filho quando pressentiu que ele já estava de malas prontas para fazer a “viagem”.

Ninguém imaginava que Marlon iria embora naquela semana. Uma febre, um mal-estar, não tão grave quanto as outras vezes em que necessitou de cuidados especiais.

Marlon sentia-se tonto, cansado, com sensação de desmaio. Ele estava fazendo há certo tempo um tratamento espiritual em um centro espírita da cidade e naquele dia ele disse ao médium que se sentia fraco, quase desmaiando, o que levou o médium a perguntar:

“Você não está com dengue, não, Marlon?”, obtendo de imediato uma resposta negativa.

Mas o médium não se deteve, olhou mais profundamente para ele como querendo perscrutar o que havia de mais íntimo e devolveu à resposta negativa uma afirmação:

– Você tenha cuidado, porque a dengue em você é fatal.

Terminou o tratamento daquele dia e foi embora com dona Alda para casa.

Na segunda pela manhã, ele estava melhor, para alívio de todos. Mas o que ninguém queria aconteceu.

No mesmo dia à tarde Marlon piorou. Seu cunhado Almir, esposo de Nadege, é médico, prerrogativa que levou dona Alda e seu esposo, conhecido por Gió, a telefonar para ele solicitando ajuda.

Ao telefonarem narraram em detalhes o que estava acontecendo com Marlon, fato que o levou a determinar que o conduzissem de imediato para o hospital.

Como Marlon estava muito fraco, quase desmaiando, seu pai o levou para o banheiro a fim de dar-lhe um banho na tentativa de que ele reagisse ao contato com a água, mas ao contrário do que se desejava Marlon ficou ainda mais fraco ao abrir o chuveiro.

– Ouvi a voz do meu marido e corri para atender – relembrava dona Alda.

Dirigiu-se à suíte do quarto de Marlon, no entanto, intimamente seu coração já “*apertadinho*” pressentia que estava chegando a hora.

Percebendo a presença da esposa, Gió deixou o filho aos cuidados da mãe e saiu do quarto de forma acelerada com o objetivo de telefonar para uma clínica de atendimento domiciliar a fim de que pudessem socorrer seu filho. Para alívio de todos em pouco tempo a ambulância estava na frente da sua casa com o seu genro a postos para levar Marlon rumo ao hospital.

Naquele momento em que Marlon esteve quase desmaiado no banheiro da sua casa tendo sua mãe por companheira, dona Alda, revivendo essa cena com a voz espremida pelas lágrimas que sacudiam de dor sua alma, disse que segurou a mão do filho com

força e pediu para que ele fizesse o mesmo.

– Eu disse a ele: meu filho, segura a minha mão, segura a minha mão. Não deixei que ele fechasse os olhos senão ele ia embora ali.

Neste mesmo dia Marlon deu entrada no hospital necessitando de cuidados especiais. Dona Alda respirou para dizer quase num sussurro:

– Aquela foi a pior sensação. À noite Marlon começou a vomitar sangue.

Ali, eu revivia com ela um momento doído, marcado pela certeza de saber que o seu filho teria que ir embora e que ela teria que olhar para ele e deixá-lo ir.

Como não havia o que fazer no hospital a não ser esperar, no momento em que a equipe médica disse que Marlon precisaria ficar internado, dona Alda retornou para casa a fim de dormir e descansar um pouco.

No dia seguinte, terça-feira às 07 horas da manhã, ela recebe um telefonema do hospital que iria mudar completamente a sua vida. Neste telefonema alguém pedia para que ela acompanhasse Marlon em um exame.

– Naquela hora eu pensei: Marlon tá indo embora. Meu Deus, me ajuda, meu filho vai embora, meu filho vai embora. Naquela hora eu desabei.

Natural a sensação de falta de chão. Apesar de dona Alda saber da fragilidade da saúde do filho, não imaginava que a sua desencarnação se daria daquela forma, naquelas proporções e de maneira tão rápida. Não houvera tempo para elaborar essa separação.

– Fizeram o exame em Marlon e o resultado foi dengue hemorrágica visceral, que o matou em quatro dias.

Foi necessária uma pausa para prosseguir.

– No hospital ele conversava comigo e me dizia o seguinte: “*Oh mãe, seja forte, eu tô indo embora, cuida de Nadege, de painho, de Almir*”.

Dona Alda olhou ao redor e mais uma vez deixou que seus pensamentos mais íntimos visitassem sua alma e as lágrimas a

envolvessem novamente.

– Marlon foi internado na segunda, na quarta-feira o entubaram. O fígado dele deteriorou-se. Eu fiquei com ele ali a manhã toda, eu o abraçava, beijava, cheirava, tentava demonstrar de todas as formas o quanto ele era amado, o quanto eu o amava, o quanto eu o amo.

A dor que Marlon estava sentindo era tão intensa que o levou a pedir para a irmã falar com seu cunhado médico que o sedasse, porque ele não estava aguentando.

Na realidade não podemos precisar quem sentia mais dor: se Marlon no corpo ou se dona Alda na alma.

Naquele momento era como se caminhasse de mãos dadas com o filho, mesmo sabendo que em determinado momento teria que soltar a sua mão e deixá-lo prosseguir sozinho. Ela teria que soltar, e ele teria que caminhar por entre os novos caminhos que se descortinariam para ele.

Ela teria que prosseguir em uma nova realidade e com um novo olhar. Na verdade esse trajeto descreve o que Gibran Kalil Gibran, na sua obra *O profeta*, já nos dizia:

Vossos filhos não são vossos filhos.

São os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma.

Vêm através de vós, mas não de vós.

E embora vivam convosco, não vos pertencem.

Enquanto Marlon se mantinha lúcido podia perceber as inquietações dos familiares que se faziam presentes ao seu lado. Percebia a inquietação interior da irmã, do cunhado, o que o levou a dizer:

– Olha aí mainha, Nadege, não vem aqui porque tá chorando, olha lá mainha, Almir, eu não disse que eles são fracos? Eu estou indo embora, mainha, mas vocês precisam ser fortes.

Intimamente ele sabia que iria precisar que todos estivessem

equilibrados para que ele pudesse fazer a “passagem” de maneira tranquila, serena, em paz, já que nossos pensamentos e sentimentos influenciam aqueles que já se encontram do outro lado da vida.

Estar em prece pode envolver aquele que está indo embora em uma atmosfera de aconchego e de consolo. A dor não deveria ser maior do que o amor e o desejo de que aquele que está indo embora vá bem.

Em *O Livro dos Espíritos* Allan Kardec indaga aos espíritos superiores o seguinte:

Questão 936: Como é que as dores inconsoláveis dos que sobrevivem se refletem nos espíritos?

O espírito é sensível à lembrança e às saudades dos que lhes eram caros na Terra; mas, uma dor incessante e desarrazoada o toca penosamente, porque, nessa dor excessiva, ele vê falta de fé no futuro e de confiança em Deus e, por conseguinte, um obstáculo ao adiantamento dos que o choram e talvez à sua união com eles.

Outra realidade é que nenhum filho substitui o outro.

O pai e a mãe amam todos os filhos, mas os que ficam não substituem aquele que foi embora. Por isso o vazio, por isso a estranha sensação de que uma parte se foi. Um fator que não se pode esquecer é que se deve chorar sempre pela ausência, nunca pelo fim, pois o fim não existe. Fecha-se um ciclo para iniciar-se outro.

E dona Alda permanecia no hospital, onde, acredito, passou as horas piores da sua vida.

Angústia aumentada, coração descompassado, calor nas mãos e um frio no coração. Na cabeça um turbilhão de sentimentos e dentro do peito um pedido secreto: coragem.

Era coragem que ela pedia a Deus. Coragem, era o que ela precisava naquele momento difícil porque, tal qual Maria a seguir o

trajeto sofrido do mestre Jesus, ela compreendia que estava chegando a hora: a hora de soltar, deixar de prender com o pensamento, os sentimentos. Precisava relaxar para que a espiritualidade maior pudesse fazer o trabalho de desligamento, conforme nos ensina o espírito André Luiz no livro *Obreiros de vida eterna*, psicografia de Francisco Cândido Xavier.

Cada respiração que dona Alda dá constitui-se um gesto de coragem. Respirar sem Marlon exige muito desse atributo.

– Ajudei meu filho a separar-se do corpo, apliquei-lhe passes e orei um Pai Nosso como nunca.

Dona Alda disse sentir a presença de alguém ajudando seu filho na “passagem” no momento em que os passes eram ministrados.

– Mas, de repente, abri os olhos e pude ver como meu filho sofria, a partir daí a cena foi ficando muito difícil para mim. Desabei a chorar. Orei mais uma vez e pedi a Deus que fizesse o melhor pelo meu filho.

Dona Alda saiu da UTI e pediu para que sua irmã Dora entrasse e ficasse com Marlon. Nesse momento seus olhos quase que instantaneamente buscaram os da sua irmã para fazer um desabafo: “oh Dora, meu filho tá indo embora”.

Sua irmã atendeu o pedido. Entrou no quarto da UTI e completou a tarefa que dona Alda havia iniciado. E lá dentro, ao lado de Marlon, orou a Deus pedindo a Ele que fizesse o melhor pelo sobrinho e que dona Alda não se desesperasse e entendesse.

Ao sair, Dora disse para a irmã que pôde ver um facho de luz caindo sobre Marlon no momento em que ele fechou os olhos.

– Naquela hora eu compreendi... compreendi que Marlon tinha ido embora.

Relembrar esse momento fez com que dona Alda parasse de falar. Necessitava de uma respiração profunda na tentativa de retirar do fundo da sua alma forças para poder relembrar aqueles momentos difíceis.

– Compreendi que meu filho já não estava mais ali, que Marlon não mais fazia parte deste mundo. Compreendi que não podia mais

lutar para que ele permanecesse na matéria para que eu continuasse acariciando-o. Compreendi que a partir daquele momento teria que ser forte.



O velório: a escolha da roupa

DONA ALDA TINHA QUE ver detalhes: o velório, o caixão, a roupa que vestiria naquele corpo machucado pela doença. Compreendia que teria que prosseguir. Mas como prosseguiria não sabia. Ainda não sabe. Na verdade, ela vive um dia de cada vez e assim vai reaprendendo a seguir sem a presença material do filho.

– Quando vi o desespero da minha filha pedi à médica de Marlon que desse um medicamento para mim e outro para ela e tentei consolá-la. Abracei-a e falei em seu ouvido bem pertinho para que ela pudesse escutar: confie em Deus, filha, confie em Deus.

Uma outra tarefa muito difícil seria dar a notícia ao seu esposo que ainda nada sabia. Um tempo depois, que não foi longo, deu-se o encontro dos dois. Notícia dada, ombro dado, corações unidos na mesma dor. Um olhar cúmplice e o entendimento de que o momento da despedida deveria ser tão lindo quanto o dia em que o viram pela primeira vez, quando receberam Marlon nos braços no dia do seu nascimento.

Ir para casa parecia uma tarefa difícil. Chegar em casa parecia algo que não conseguiria fazer. Mas dona Alda teria que percorrer esse trajeto.

O corpo do filho ainda quente, embora morto, teria que ser vestido. Teria que escolher uma roupa para Marlon despedir-se da família, dos amigos e seguir seu caminho, retornar para a sua casa, para o convívio dos entes queridos que há muito tempo já fizeram esse percurso.

Dona Alda chegou em casa e foi invadida por uma sensação jamais sentida. Um vazio, um buraco no peito, uma dor tão aguda e que ela não conseguia curar.

Entrou no quarto de Marlon com passos lentos em contradição com o coração que estava aos saltos, mãos suadas, olhos marejados, pernas trêmulas, garganta seca e uma angústia impossível de descrever.

Aproximou-se do guarda-roupa, olhou todas as camisas, todas as calças, todas as meias, todas as bermudas, olhou para todas as roupas que serviram de vestimenta para Marlon e de repente avistou uma em particular e pensou levemente, já que seus pensamentos também estavam anestesiados, “é essa que eu vou levar”, para depois dar-se conta de que havia escolhido exatamente a roupa preferida do filho.

Roupa escolhida. O caixão e o velório foi um amigo muito próximo do filho que, com especial carinho e cuidado, se encarregou de resolver.

– Escolhemos o caixão mais simples. Marlon nunca gostou de ostentação.

Dona Alda intimamente compreendia que a partir daquele dia teria que aprender a lidar com um tipo de dor indefinida. Com o tempo aprenderia que essa dor na realidade nunca passaria, mas que se tornaria, na medida do possível, suportável.

Absorvida em sua própria dor teria que enfrentar a dura realidade de comparecer ao velório do filho. Não imaginava que isso pudesse acontecer. Bem no fundo do seu ser, o seu maior sonho era terminar

seus dias ao lado de Marlon. A dor era tanta que dona Alda prosseguia como se não estivesse ali.

Uma questão indagada por Allan Kardec aos espíritos superiores em *O Livro dos Espíritos* trata sobre a perda dos entes queridos.

Questão 934: A perda dos entes que nos são caros não constitui para nós legítima causa de dor, tanto mais legítima quanto é irreparável e independente da nossa vontade?

Essa causa de dor atinge assim o rico, como o pobre: representa uma prova, ou uma expiação, é a lei. Tendes, porém, uma consolação em poderdes comunicar-vos com os vossos amigos pelos meios que vos estão ao alcance, enquanto não dispondes de outros mais diretos e mais acessíveis aos vossos sentidos.

Dona Alda sabia que Marlon vivia em um mundo diferente. Marlon vive e isso preenche o seu coração de esperança.

Embora trazendo no rosto a marca da saudade e os sinais de ter que carregar um acontecimento que não combina com todos os planos que ela havia idealizado para sua família, e com o coração ainda exercitando a missão de se reconstruir, concluiu:

– Meu sofrimento não é fácil.

De repente naquela sala tão clara fez-se um silêncio ensurdecedor.

Não ousei quebrar aquele silêncio que falava tão alto. Deixei que dona Alda divagasse em sua dor, pensasse em sua luta diária.

Depois da grande pausa o prosseguimento.

– Se eu não tivesse o conhecimento do espiritismo eu estaria no manicômio. Toda mãe tem que ter uma religião, tem que ter Deus, porque senão ela enlouquece quando um acontecimento de tão grande porte bate à sua porta.

Dona Alda chorava e sabia que podia chorar. Dentre tantos aprendizados que teve com a doutrina espírita um deles diz respeito

ao desapego. Deixar aqueles que amamos seguir um novo caminho é uma tarefa importante, já que desapegar-se não significa em nenhuma hipótese deixar de amar. Ela aprendeu que desapego não significa desamor. Intimamente ela sabe o tamanho da falta que seu filho faz, afinal, foram vinte e sete anos de convívio, é natural que sinta a ausência da pessoa que durante tanto tempo a presenteou com sorrisos, abraços, afeição. É preciso chorar a ausência da presença física daquele que partiu, pois o choro contido, em muitos casos, pode adoecer. No entanto, esse choro deve vir sem revolta e de mãos dadas com a fé e a certeza de que a vida prossegue.

A doutrina espírita trata com muita leveza esse assunto de máxima importância que é a partida de um ente querido. Segundo Alberto Almeida, médico psicoterapeuta e orador espírita:

O espiritismo vem nos ensinando que efetivamente há uma dor que precisa ser acolhida, que não pode ser negada e que vai sendo processada como um luto psicológico dentro de um determinado tempo necessário a que a pessoa possa elaborar dentro de si mesma essa perda. O que o espiritismo foge é exatamente de duas posições extremas, ou seja, a primeira como sendo a negação da dor e a segunda como sendo a fixação na perda.

Na primeira, que é a negação da dor, a qual enseja a partida de um ente muito querido como um filho, já que é essa a temática deste livro, a pessoa age como se não houvesse acontecido nada, não fala no assunto, trata dos pertences daquele que partiu como se o desencarnado fosse retornar a qualquer momento; não chora; coloca o prato à mesa para as refeições, como se toda a sua rotina não houvesse modificado, como se a morte não houvesse surgido em sua vida retirando do seu convívio um filho amado, deixando sua alma marcada, porque a morte marca a alma.

Em contrapartida surge o outro extremo que é a fixação na perda, ou seja, um prolongamento desnecessário da dor, segundo Alberto Almeida, *“o qual impede que a pessoa se coloque frente a esse evento inevitável em sua vida de maneira mais harmônica e adequada”*.

Obviamente que a dor da partida de um ente querido só o tempo vai acalmar. Todos nós estamos aqui na Terra para um dia partirmos, o que nós precisamos entender é que o que a gente sente falta mesmo é da perda do convívio.

A doutrina espírita não é sem motivo chamada de consoladora, ela nos oferece os elementos necessários para a compreensão da vida tanto aqui na Terra quanto no mundo espiritual. À medida que entendemos que não há mal que dure para sempre e que existem motivos para a dor, nossa alma se enche de esperança, de força, sofremos sabendo o porquê do sofrimento e tendo a certeza de que Deus em Sua infinita bondade e misericórdia não separa as pessoas que se amam.

Antigamente, quando alguém da nossa intimidade partia através da morte, nós dávamos um adeus eterno; hoje nós dizemos assim: *“até breve”*.



A tarefa de prosseguir

VELÓRIO PASSADO, SEPULTAMENTO realizado e a tarefa de prosseguir.

– Após o sepultamento a casa ficou tão vazia e aquela dor que não tem comparação, não tem tamanho, de saber que não vou ver meu filho tão cedo – dizia dona Alda.

Com as mãos trêmulas entre o rosto, sobrancelhas comprimidas numa inquietação para logo mudar a posição das mãos e lançar-me um olhar que jamais vou esquecer: olhar emudecido que falava em resignação.

– Deus sabe o que faz. O que eu peço todos os dias é que Ele me ajude para eu não acabar.

Para dona Alda é como se naquele dia 10/05/2012 o mundo tivesse parado, mas ao olhar ao seu redor ela percebia que não. O mundo não parou. As pessoas continuavam suas vidas, suas labutas diárias, o sol continuava nascendo e se pondo, o dia e a noite continuavam executando o seu papel, não faltava nada. Faltava sim,

faltava Marlon.

– Não tirei as fotos do lugar. Não fechei o quarto dele, no mesmo dia eu entrei, cheirei o lençol, apertei-o contra o peito e ainda pude sentir um pouquinho do seu cheiro. Tenho que aprender a lidar com a saudade. É uma saudade doída...

Depois de um tempo dona Alda começou a aprender a conviver com sua dor, sozinha... Pouco a pouco as visitas foram cessando e, conforme ela disse, “*a dor piorava*”. Ela tentava resgatar a rotina passada, ver o filho entrando pela casa ouvindo as músicas que enchiam o ambiente de alegria.

Ela sabia que essa tentativa seria impossível. Marlon não retornaria. Não da forma esperada. Mas, para alívio e consolo nosso, também em *O Livro dos Espíritos* os espíritos iluminados nos dizem:

A possibilidade de nos pormos em comunicação com os espíritos é uma dulcíssima consolação, pois que nos proporciona meio de conversarmos com os nossos parentes e amigos que deixaram antes de nós a Terra... Pelo pensamento, aproximamo-los de nós, eles vêm colocar-se ao nosso lado, nos ouvem e respondem. Cessa, assim, por bem dizer, toda separação entre eles e nós. Auxilia-nos com seus conselhos, testemunham-nos o afeto que nos guardam e a alegria que experimentam por nos lembrarmos deles. Para nós, grande satisfação é sabê-los ditosos, informar-nos, por seu intermédio, dos pormenores da nova existência a que passaram e adquirir a certeza de que um dia nós iremos a eles juntar.

Em conversa com uma mãe enlutada, ela revelou-me que logo no início, quando o seu filho desencarnou, era como se ela não vivesse, era como se “*fizesse tudo como se fosse um robô*”. Essa é uma sensação

muito comum. É uma espécie de catatonia, passando a agir de maneira automática, não tendo domínio da vontade nem de suas ações. É uma mistura que se dá na alma, uma parte continua a viver e a outra age como se não estivesse lá. A mãe enlutada sente que sua vida jamais será a mesma, e *“é como se eu tivesse morrido também”*, revela mais uma mãe a quem o luto abraçou.

Essa sensação é algo normal já que nos primeiros dias, semanas e meses do acontecido os pais em geral recebem as condolências, providenciam tudo, telefonam para a família, procurando qualquer coisa para se ocupar e afastar-se da realidade.

Não dá para prever o tempo que o luto irá durar na vida de uma mãe/pai. A psicologia diz que esta elaboração dificilmente se dará num período menor que um ano. Como cada um é cada um e cada caso é um caso, exatamente seis meses após a desencarnação do filho dona Alda já começava a elaboração e organização desse luto, já falava da perda, entendendo ser esse o melhor remédio para sua recuperação.

Já lembrava do filho sem tristeza, já estava em fase de domínio das manifestações psicológicas ou físicas que o luto provoca, já reorganizava sua vida e também se adaptava a novos papéis que se descortinavam a sua frente, apesar de toda saudade que sente.

- Depois de seis meses do acontecimento, separei as roupas de Marlon e doei a um albergue e para a família também. O pai ficou com o boné e algumas camisas, meu pai, o avô de Marlon, também ficou com algumas coisas, mas eu não fiquei com nada, a presença espiritual dele é mais importante.

Enquanto tantos ficam paralisados frente a uma situação tão dolorosa e única como a perda de um filho, dona Alda reage, dia a dia, minuto a minuto, hora a hora, afinal *“a vida tem que prosseguir”*, como ela mesma afirmou.



O culto do evangelho no lar

DONA ALDA DISSE que realiza em sua casa o culto do evangelho no lar, e quando tem a oportunidade de ter sua netinha passando uns dias em sua casa, elas o fazem juntas.

Certo dia estavam elas fazendo o culto quando sua netinha olhou para o “*invisível*” e começou a falar sozinha.

– Fui tomada de espanto quando ouvi minha neta dizer: “*Papai, oh papai!!!*”. Fiquei tão cheia de esperança, tão cheia de alegria, saber que meu filho estava ali conosco nos visitando. Eu perguntei: Onde está seu pai? Ela me olhou com um olharzinho triste e falou: “*Sumiu vovó. Papai fujão!*”. Eu sempre falo com Marlon: meu filho, se desligue daqui da matéria, sua filha a gente vai tomar conta. Eu quero que meu filho fique bem e eu sei que ele está bem.

Dona Alda permanece em sua trajetória de reconstrução interior, ainda elabora o seu luto. Vive-o um dia de cada vez. Não se incomoda com isso. Sabe que um dia a dor vai diminuir, a saudade ficará, mas a dor deixará de ser tão sufocante e perversa.

Quando a saudade a maltrata ela decide viajar. Embarca em direção a outras paisagens. Sai um pouco de casa, deixa por algum tempo o ambiente que ainda carrega o aroma de Marlon, sua voz, seu temperamento, embora leve tudo isso dentro de si.

Seu futuro de mãe velhinha ao lado do filho Marlon certamente não se concretizará, mas a crença numa vida futura, num lugar de paz, de alegria e de amor ao seu lado a motiva a continuar.



Mãe, não há adeus

DONA ALDA E todas as outras mães de luto podem ficar tranquilas, porque em geral, seus filhos são bem recebidos no mundo espiritual. Quando chegar o momento da desencarnação dos pais, eles estarão lá com toda alegria e entusiasmo a esperar por eles. Seleccionamos o poema “*Mãe, não há adeus*” do espírito Meimei, psicografado por Chico Xavier para que através dele os corações das mães de luto possam ser suavizados pela certeza do reencontro futuro que suas linhas traduzem:

Mãe, não há adeus

Mãe, teu filho não é somente teu...

Deus, que premiou as estrelas, o
firmamento, que encheu de luz a Terra,
que abençoou a natureza com
os pássaros canoros,

também fez o teu coração amoroso,
mãezinha querida!
Envolveu-me em teu ventre,
numa jornada de experiências inesquecíveis.
Possibilitou-me a ternura dos
teus gestos, a carícia do teu olhar.
Ensinou-me o teu coração
a amar, a escrever, a sonhar...
Mas a lei, lei bendita que dá
o começo e o fim de etapas,
marcou o meu retorno.
Não compreendeste, querida.
Busca-me tantas vezes nas
coisas que eu gostava,
nas brincadeiras que apreciavas,
nas pequeninas travessuras...
E quando eu cresci, achava-me
distante de ti, como se o
mundo ensaiasse o
treinamento para
a grande e inexorável
separação.
Parti do teu regaço, mas
aqui estou, no regaço amoroso do
Nosso Pai, que me ensina que a vida é a continuidade
numa nova dimensão,
que o amor continua sendo amor,
e que o entendimento das Leis Benditas é a
única forma de aliviar-te, para vestir de
esperança os teus gestos, aconchegando

ao teu peito outras mães que
ainda não têm a ventura
que tu já tens agora,
de poder guardar nos teus anelos
a certeza de que de cá e de lá, nesta nova
dimensão, nossas mãos podem se estreitar
novamente e dizer:
- Eu amo a vida! A vida é bela!
A vida vivida com Deus
traça caminhos de união e gratidão,
descobrimos que:
Com Jesus não há adeus.

Meimei

Dona Alda tem convicção de que seu filho vive e, assim como ela, anseia por notícias e costumeiramente é visitado pela saudade.

Ambos, mãe e filho, embora separados fisicamente seguem seus caminhos aprendendo, reparando, amando, e juntos, mesmo que distantes, sem o véu material que cobre nosso espírito, caminham na mesma direção: aquela onde o amor se revela e o adeus não mais existe.

Dona Alda, sabemos que não há nome para descrever tamanha dor. É angústia, é tristeza, é solidão, é vazio, é saudade, talvez seja muito mais do que tudo isso junto. Mas é esperança também, é certeza de que a vida continua, prossegue, que aqueles que nos antecederam ao túmulo frio vivem tanto quanto nós, são mais felizes estando mais libertos, embora sintam a mesma falta que nos invade.

Que notícia boa! A certeza de que a vida continua e que você, dona Alda, tem um anjo que não deixa a sua estrela parar de brilhar.

Que seja assim. Que assim seja.

PARTE II

UMA CRIANÇA CHEGA AO MUNDO ³ESPIRITUAL

*Não se preocupe com o que as
crianças vão fazer quando o Céu
as chamar de volta para casa.
Elas terão tarefas, lições e também
brincadeiras; muito mais do que
cabe neste poema.*

– Bryan Ray –





DIZ DORIS STOKES que *“as crianças são almas que beijam a Terra”*. Revestidas da candura própria do período infantil, elas são como flores que enfeitam o jardim das nossas vidas.

Talvez por isso, pelo frescor e leveza que uma criança oferece às nossas almas, sua morte causa tanto impacto. Esse fator leva muitas pessoas a perguntar por que Deus leva as crianças ainda pequenas à desencarnação e deixa aqueles que já são idosos e estão com os corpos já cansados e sem disposição?

Nas pesquisas que busquei para elaboração deste livro, pude conhecer mães que experimentam essa dor e não raramente indagam-se: *“Por quê? Por que isso aconteceu com nossa família?”*. Apenas quem já perdeu um filho pequeno sabe dimensionar o tamanho da dor.

Muitos pais imaginam que estão vivendo um pesadelo e que quando despertarem todo esse tormento irá passar. No entanto, a realidade perdura e invariavelmente os pais ficam perdidos diante dos fatos dolorosos. Alguns chegam a duvidar da misericórdia de Deus, culpando-O por imensa tragédia em sua vida e indagando-se com frequência: *“Por que meu filho tão pequeno, com um futuro tão promissor, foi embora tão cedo? Por que não eu? Por que não me levaram em seu lugar?”*. Esses são alguns dos questionamentos que são feitos

e que só obterão respostas à medida que o tempo for passando.

Mais uma vez salientamos que nestes momentos a família deve estar muito unida; deve-se também buscar uma religião que ajude a suportar essa dor indefinida e que parece ser infinita; outro ponto importante é acreditar que nada acontece por acaso; compreender que revoltar-se contra Deus e Seus desígnios não irá ajudar em nada e, por fim, entender que há momentos em nossas vidas em que devemos passar por determinados tipos de sofrimento para que despertemos nosso olhar para além do que podemos perceber atualmente.

Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita, dedica todo um capítulo em *O Livro dos Espíritos* para tratar das mortes prematuras. Divaldo Franco no livro *Divaldo Franco responde* esclarece-nos a respeito dessas mortes, afirmando que:

Essas desencarnações prematuras estão dentro da ficha evolutiva, não somente daqueles que devem retornar, que vêm à Terra apressadamente para cumprir um período que lhes ficou faltando em experiências anteriores, como também para propiciar àqueles que os amam a oportunidade da reflexão.

Fica evidente dentro da ótica espírita que essas mortes prematuras constituem-se uma provação para os pais, não para a criança. Ainda nas palavras de Divaldo:

O espírito no corpo infantil liberta-se, e, ao libertar-se do antigo débito, prossegue em evolução, em melhores condições. No entanto, para quem fica, a dor, a frustração constituem testemunhos muito sérios, que devem levar a profundas reflexões a respeito dos nossos limites e da

imortalidade, da sabedoria de Deus. Nessa provação, que muitas vezes tem o caráter expiatório, porque os genitores não conseguem superá-la com facilidade, o indivíduo deve voltar-se para os porquês e buscar em Deus a única solução, aliviando a dor com a certeza do reencontro futuro.

Um ponto a ser lembrado, e que serve de consolação para o coração aflito dos pais, é o fato de que nenhuma criança desencarna sozinha. O mundo espiritual fica bem atento ao retorno de cada criança ao seu lar de origem, os espíritos ficam a postos aguardando a sua chegada.

Quando uma criança retorna ao mundo espiritual, é recebida carinhosamente, independente do tipo de morte que sofreu, se em decorrência de um acidente ou de doenças convencionais. Divaldo Franco nos diz que:

Espíritos generosos que lhes programaram a reencarnação recebem-nas e as conduzem a verdadeiros educandários, por falta de uma outra palavra, que são colônias onde se vão desenvolvendo, como se estivessem na Terra.

Pode acontecer também de a criança, quando chegar ao mundo espiritual, ser recebida por algum ente querido que já se encontre do outro lado e que ela conheça: uma avó, um avô, uma tia, um tio, um primo, um pai, uma mãe, um irmão, ou outra pessoa que seja importante para ela, ou ainda, pode ser recebida por alguém que ela nunca tenha conhecido nesta encarnação, alguém com quem tenha se relacionado em existência anterior, ou também por espíritos que se dedicam ao auxílio à desencarnação na infância e que nutrem profundo amor e carinho pelas crianças.

A doutrina espírita nos esclarece que quando uma criança

desencarna, seja por acidente ou por morte natural, a primeira coisa que experimenta é uma sensação de liberdade. É como se deixasse para trás uma roupa bem pesada, entrando no mundo espiritual sem dor, sofrimento, desconforto, porque estes desaparecem. Ao contrário do que comumente acontece com um adulto, a criança quando retorna ao mundo espiritual está livre de sobrecarga emocional.

O orador e escritor espírita Richard Simonetti nos diz em seu livro *Quem tem medo da morte* que:

A desencarnação na infância, mesmo em circunstâncias trágicas, é bem mais tranquila, porquanto nessa fase o espírito permanece em estado de dormência e desperta lentamente para a existência terrestre. Somente a partir da adolescência é que entrará na plena posse de suas faculdades.

É inegável que a desencarnação de uma criança, por comover até mesmo aqueles que a família mal conhecia, pode causar um desconforto a ela, afirmativa que leva Richard a ponderar que:

O problema maior é a retenção, formada com intensidade, porquanto a morte de uma criança provoca grande comoção, até mesmo em pessoas não ligadas a ela diretamente. Símbolo da pureza e da inocência, alegria do presente e promessa para o futuro, o pequeno ser resume as esperanças dos adultos que se recusam a encarar a perspectiva de uma separação.

O espírito de uma criança ao chegar ao mundo espiritual, assim

como o espírito daquele que desencarnou na fase adulta, também se torna sensível às lembranças daqueles que ficaram.

Embora já estando sob os cuidados dos bons espíritos, isso não impede que elas consigam ouvir as preces e sentir os pensamentos daqueles que ficaram, talvez por este motivo, o desequilíbrio, a revolta dos pais que os leva a gritar de dor e tristeza, seja algo difícil de ser suportado por elas.

Diante disso os emissários celestiais terão duas tarefas a desenvolver com as crianças. A primeira consiste em ajudá-las a se adaptar em seu novo lar; a segunda em promover, no momento adequado, um reencontro entre elas e seus pais, o que geralmente se dá através dos sonhos.

Quando chegar o momento da desencarnação dos genitores, elas os receberão exatamente com as características que tinham no período em que desencarnaram para que sejam reconhecidas por eles. Segundo Divaldo, *“a alegria desse momento renova os genitores saudosos”*.

Os pais que hoje se debruçam sobre o túmulo frio de uma criança muito amada, nas palavras de Richard Simonetti, *“compreenderão um dia que a separação de hoje faz parte de um programa de maturação espiritual que lhes ensinará uma união mais íntima, uma felicidade mais ampla e duradoura no glorioso reencontro que **inelutavelmente** ocorrerá”*.

Diante dos relatos de tantas mães que sofrem com a partida prematura de seus filhos, eu pude perceber que após este acontecimento essas mães seguem à procura de novas direções e em consequência da dolorosa experiência aprendem lições. É exatamente isso o que veremos adiante com a história que iremos contar.



“Um anjo de luz”

IBICARAÍ, CIDADE DO interior da Bahia. O ano, 2012. A cidade encontrava-se em polvorosa. A movimentação era gigante. Era ano político. As cores predominantes eram azul e vermelho. De um lado movimentações de cor azul, do outro movimentações de cor vermelha. Duas cores, dois oponentes.

Aquela última semana do mês de agosto corria célere. Grandes acontecimentos políticos estavam marcados para o fim de semana. Era preciso correr, concentrar-se, organizar-se. As pessoas não falavam em outra coisa a não ser nas cores azul e vermelha. Tudo corria muito bem. A ansiedade tomava conta das pessoas e no meio delas uma em especial. Seu nome? Monalisa.

Enquanto a agitação na pequena e acolhedora cidade de Ibicaraí seguia seu curso, no coração daquela mulher algo estava fora do lugar. Uma sensação estranha, uma angústia, um pressentimento, a verdade é que algo não estava bem. Ela nem imaginava a grande prova pela qual seria submetida.

Monalisa Tavares, médica pediatra, candidata à Prefeitura da cidade de Ibicaraí, filha, esposa, amiga e, acima de tudo, mãe de quatro filhos, assim era ela.

Uma passeata estava sendo organizada pelo partido do qual ela fazia parte para o dia 1º de setembro, o sábado seguinte à última semana do mês de agosto. Os planos eram para que a grande avenida da cidade se tornasse azul completamente. O que ninguém esperava era que os acontecimentos tomassem outros rumos.

- Durante toda a semana eu fiquei angustiada - dizia ela. - Achei que a angústia era devido à passeata que estava marcada. Seria uma passeata muito grande que estava sendo preparada há muito tempo. Estavam vindo muitas pessoas de todos os lados.

Na verdade, toda essa angústia vivenciada pela doutora Monalisa, como é carinhosamente chamada na cidade, era um pressentimento da tragédia que se abateria sobre sua família.

A tragédia aconteceu no dia 1º de setembro de 2012. O filho de Monalisa Tavares, Kléber Tavares Vieira, conhecido carinhosamente e popularmente como Klebinho, um garotinho de apenas três anos e meio de idade, foi encontrado morto, vítima de afogamento na piscina da sua própria casa.

Naquele dia a cidade que estava agitada em função dos acontecimentos políticos que se desdobrariam cedeu espaço à comoção.

Naquele longínquo e tão próximo sábado a movimentação não existiu. A comoção tomou conta da cidade. Não se via o vai e vem tão costumeiro daqueles dias que antecederiam as eleições, havia, sim, uma dor estridente que vinha do peito de uma mãe, uma dor sem medida e sem nome e que se fez sentir por todos, e também por aqueles que vestiam uma cor de camisa que não era a sua.

Não se conseguia avistar mais as duas cores de outrora: azul e vermelho. Vislumbrava-se uma mistura de cores resultando na cor da fraternidade e da solidariedade.

Aquela mãe precisava de um carinho, precisava de um abraço, os habitantes da cidade compreenderam essas suas necessidades e não

se furtaram em doá-los.

Na realidade sua história comoveu-me desde o início.

Uma vida marcada por “perdas” e marcada também por um jeito bem próprio de saber continuar. Monalisa conseguiu extrair ensinamentos de cada dor que passou. Cada uma deu-lhe um jeito novo de enxergar a vida. No entanto, essa dor, a de “perder” um filho, fê-la compreender o significado de duas palavras profundas e que somente uma dor aguda foi capaz de fazê-la ver: perdão e tolerância.

– Uma perda desse porte traz mudanças de valores – como ela mesma definiu.

Hoje, passado pouco tempo da desencarnação do nosso pequeno Klebinho, a doutora Monalisa aceitou receber-me em sua casa para falar a respeito do assunto.



O filho do coração

CHEGUEI EM SUA residência também em um dia de sábado, só que no período da tarde, parei à porta, toquei a campainha e uma voz um pouco rouca e ao mesmo tempo aveludada atendeu o interfone:

- Quem é?

- Cristiane, tenho um encontro marcado com Monalisa - respondi sem saber o que estaria me aguardando.

Preparei-me para permanecer serena, tranquila, pois supunha Monalisa necessitasse dessas vibrações calmantes de paz.

Para minha surpresa fui recebida por uma mulher alta, formosa, bela, cabelos escuros e presos, óculos de grau, vestida com um vestido florido e longo e, para completar a sua beleza, um sorriso.

Era Monalisa que, pessoalmente, me recebia e me convidava para adentrar no seu espaço e conhecer um pouco a sua vida.

Não pude furtar minha visão de perceber pendurado em seu pescoço um colarzinho cujo pingente era um cachinho de cabelo. Sem que ela nada me dissesse compreendi a mensagem, era mais

uma lembrança de Klebinho que ela fazia questão de carregar no meio do peito, onde fica situado o maior símbolo físico de afeto, que é o coração.

Sem que eu indagasse qualquer coisa ela foi revelando:

– Tá vendo esse cabelinho aqui?

Respondi afirmativamente com a cabeça para ela prosseguir:

– É dele, é de Klebinho. Carrego aqui, bem pertinho de mim.

Aquela frase carregava uma certa angústia, foi o suficiente para que eu pudesse perceber o tamanho do rombo que ela carrega no coração.

Com uma simpatia tão íntima convidou-me para sentar.

Logo na entrada da sala de visitas, deparei-me com uma pintura singular e linda pendurada na parede. Era uma pintura grande que tomava a parede quase toda. Ela retratava Monalisa com o pequenino Klebinho todo de branco sentadinho em seu colo e seu esposo Kléber, que é pai de Klebinho, com Welber, filho adotivo de Monalisa nos braços. Uma família feliz. Não havia dúvidas.

Entre lágrimas que caminhavam abraçadas a um sorriso tímido, ela apontou-me a pintura para afirmar:

– Parece um anjo, não é? Todo de branco.

Contemplei a pintura e pude perceber os detalhes. Klebinho realmente parecia um anjo no sentido de transmitir em seu pequeno corpo infantil toda ternura própria dos inocentes e toda candura que somente os infantes possuem. Percebi também que ele sorria, logicamente por sentir-se protegido por aqueles que representavam a seus olhos o maior símbolo de amor: sua mãe e seu pai.

Sentei-me ao seu lado, em um sofá enorme, em uma sala muito grande para ouvir de Monalisa relatos de um acontecimento grandioso.

Ao sentar-me, constatei a presença de uma criança que brincava em um computador. Uma criança de aproximadamente cinco/seis anos de idade, e ela com toda gentileza apresentou-me:

– Esse é o meu filho do coração, depois que tudo aconteceu, nós ficamos mais próximos, mais unidos. Toda essa dor aproximou

muito a gente.

A doutora Monalisa Tavares tem um filho ao qual ela mesma se referiu carinhosamente como “*filho do coração*”.

Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XIV nos diz:

Não são os da consanguinidade os verdadeiros laços de família e, sim, os da simpatia e da comunhão de ideias, os quais prendem os espíritos antes, durante e depois de suas encarnações.

A maternidade e/ou paternidade adotiva é muito importante e especial. Apesar de aquele ser que hoje nos acompanha fisicamente e intimamente, desfrutando o nosso amor, não ter vindo de nós, do nosso útero, veio para nós através das leis da vida que tudo rege e das quais ninguém escapa, e todo aquele que se compromete com a adoção deve ter certeza de seu compromisso.

Conforme já nos sugeria o orador espírita Raul Teixeira: “*Aquele que tem amor para dar que dê*”, o que resume muito bem a posição de Monalisa. Imbuída de amor para dar, não hesitava em repartir com aqueles que necessitavam, e “Bê”, seu filho do coração, como ela carinhosamente o chama, vive inundado nesse mar de amor com que ela o presenteia todos os dias.

E lá estávamos os três: eu, na condição daquela que ouve, a mãe na condição daquela que fala e “Bê”, na condição daquele que observa e preocupa-se nas incontáveis vezes em que as lágrimas aparecem.

Enquanto conversávamos naquela tarde, ela quase sufocando, com as lágrimas querendo saltar-lhe dos olhos, o filho do coração que estava próximo veio até ela num gesto lindo, daquele que se preocupa com quem ama, para Monalisa, com sabedoria, devolver-lhe a leveza da mente dizendo-lhe:

– Não, Bê, mamãe não está triste não, só estou conversando.

O pequeno “Bê” entendeu e saiu.

Agora era a minha hora, a hora em que ela haveria de dedicar-me suas mais íntimas memórias. Monalisa era mais uma mãe enlutada que eu visitava. Já estava envolvida demais nesse terreno que conduz à dor dilacerante e crônica que é a perda de um filho.



A hora de falar

SEPARAÇÃO É SEMPRE triste. Mesmo sabendo que toda separação é momentânea, a palavra em si é envolvida em torno de dor. Em todo trabalho que realizei e realizo com mães enlutadas, todas, sem exceção, falam da dura realidade de encontrar-se longe fisicamente do filho amado. “É viver um dia de cada vez”. É a frase que norteia a vida de todas elas.

Viver um dia de cada vez, vencendo a dor, a tristeza, a falta, a distância. Hoje, compreendo que viver um dia de cada vez é tarefa para poucos. Para muitas dessas mães essa dor fez com que elas percebessem que o amor deve ser diário e concreto. Não deixar para amanhã a manifestação de amor que se pode fazer no dia de hoje, afinal, amanhã não sabemos onde estaremos e essa manifestação já não poderá ser feita. Ao menos como gostaríamos que fosse.

Amanhã pode ser tarde. Poderemos não ter mais a materialidade desse ser tão importante ao nosso lado. Amanhã esse ser poderá ter ido embora e o dia do reencontro pode demorar. As consequências

desse afeto recolhido também podem ser dolorosas. Aproveitar o tempo para dizer às pessoas que amamos que as amamos é importante. Aproveitemos enquanto ainda as temos diante dos nossos olhos, abracemos, olhemos em seus olhos e digamos sem medo o quanto elas são especiais.

Minha querida Monalisa, ousa dizer que você não está só nesta batalha. Muitas Marias caminham com você. Vivem um dia de cada vez e descobriram com essa labuta diária o quanto são capazes e que podem realizar maravilhas.

No primeiro encontro que tivemos, percebi também o quanto ela estava saudosa, como se buscasse no ar a presença material do filho. Mesmo sabendo da sua existência espiritual, naquele dia, ela tinha necessidade do seu abraço.

- Hoje, o primo predileto de Klebinho veio almoçar aqui em casa. Tinha também uma amiguinha que veio com os pais. Pude ver as crianças correndo, brincando, não tive como não lembrar do meu filho. Acho que tudo o que aconteceu durante o dia me deixou assim com muita saudade.

Muito compreensível. Após a morte de um filho imagina-se que fica o coração muito mais apertado, com um peso muito grande para carregar. Encontrar aqueles que remetem a momentos vividos ao seu lado é muito doloroso num primeiro momento. Ver outros pais com todos os filhos, a família toda completa, reunida e saber que na sua família falta um, dói. E tão compreensível quanto, é pegar-se pensando no filho querido que deixou o veículo físico.

Preocupe-me com Monalisa. Não gostaria de vê-la sofrer. Sugeri que parássemos se fosse doloroso demais falar sobre o acidente, já que fazia apenas seis meses e alguns dias. Tudo é muito recente. A presença de Klebinho ainda é muito viva. Mas o fato é que sempre será.

Naquele momento fui surpreendida pela força daquela mulher, que, apesar da saudade, olhou-me resoluta para concluir:

- Hoje eu resolvi contar tudo. Acho que chegou a hora.

Para logo em seguida dar início a sua peregrinação dentro de si,

das suas lembranças e dos seus sentimentos. Teria que rememorar tudo. Suspirou levemente e começou a narrar de uma forma muito bonita, como que perscrutando a personalidade do filho querido.

– Klebinho era muito intenso. Se era para brincar, brincava muito, se era para correr, corria muito, parecia um adulto. Seu pensamento era além da idade, era um adulto dentro de uma criança.

Neste ponto podemos fazer o seguinte questionamento: Quem são as crianças? De onde elas vêm? O que trazem dentro de si?

O Livro dos Espíritos revela mais uma indagação feita por Allan Kardec aos espíritos superiores:

Questão 379: É tão desenvolvido, quanto o de um adulto, o Espírito que anima o corpo de uma criança?

Pode até ser mais, se mais progrediu. Apenas a imperfeição dos órgãos infantis o impede de se manifestar. Age conforme o instrumento de que dispõe.

Depreende-se dessa questão ser a criança um espírito milenar. Já viveu antes, amou, odiou, lutou, sofreu, sorriu, e a soma dessas experiências ela traz consigo. A família da qual faz parte, as dores, as alegrias, aptidões inatas, facilidades de aprendizagens precoces, tudo tem relação com experiências passadas. Nada fica perdido no tempo.

Por essa razão, há crianças que realmente parecem ser adultos miniaturizados. Têm uma maturidade. Falam e agem como se já compreendessem da vida muito mais do que seus poucos anos puderam ensinar. É que na verdade são conquistas que elas já trouxeram. Por isso, tão comum ver certos pais parecerem mais jovens que seus filhos psicologicamente falando.

Klebinho Tavares, como muitas outras crianças, reencarnou trazendo com ele um passado e um amontoado de experiências, por essa razão, parecia tão além dos seus poucos três anos e meio de

idade cronológica.

Renasceu no seio da família Tavares Vieira por laços de afinidade, já que *“a família é constituída geralmente por espíritos afins”*, O Livro dos Espíritos questão 203, para aqui e ao lado dos companheiros de jornada continuar aprendendo.

Um fato interessante revelado por Monalisa foi a angústia vivenciada por ela na semana em que Klebinho fez a *“passagem”*, como ela mesma gosta de dizer.

Na terça-feira anterior ao sábado em que Klebinho desencarnou, Monalisa estava prestes a sair para dar plantão em um dos hospitais nos quais ela trabalha, neste dia, em um lugar chamado Água Doce, próximo à pequena cidade de Ibicuí, também interior da Bahia, lugar esse que fica próximo à fazenda da sua família, e foi tomada de surpresa, quando viu Klebinho chorando dizendo que queria ir com ela.

Na tentativa de negociar com o pequeno ela disse que o levaria, mas com uma condição: *“teria que ficar com o pai na fazenda”*.

Naquela terça-feira, seu esposo Kléber estaria indo ver como estavam *“as coisas”* na fazenda, mas antes de ir para lá, deixaria Monalisa no hospital.

Fato marcante foi o relatado por ela ao relembrar a pequena viagem que fizeram naquele dia.

- Na estrada eu tive a nítida sensação de que ia acontecer um acidente. Eu disse a Klebinho que criança tem que ir atrás, mas acabei deixando ele ir um pouco em meu colo. Eu tinha a nítida impressão de que iria acontecer um acidente, então eu o abracei com tanto amor, com tanto cuidado, pensei: se acontecer alguma coisa eu vou protegê-lo.

Quando chegaram ao local desejado Monalisa disse sentir um *“alívio tão grande por nada de ruim ter acontecido”*. Mas, o pequeno Klebinho ao chegar mudou o trato. Desistiu de ir à fazenda com o pai para ficar no consultório com a mãe.

- Ele sempre gostava de ir comigo para todos os lugares. Estávamos sempre juntos.

Na sexta-feira, véspera da passeata, a irmã de Monalisa estava se formando no curso de psicologia. Uma alegria para toda a família que comungava dessa realização. Uma formatura “*muito esperada*” – completou.

– Eu pensava: até que enfim minha irmã vai se formar.

Essa frase trouxe ao seu rosto um certo contentamento quebrando um pouco que fosse as marcas das dores.

A rotina em sua vida relacionada aos filhos era a mesma. Apesar de possuir uma babá, sempre que precisava sair para algum evento ou compromisso no período noturno, seus filhos eram entregues aos cuidados da sua mãe, em função da referida babá não passar as noites em sua casa.

– Neste dia específico eu pedi à babá para dormir aqui em casa com eles. Já que era formatura da minha irmã toda a família estaria presente, inclusive minha mãe.

Era um dia de conquista para toda a família. Um dos seus membros muito querido alcançara a realização de um sonho. Todos estavam em festa. Todos. Exceto Monalisa.

– Lá na formatura algo não estava bem.

Monalisa a essa altura já estava envolvida em emoção. E eu também. Mergulhar nesse terreno da dor que as mães enlutadas carregam é movediço demais. Quanto menos você espera, já está tomado de emoção. Há uma empatia, uma cumplicidade. Sem perceber, trazemos para nós uma dor que não é nossa, mas que ao mesmo tempo passa a ser. Nasce o desejo de proteção daquela mãe. Nasce também a necessidade de mudança de novos paradigmas para com nossa família, para com nossos filhos. Nasce, por fim, a mais pura verdade, que por ser a morte algo extremamente natural, a qual nos acolherá hoje ou amanhã, e a nossos filhos também, a conscientização de que o momento do amor é hoje.

Enquanto todos os envolvidos na formatura da irmã de Monalisa já estavam no local do evento ou a caminho, ela ainda encontrava-se em sua residência. Estava mais que atrasada e sabia disso. Ainda estava arrumando-se.

- Estava em casa eu, “Bê”, a babá e Klebinho.

Neste momento ela pareceu voltar no tempo. Olhava para a casa, para a sala na qual estávamos como se estivesse vendo novamente cada movimento vivido naquele dia.

Seu olhar percorria os móveis, o solo, todo o ambiente como se revendo toda a vitalidade do filho Klebinho deixada naquele lugar.

Fechou os olhos e sua memória trouxe à tona uma lembrança muito querida: Klebinho ali naquela sala, em seus braços. Naquele dia ela ainda podia desfrutar do seu contato físico. Seus olhos ainda podiam encontrar os dele. Seus braços ainda podiam entrelaçá-lo e seus ouvidos podiam escutar as risadas dele.

Agora a realidade é outra.

Como se algo a devolvesse àquele momento e a trouxesse de volta à dura realidade de viver sem Klebinho aqui, ela retoma a lucidez para continuar:

- Enquanto eu terminava de me arrumar, percebi que Klebinho estava aqui pela sala meio sonolento. Falei com ele: Klebinho, você não está com sono, não? Vai dormir, vai. Ele me respondeu zangado: *“Não quero dormir!”*.

E ali na sala da sua casa a realidade era: ela pronta para ir à formatura da irmã e ele, Klebinho, zangado.

- Fiquei tão triste, porque ele foi dormir zangado comigo.

Agora quem falava por ela eram as lágrimas que naquele momento revelavam um desejo secreto: voltar no tempo e ficar ali com ele. Não ir à formatura, abraçar seu filho e juntos dormir.

Não podia. Não mais.



O pressentimento

TALVEZ FOSSE ISSO que a machucasse tanto. A sensação de que poderia modificar o curso dos acontecimentos. Não, Monalisa, ao menos, nesse caso, não haveria mudanças.

Hoje ela compreende essa afirmação. Já consegue relembrar essa mesma cena com tranquilidade. O entendimento devolveu-lhe a paz.

Ainda imersa nas lágrimas doídas, ela precisava respirar para prosseguir em suas lembranças:

– Alguma coisa muito forte me segurava. Eu não queria ir para a formatura. Esperei ele adormecer, peguei-o no colo e o coloquei na caminha dele.

Sair de casa certamente naquele dia foi algo extremamente difícil. Colocar o corpinho do filho já adormecido na cama, olhá-lo e sentir um aperto no peito e ter que sair carregando a incerteza da angústia no coração não deve ter sido uma tarefa fácil.

Aquele foi o último olhar enquanto ambos na matéria. Foi a última birra. Foi a última vez que ela teve o privilégio de carregá-lo nos

braços.

Rumou em direção à formatura em outra cidade com o coração em aperto e pesado.

- Cheguei à formatura já muito atrasada e não consegui me divertir. Fui embora cedo. Quando cheguei em casa fui até o quarto das crianças, estava cada uma dormindo em sua cama e a babá em um colchão. Dei um beijo em cada uma e fui dormir.

Sua rotina de mãe amada era muito intensa. Era agraciada todas as manhãs, exatamente às seis com o pequeno Klebinho que despertava e ia ao encontro do aconchego dos pais no quarto ao lado do seu.

Momentos felizes, significantes, que ficaram marcados.

No dia em que tudo aconteceu, Klebinho a buscou e buscou ao pai no mesmo horário de sempre, às seis da manhã, e por ali em seu pequeno paraíso permaneceu por um tempo.

Talvez inconscientemente quisesse despedir-se. Quem sabe? A verdade é que ele os buscou, pai e mãe, e os deixou com o último carinho, o último beijo, o último cheiro e a eterna certeza de que aquele triângulo deu tão certo que o amor sobrevive à morte. *“A morte não mata o amor, te amo pra sempre meu filho”*, como nos sugere uma declaração feita por Monalisa.

Como se sua despedida estivesse completada, já pelas sete e trinta Klebinho decide levantar-se:

- Meu marido levantou com ele e o levou até a babá entregando-o aos cuidados dela. Dizendo a ela: *“Olha Klebinho, eu vou dormir mais um pouquinho, tá?”*.

Eles estavam cansados devido à festa de formatura do dia anterior e nem imaginavam o que aconteceria. Não podiam imaginar. Mas como não temos o dom de saber o que o futuro nos reserva, não podemos evitar tais acontecimentos que nos chegam de maneira inesperada.

Muitas vezes, no momento em que o fato doloroso nos chega, nossos olhos, embaçados pela dor que o acontecimento causa, não conseguem perceber que podemos tirar preciosas lições daquilo que para nós naquele momento é insuportável.

- Passados uns dez minutos tudo aconteceu. Foi tudo muito rápido. A babá disse que quando foi abrir o portão ele correu. Eu ouvi o grito dela "*Klebinho caiu na piscina*". Naquela mesma hora eu dei outro grito: Klebinho tá morto!

Ela já sabia. Ela vinha tendo essa impressão de que algo muito forte estava por acontecer, uma espécie de pressentimento. "*Eu já sabia... antes de vê-lo, meu coração já me dizia que meu filho estava morto*", repetia mais uma vez.

É comum, sim, o pressentimento das principais provas às quais seremos submetidos. Em *O Livro dos Espíritos*, questão 522, há uma explicação para esse fato que merece destaque.

O pressentimento é sempre um aviso do espírito protetor?

É o conselho íntimo e oculto de um espírito que vos quer bem. Também está na intuição da escolha que se haja feito. É a voz do instinto. Antes de encarnar, tem o espírito conhecimento das fases principais de sua existência, isto é, do gênero das provas a que se submete. Tendo estas caráter assinalado, ele conserva, no seu foro íntimo, uma espécie de impressão de tais provas e esta impressão, que é a voz do instinto, fazendo-se ouvir quando lhe chega o momento de sofrê-las, se torna pressentimento.

Monalisa saiu em direção à voz aflita que vinha de dentro da sua casa para deparar-se com a cena mais triste e mais forte da sua vida: a babá carregando seu filho nos braços, sem vida.

- Coloquei-o no chão e tentei reanimá-lo de todas as formas. Fiz tudo o que estava ao meu alcance. Tudo... tudo... - dizia ela entre soluços.

Aquele tudo ecoou pela casa como uma forma de lamentação. De impotência. Ser médica não poderia ser um requisito para que ela

pudesse ter salvado a vida do filho? Não foi.

– Tive uma sensação horrível de impotência. Já salvei tantas vidas. Meu sobrinho, por exemplo, eu o encontrei na mesma situação que Klebinho há uns meses, ele já estava boiando com o rosto para baixo dentro d'água, cianótico, eu dei as massagens de ressuscitação e ele voltou.

Um suspiro tão longo foi ouvido vindo da sua alma. Fui capaz de senti-lo. Naquele momento Monalisa angustiou-se. A impressão que tive foi de que ela ainda buscasse uma explicação para o fato de não ter podido salvar seu pequeno tesouro. Compreendi, então, que naquele momento ela precisava voltar naquele dia 1º de setembro de 2012 para se certificar mais uma vez de que fez tudo o que pôde.

Ela precisava ter certeza de que tudo fez. Ficou retida no tempo por alguns longos minutos para, depois da visualização interior que ela mesma buscara, certificar-se que, sim, fez tudo o que estava ao seu alcance.

Mais calma e serena, encontrou forças para prosseguir:

– Deus é tão misericordioso que permitiu que isso acontecesse com meu sobrinho meses antes pra eu saber que era a hora de Klebinho.

Feita a afirmação de resignação diante daquilo que não se pode mudar, rememorou o momento em que insistia na ressuscitação do pequeno.

– Meu marido, quando viu que ele não reagia, disse que queria levá-lo para o hospital. Eu falei que não ia adiantar porque ele já estava morto, mas ele insistiu tanto que eu o entreguei.

Suas mãos entrelaçavam-se nesse momento. Era muita emoção. Sua família, que havia menos de uma hora estava completa, encontrava-se então desfalcada. Como consolar? Como digerir um acontecimento tão grande? Como será de agora em diante? Essas indagações provavelmente visitaram seu íntimo atingido e dilacerado por uma dor cruel.

Entre soluços discretos e uma voz entrecortada que às vezes não se ouvia ela prosseguia:

– Me ligaram do hospital dizendo que lá não tinha médico, eu fui

até lá. Quando cheguei Klebinho ainda estava com a roupinha molhada. Eu não tentei reanimá-lo, o que eu fiz foi abraçá-lo, beijá-lo, dar carinho, amor, pois sabia que no outro dia eu não poderia mais fazer isso.

Naquele dia, o que ela queria mesmo era ir embora do hospital, voltar para casa, e era com dor que ela dizia:

- Queria voltar do hospital para deitar na caminha dele, sentir o cheirinho dele.

Foi o que ela fez.

Ao chegar em casa uma surpresa: seu adversário político a aguardava, não mais envolvido com a cor do seu partido político e, sim, com a cor da paternidade. Pai que é, compreendia muito bem o que aquele momento representava. Abraçou-a e deixou que a solidariedade dissesse por ele aquilo que sua voz embargada diante do acontecimento não conseguia pronunciar.

Monalisa aceitou o abraço daquele pai, a tentativa de conforto que vinha daquele homem, em seguida dirigiu-se ao quarto para mergulhar nos lençóis, na cama e no cheiro daquele que jamais se apartaria dela mesmo diante da morte: seu filho.

Enlaçou-se na almofada que enfeitava a cama e ali deixou-se cair. Pôde deixar-se ser uma mãe fragilizada, carente e muito dolorida. No primeiro momento só é dor, aquela que por mais remédio que se tome não passa, pois vem da alma. É a alma que sofre, é a alma que chora.

Quantas e quantas vezes ela quis voltar no tempo como se pudesse evitar todo aquele mal.

- Quis voltar no tempo. Pensava: por que não o levei para a formatura, assim ele teria dormido comigo e acordaria quando todo mundo estivesse acordado.

A pergunta é: será?

Uma experiência vivida por Monalisa e que vale a pena ser mencionada é que, uns quinze dias antes da partida de Klebinho, foi procurada por uma mulher bem humilde pedindo para ela dar uma olhadinha no filho pequenino que estava doente.

Com especialização voltada para crianças não se furtava em cumprir seu dever sagrado de trabalhar na preservação da vida. Mas naquele dia faltou-lhe recursos para fazer mais.

Pegou a criança, não foi preciso muito para constatar que aquele pequenino precisava ir a um hospital.

- Você precisa levá-lo para um hospital urgente!

Aquela criança precisava de "*hidratação venosa*". Pouco tempo depois recebeu a notícia de que a criança havia morrido.

- Fui ao velório. Quando cheguei lá, chorei muito, fiquei com pena daquela mãe. Ver aquele corpinho no caixão. Não poderia imaginar que dali alguns dias eu estaria sentindo a mesma dor.

A dor é idêntica em todas as mães. Quando visualizamos a escultura famosa de Michelângelo com sua Pietá, percebemos o olhar perdido e abatido, a boca comprimida e provavelmente seca, as mãos com suavidade segurando algo muito precioso no colo: o filho morto.

Pietá retrata a dor da despedida daquela mãe chamada Maria de Nazaré, que sentia assim como tantas outras mães uma dor intensa e sem tempo para curar. Revela também que seria capaz de encontrar na mensagem do filho que acabara de ver partir a certeza de que só há vida e é para a vida que caminhamos todos... todos os dias.

Foi essa a mensagem que seu filho iluminado Jesus Cristo nos deixou ao aparecer no 3º dia: só há vida e vida em abundância.



O velório feito em casa

MUDANÇAS NA POSIÇÃO dos móveis. Era necessário espaço. A movimentação era grande. Nada se falava, as palavras naquele dia perderam o sentido. Só havia emoção e pesar.

A casa precisava estar organizada para receber um filho amado, sem vida, inerte em um caixão. Nos dias seguintes, seria a casa interior de cada um que precisaria se recompor e reorganizar-se.

A morte causa uma bagunça íntima monstruosa, no entanto, é necessário após o ocorrido colocar todas as emoções e sentimentos em seu devido lugar. Como fazer? Boa pergunta, o tempo responde a cada um e cada um compreende do jeito que pode. O que não pode faltar? Fé. É ela que segura, que levanta e dá o sustento para prosseguir.

Com a alma em frangalhos, eis que chega outro momento difícil: esperar o protagonista para tomar seu lugar no centro da sala agora vazia e da atenção de todos. Que espera difícil!

– Quando ele entrou em minha casa dentro de um caixãozinho não

pude deixar de pensar: quando vou estar com meu filho, abraçar, beijar de novo?

Ela olhava para a sala como se estivesse visualizando cada detalhe daquele dia. Apontou para o centro onde o caixão ficou durante todo o tempo e falou:

– Ele estava com uma fisionomia tranquila, serena.

Quando o caixão tomou seu lugar no centro da sala, não houve nenhuma outra alternativa para Monalisa a não ser deixar-se invadir pela sensação que durante toda a semana fora sua companheira: a angústia, e que agora dava as mãos a um outro tipo de sensação: a de vazio.

– Quando vi meu filho no caixão, pensava: meu filho ali, mas ele não está mais ali. Aquela sensação de despedida, de saber que amanhã ele não vai mais estar comigo. Queria estar próximo, abraçar, fiquei ao lado do caixão o tempo todo dando todo o carinho que eu ainda podia dar.

Durante o velório não foi somente a babá quem Monalisa foi capaz de consolar, mas também outras tantas pessoas que não conseguiam assimilar tamanho sofrimento.

As pessoas iam chegando e chorando, chegando e chorando: *“Quando eu já estava melhor alguém chorava perto de mim, aí eu desabava de novo”*.

Naquele dia, é como se todas as pessoas daquela cidade sentissem a necessidade de ir até a sua casa e segurar sua mão, dividir sua dor, dar um abraço acolhedor. A cidade chorava com ela.

A manifestação de carinho da população de Ibicaraí foi tão grande, que foi necessário fazer um cordão de isolamento próximo ao caixão para controlar a quantidade de pessoas que queriam aproximar-se de Monalisa e despedir-se de Klebinho.

E ela segurava o pranto o quanto podia para ir ao encontro dos corações que dividiam a sua dor.

Seu esposo, sofrendo tanto quanto ela, ficou o tempo todo sentado em um sofá que havia sido colocado em um canto da sala em que Klebinho estava sendo velado.

- Ele não queria ficar perto, não queria ver, só se aproximou na hora em que o padre chegou para fazer a despedida.

Sempre quando alguém “perde” um filho, imagina--se de imediato o sofrimento da mãe, coloca-se para segundo plano o sofrimento do pai. No entanto, ele também sofre, também chora.

Foi o que nos revelou Kléber em um dos momentos em que esteve presente em nossos encontros deixando- -nos uma lição.



Kléber e Klebinho: pai e filho

IMPRESSONANTE A SEMELHANÇA dos dois. Suas características físicas eram muito grandes e os gostos, as tendências também.

Ambos eram muito alegres, gostavam muito de fazenda e de cavalos. Possuíam também uma qualidade incomum: gostavam de trabalhar. Embora Klebinho ainda fosse um garotinho de apenas três anos e meio de idade, essa qualidade de gostar do trabalho era algo perceptível nele, que já despontava.

Outra semelhança: amavam-se e continuam se amando. Sentem saudades um do outro e Kléber, ou “Binho” para os íntimos, não raras vezes se vê envolvido em indagações de como tudo estaria indo se a morte não tivesse chegado e levado o pequeno para longe dos seus braços e longe dos seus olhos.

Enquanto estávamos ali, em sua casa, era nítido o incômodo que ele sentia em reviver aquelas emoções. Para ele ainda é muito difícil. O luto é diferente para cada um. Têm aqueles que o vivem durante um ano, outros o vivem por dois, outros por quatro e têm aqueles

que nunca saem dele.

No caso de Klebinho foi algo accidental, inesperado, não houve tempo para nenhuma preparação emocional, psicológica. Como dissemos, Klebinho foi encontrado morto dentro da piscina da sua casa pela babá que cuidava dele. Ninguém além dela sabe de fato o que aconteceu naquele dia.

A campainha da casa tocou e ela foi atender, nesse momento Klebinho soltou sua mão e, montado em seu cavalinho de madeira, saiu correndo pelo jardim da casa.

Somente após atender ao interfone a babá saiu à procura do garoto, encontrando-o boiando dentro da água, anunciando uma tragédia que havia acontecido.

A suspeita é que ele tenha tropeçado na mangueira que pertencia à piscina e caído dentro da água, pois o cavalinho foi encontrado caído na borda da piscina entrelaçado na referida mangueira.

Esse fato foi confirmado pelo próprio Klebinho em uma psicografia recebida por Monalisa no dia das mães na cidade de Itabuna, interior da Bahia, no Centro Espírita Fraternidade. Na carta Klebinho revela que estava acompanhado e que seu acompanhante escrevia o que ele falava e sentia. Sobre a queda na piscina ele narra o seguinte: *“Sabe, mamãe, aquele dia na piscina eu caí, foi sem querer, mamãe, eu não queria cair na água, mas eu fui pegar minha chupeta que caiu na água e eu caí. Ninguém viu. Eu caí e não consegui sair. Você me desculpa, mamãe?”*.

O acontecimento caiu no colo daquela família como uma bomba e deu a essa mesma família a responsabilidade de se reabilitar, juntando os cacos que a explosão deixou.

Estando eu, Kléber e Monalisa juntos naquele dia, a única frase que ele conseguiu dizer foi:

– Só quem sabe é quem passa.

Exatamente. Ele estava certo. Quem está de fora não consegue dimensionar jamais o que é a dor de “perder” um filho. Poderemos, sim, imaginar, mas saber de fato somente aqueles que passaram por isso. O que podemos fazer é sermos solidários e dizer sem nenhum

constrangimento que sentimos muito.

E ele continuou ali na sala conosco por mais algum tempo. O suficiente para que pudesse dizer mais algumas palavras:

- A cena que mais me chocou foi quando ele chegou, já morto, nos braços da babá.

Pronto. Nesse momento a voz já estava embargada. Não conseguiria, como de fato não conseguiu dizer mais nada. Permaneceu em silêncio sentado em um sofá com os olhos marejados.

Há uma semelhança entre os pais enlutados que eu pude encontrar. Todos eles têm dificuldade em expressar sua dor. Não conseguiram ainda digerir emocionalmente/psicologicamente/espiritualmente a tragédia que se abateu em suas vidas. Sofrem em silêncio e geralmente dão à esposa a tarefa de falar do acontecido por eles.

Kléber não fugiu à regra. Talvez por isso tenha deixado que Monalisa falasse por ele.

Ela então respirou para contar a reação do esposo no dia da morte do filho.

- Para Binho, a cena da babá com Klebinho nos braços aqui na sala é muito forte, não dá para esquecer. Eu ali tentando reanimá-lo sem conseguir. Eu tentei e não foram poucas vezes, foram várias tentativas sem sucesso. Quando percebi que não tinha mais jeito eu falei que Klebinho estava morto, porém Binho não aceitava, ele dizia "*não tá não, não tá não, continua*", e eu continuava mais uma, mais duas, mais três vezes, mas eu sabia que ele já estava morto, mas Binho sempre achava que ele podia estar vivo.

A cena a atormentou naquele momento. E Kléber engolia seco cada recordação que ela descrevia e que o fazia, mesmo sem querer, voltar no tempo e estar lá, revivendo toda aquela dor.

Como todo pai, Kléber nutria a impressão de que Klebinho seria seu sucessor pelo gosto de trabalhar. Bem no fundo tinha um sonho: o de estar na fazenda junto com Klebinho, seu então sucessor, cuidando de tudo e tocando o gado.

As lembranças de Klebinho mais uma vez vieram com força, mas Monalisa prosseguiu numa espécie de desabafo:

- Não consigo me conformar com aquilo. Por que isso aconteceu? Nesse momento, ela chorava muito.

Recordou-se da primeira noite sem Klebinho. Esse momento pareceu não ter fim. Entre soluços ela tentava concluir:

- A primeira noite sem Klebinho e Binho chorando, isso me marcou muito.

Monalisa fazia tentativas para conter o pranto e quanto mais ela tentava mais ela chorava. O choro vinha impulsivo, devastador. Como se estivesse ali guardado há muito tempo, ele vinha com força.

- O que me marcou foi Binho me falar àquela noite: *“O que adiantou para mim eu trabalhar tanto a vida inteira, construir um patrimônio se o que eu mais quero na vida eu não tenho que é o meu filho”*.

Respirava ofegante, cansada de tanto chorar para finalmente dar um veredicto.

- Sofri com tudo.

A partir daquele momento as lembranças se tornaram insuportáveis para nosso Kléber. Ele teve que perceber a triste realidade de que junto com Klebinho foi embora também toda a expectativa de futuro, todos os sonhos, todos os projetos que vislumbrava para os dois.

Levantou-se, talvez naquele momento necessitasse de silêncio, de estar só com suas emoções e seus pensamentos.

Deixou-nos. Embora quase não tivesse pronunciado frase alguma, seu silêncio disse muito. A dor que sente ainda é tão grande que o incapacita de falar. A saudade é tão forte que o sufoca. Os olhos, sempre com lágrimas por cair, revelavam o desejo de ter o filho ali.



O enterro – a grande despedida

DEPOIS DE PASSAR todo o dia velando o corpo do filho, ela compreendia que chegaria o momento em que teria que fazer o trajeto rumo ao cemitério para deixar o corpo do filho sem vida lá e voltar para casa com sua alma anestesiada e com a missão de se refazer.

A aglomeração em frente à sua casa era muito grande. As pessoas que estavam ali, que a conheciam de perto ou não, mas que nutriam simpatia por ela, queriam dar adeus ao pequeno Klebinho.

Imaginava um dia antes essa mesma aglomeração de pessoas, uma verdadeira multidão que a seguiria em uma passeata política. A cena se cumpriu, mas o destino final não era o desejado, nem era alegre. Os planos não eram esses.

A rua na qual sua casa fica situada estava intransitável. As demais ruas da cidade de Ibicaraí estavam vazias, foi como se todos estivessem ali, naquela casa, dando adeus a Klebinho e apoio a Monalisa e sua família.

O pequeno caixãozinho branco, coberto de flores, as mais bonitas a enfeitar o corpinho daquele ser tão precioso estava prestes a seguir o seu destino: o cemitério local.

No entanto, as pessoas não cessavam de chegar.

Dizem a grande maioria das mães e outras tantas pessoas que “perderam” entes queridos que é o pior momento. Ver o caixão sair. É como se ali se consumasse de fato a separação.

E o momento chegou, já no fim da tarde daquele sábado 1º de setembro do ano de 2012, no mesmo dia em que tudo aconteceu.

Eram cavalos, motocicletas, pessoas de todas as idades que se concentravam em frente à casa de Monalisa para comungar com ela sua dor.

Ela, ao lado do caixão, se mantinha forte. Teria que ser.

Segue, enfim, o cortejo rumo ao cemitério. As pessoas saíam à porta de suas casas para verem a grande multidão passar. O choro era companheiro de todos, sem exceção.

E Monalisa ali, forte, ao lado do pequeno caixãozinho que seguia seu caminho e que é o caminho de todos nós.

– No percurso para o cemitério fiquei ao lado do caixão segurando a alcinha o tempo todo.

Klebinho foi enterrado na sepultura junto do seu avô.

Ao chegar ao cemitério, mais um pedido. Ela queria que abrissem o caixão, precisava vê-lo mais uma vez.

– Quando abriram o caixão eu o beijei, abracei mesmo sabendo que ele não estava mais ali. A vontade que tive era de não deixar aquilo acontecer, mas não tinha jeito.

E grifou com o tom de voz:

– A sensação da despedida foi muito difícil. E desde aquele dia eu vivo assim: um dia melhor, um dia pior.



As visitas ao cemitério

SEMPRE QUE PODE Monalisa vai ao cemitério. O túmulo no qual Klebinho foi enterrado mantém-se sempre limpo e bonito: *“tenho essa preocupação, é como se eu estivesse cuidando do meu filho”*.

Sua filha mais velha lhe diz: *“Mãe, ele não tá lá”*. Monalisa sabe que ele não está lá, mas sente a necessidade de cuidar daquele lugar onde repousam os restos mortais daquele que lhe é muito precioso.

No entanto, apesar de vez ou outra Monalisa visitar o túmulo do filho no cemitério, ela não faz daquele lugar uma sala de visita do além. Ela compreende muito bem a distinção entre corpo e indivíduo. Sabe perfeitamente que seu Klebinho em essência, que é o ser espiritual, não está ali.

Compreende que pode falar com seu pequeno, independente de estar naquele local, já que os espíritos são atraídos a nós pelo nosso pensamento.

Em *O Livro dos Espíritos* Allan Kardec faz o seguinte questionamento aos benfeitores espirituais:

A visita de uma pessoa a um túmulo causa maior contentamento ao espírito, cujos despojos corporais aí se encontrem, do que a prece que por ele faça essa pessoa em sua casa?

Aquele que visita um túmulo apenas manifesta por essa forma, que pensa no espírito ausente. A visita é uma representação exterior de um fato íntimo. Já dissemos que a prece é que santifica o ato de lembrar. Nada importa o lugar, desde que seja feita com o coração.

Sem nenhuma sombra de dúvida o ente querido que partiu para o outro lado da vida demonstra alegria quando lembrado. Não obstante, essa lembrança deveria vir sem revolta e sem desespero, já que conseguem captar nossas vibrações e comumente são inundados de imensa saudade também.

Monalisa sente-se bem todas as vezes que visita o túmulo do filho, e sempre que vai, está sozinha.

– Não tem ninguém comigo. Eu falo alto, dialogo com ele, como se ele estivesse ali. Falo da minha saudade e digo para ele ficar bem.

Depois da conversa, ela fecha os olhos ali aos pés do túmulo para fazer uma oração – *“Saio de lá melhor, às vezes penso que ele está lá”*.

Monalisa compreende que a prece é o melhor recurso para estar em sintonia com seu filho já que através da oração ela pode presentear-lo com paz, diminuindo a saudade e fortalecendo-o para o reencontro futuro.

– Sempre que posso vou ao cemitério, apesar de saber que meu filho não está lá, mesmo assim levo-lhe flores, beijo as flores, é como se elas pudessem beijá-lo como eu não posso.

Certamente o pequeno Klebinho há de receber os beijos da mãe numa demonstração de carinho, amor e saudade que são enviados a ele através das flores.



A perda maior

QUANDO TUDO ACONTECEU um mês antes das eleições, Monalisa, que era candidata à Prefeitura Municipal, sentiu vontade de desistir, *“queria viver o meu luto, viver a minha dor”*. No entanto, muitas foram as pessoas que a procuraram pedindo para que ela prosseguisse.

- Eu não podia abandonar o sonho daquelas pessoas que acreditavam em mim, que confiavam em mim. Me sinto vitoriosa por isso, por ter conseguido chegar até o fim.

Algumas poucas semanas depois da desencarnação de Klebinho, Monalisa teve que continuar em sua peregrinação política.

Mais algumas semanas e chegou o dia esperado: a eleição, e Monalisa teve mais uma perda. No entanto, a perda maior de sua vida ela já havia tido. Aquela não doeria tanto, seria mais um aprendizado.

- Caiu a ficha depois, a falta, a dor, a tristeza de não poder abraçá-lo. Não pensei na tristeza de ter perdido a eleição, pensei na perda

maior.

Essa tragédia levou-a a repensar seus valores, a repensar seus ideais, a repensar o que é de fato importante para sua vida.

– Será que eu não estou insistindo em algo que não é para mim? Fico me perguntando qual é a vontade de Deus para minha vida. Sei que Ele tem vários propósitos.

E tem mesmo. E a oração é o melhor recurso que dispomos para escutar as suas orientações.

No livro *Entre a Terra e o Céu*, do espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, no primeiro capítulo os instrutores de André Luiz falam da importância da prece e que nenhuma oração fica sem resposta. Todas são atendidas.

“A prece, qualquer que ela seja, é ação provocando a reação que lhe corresponde.”

Esclarece-nos também acerca da prece refratada, que “é aquela cujo impulso luminoso teve a sua direção desviada, passando a outro objetivo” – 2º capítulo do livro *Entre a Terra e o Céu*. O que significa dizer que, em várias situações difíceis que enfrentamos na vida, a oração nos chega como a procura do alívio e não raras vezes rogamos a este ou àquele que já se encontra no plano espiritual que nos atenda a súplica. O fato é que muitas vezes este ao qual rogamos não se encontra apto a nos atender em virtude de encontrar-se ainda sem condições de escutá-la, estando tanto quanto nós necessitado de quem ore por ele.

Sendo assim, a oração é desviada para aquele que tem uma condição melhor para atendê-la. Ela chega com a mesma intensidade com a qual foi dita àquele que pode auxiliar e sempre *“encontra o apoio que não faltará”*.

O detalhe é que a resposta à nossa oração nem sempre é aquela que buscamos. Mas, sempre é a melhor. Conforme nos assevera Jesus:

Qual pai, do meio de vocês, se o filho pedir um peixe, em

lugar disso lhe dará uma cobra? Ou, se pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai que está nos céus dará o Espírito Santo a quem o pedir!

Lucas 11:11-13.

Deus, nosso Pai, rico em misericórdia, entende perfeitamente que nos encontramos na infância espiritual e, portanto, nossos pedidos são ainda infantis. Todavia, sempre nos dá o melhor, mesmo que no momento da agonia não tenhamos *“os olhos de ver, nem os ouvidos de ouvir”*, conforme nos disse Jesus.



Os outros filhos

QUANDO TUDO ACONTECEU Monalisa foi tomada por uma sensação de angústia que a consumia por dentro e a impedia de enxergar o que estava ao seu redor.

Nesse impedimento visual voltou-se para dentro de si para ver apenas aquilo que a estava machucando. Fechou-se em si mesma permanecendo assim por algum tempo.

Ela estava vazia. Não tinha o que doar. Ao menos era o que imaginava.

No auge da dor que não passava e que, com o passar das horas, só aumentava, pensou em morrer. Queria encontrar-se com seu filho. Queria ficar com ele.

- Teve momentos em que eu pedi a Deus para morrer, no auge da minha dor. Mas aí eu vi que isso era egoísmo. E os meus outros filhos? E a minha mãe, meu marido? Pedi a Deus perdão.

Certamente nestas circunstâncias Monalisa, caso desencarnasse, não encontraria seu amado filhinho. Não estaria apta

emocionalmente, psicologicamente, para estar com ele.

Imersa em suas próprias dores, não conseguia perceber que essa sua falta de interesse ante o sofrimento dos que estavam à sua volta constituía, sim, um ato de egoísmo e de maneira alguma ajudaria seu filho, ao contrário, só aumentaria suas dores e sua saudade.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no capítulo XI, Allan Kardec trata a respeito do egoísmo, “*essa grande chaga da sociedade*”, como se referia a ele.

E vai mais além quando afirma ser o egoísmo também “*uma negação da caridade e, por conseguinte, o maior obstáculo à felicidade dos homens*”. Como querer desfrutar da felicidade se não auxiliamos nosso próximo na conquista da sua?

E Monalisa caminhava dessa forma. Gostaria imensamente de desfrutar da ventura de estar com o filho querido, no entanto, não se atentava se essa sua presença, naquele momento e naquelas circunstâncias, seriam benéficas para ele. Esquecia também que ao seu redor havia outras criaturas que, assim como Klebinho, necessitavam do seu amor e que só o teriam à medida que ela ficasse bem.

Com o tempo passando Monalisa conseguiu olhar para fora de si mesma e constatar que, assim como ela, seu esposo sofria, afinal ele era o pai, sofria tanto quanto ela. Olhou mais além e foi capaz de constatar seus outros filhos, que também sofriam, afinal, eles haviam perdido um irmão e sofriam um pouco mais por verem sua mãe sofrendo de maneira tão forte e sentirem-se incapazes de sanar aquela dor. Como não havia percebido isso antes?

A partir desta constatação foi que tomou coragem para levantar.

– Precisava trabalhar, pagar as contas, tenho outros filhos para cuidar. Tinha que ajudá-los a superar, principalmente minha filha mais velha, que havia perdido o pai há dezessete anos.

Com os olhos dilatados, podendo enxergar com mais leveza o acontecimento, foi capaz de entrever que seus filhos gritavam de dor, embora fosse um grito silencioso.

Esse mesmo grito era notado no comportamento que todos

começaram a ter.

O filho do coração não pronunciava uma única palavra. Muito tempo depois foi que ele conseguiu falar para expressar sua dor no seguinte questionamento: *“Por que ele caiu na piscina? Ele não sabia mergulhar na aula de natação?”*

Com esta indagação Monalisa conseguiu perceber o quanto seu “Bê” sofria e tentava, dentro das suas pequenas possibilidades, de um garotinho de cinco/seis anos, buscar uma resposta para algo que chegou até ele com a força de um furacão.

Sua filha do meio, Raísa, que sempre foi muito sensível e tímida, ficou ainda mais. Não conseguia sair do quarto que para ela, durante aquele tempo, tornou-se seu pequeno reduto seguro, onde ela podia chorar, chorar e chorar.

Luna, a filha mais velha, foi quem a ajudou mais uma vez. Elas sempre foram muito próximas, muito ligadas. Desde cedo aprenderam a contar uma com a outra para tudo e naquele momento não poderia ser diferente.

- Luna ajudou muito com os meninos. Durante muito tempo fomos só nós duas. Ela não é só filha, é um pouco mãe também.

Monalisa foi percebendo que havia outras tantas pessoas que sofriam no reduto da família: os avós, os tios, os primos, os amigos e todos aqueles que puderam desfrutar da presença alegre e contagiosa de Klebinho.

Foram várias as demonstrações de carinho que ela vinha recebendo, principalmente dos coleguinhas da escola na qual Klebinho estudava. Os pequenos a visitavam sempre na tentativa de levar um pouco do pequeno filhinho com a presença de cada um deles.

Foram muitos cartazes que os coleguinhas do seu filho tiveram o cuidado e o carinho de preparar para ela e toda a família. Cartazes com dizeres de fé, força, esperança, recheados de fotografias de Klebinho que Monalisa guarda com muito amor, ternura e agradecimento.

Essa e outras demonstrações de carinho que recebeu naqueles dias,

e ainda vem recebendo, servem como um motor que a impulsiona a caminhar.

Com o tempo foi aprendendo mais uma grande e importante lição:

– O comando de tudo está nas mãos do Criador, só peço o poder de aceitar.



Buscando notícias do mundo de lá

NESSA MINHA PEREGRINAÇÃO aos lares enlutados uma pergunta comum que ouvi das mães de luto foi a seguinte: *“Como é possível ter notícias do meu filho que partiu?”*.

Através dos esclarecimentos da doutrina espírita fica evidente a possibilidade de uma comunicação com os nossos amores que partiram para o mundo espiritual quando estes se aproximam de nós, vibratoriamente, através do pensamento. Sabendo dessa verdade, podemos nos conectar a eles pela prece, pelas boas lembranças dos encontros saudáveis que tivemos enquanto ele esteve conosco.

Uma comunicação de um espírito desencarnado é feita também através da mediunidade. A comunicação é possível, mas nós não podemos ficar forçando por vários motivos:

1º) às vezes espíritos embusteiros podem tomar o nome do ente querido e responder por ele dizendo qualquer coisa;

2º) é preciso muita cautela para não ficar evocando espíritos

recém-desencarnados para não aumentar ainda mais a sua perturbação. Quando eles estiverem bem, e com alguma coisa boa para transmitir, eles mesmos se comunicarão, já que o telefone só toca de lá para cá, como dizia Chico Xavier;

3º) o desencarnado deve estar em condições emocionais favoráveis para não se desequilibrar. Quando ele vai ao encontro do familiar que anseia por notícia, a emoção da saudade pode perturbá-lo de maneira intensa a ponto de fazer com que o motivo causador da sua desencarnação ressurja, ou seja, o acidente ou a doença que ele sofreu. Diante disso, às vezes não é recomendado o reencontro de imediato;

4º) outro fator é o tempo que não é somente do espírito desencarnado, mas da família que ficou na Terra também. Geralmente aquele processo que chamamos de dor é o despertar para várias transformações interiores tais como: aprender a lidar com a separação; aprender a aceitar a vontade de Deus; aprender a esperar; ter paciência.

Outra pergunta que as mães de luto sempre me fazem é a seguinte: *"Será que eu prejudico meu filho quando eu busco uma mensagem dele"*? Normalmente quando as mães de luto me fazem esta pergunta eu respondo com outra: *Mas como você está buscando esta mensagem?* Normalmente elas se calam e eu aproveito o momento para esclarecer.

Como sabemos que podemos nos conectar aos nossos entes queridos de maneira vibratória, através dos pensamentos e sentimentos, se buscamos uma comunicação com o coração cheio de revolta, de desespero, com raiva de Deus, é lógico que ele irá receber essa turbulência; mas se, ao contrário, buscamos notícias através de uma prece, de uma boa leitura, de uma música que eleva a alma, são exatamente essas vibrações de paz, de calma e serenidade que este filho amado irá receber.

Algo a que devemos nos atentar é que a saudade existe nos dois lados da vida e a necessidade de uma comunicação também. Não são apenas aqueles que aqui ficaram que estão à procura de uma

comunicação. Muitas vezes é o espírito que faz esse caminho. Ele fica procurando alguém aqui na Terra que tenha condições de transmitir sua mensagem. Todavia, como já dissemos o telefone só toca de lá para cá.

Há um detalhe importantíssimo nessa procura do espírito para encontrar um médium, a fim de transmitir uma mensagem. Ele tem que encontrar alguém que lhe ofereça um campo vibratório afinizado, ou seja, que lhe ofereça uma sintonia, o que nem sempre é fácil. Por esse motivo esses encontros se dão com mais frequência ao nível dos sonhos, dos encontros espirituais.

Felizmente o espiritismo vem mostrar-nos que é possível um intercâmbio com nosso ente querido através de uma comunicação mediúnica, seja pela psicografia, seja pela psicofonia, ou através do sono, já que neste momento nós saímos do corpo físico e podemos ser levados para as cidades espirituais onde está nosso parente para que possamos reencontrá-lo.

Vale lembrar também que, às vezes, o espírito pode estar presente em nosso lar, fazendo-nos uma visita e de repente alguém o sente atenuando a dor da saudade.



Notícias de Klebinho

COMO TANTAS OUTRAS mães torturadas pela dor de ver um filho morto, Monalisa, que até então não tinha religião definida, buscou no espiritismo alento para as suas dores.

– Deus sempre foi muito presente em minha vida.

Apesar de ter sido criada no catolicismo ela diz *“ter encontrado um grande alívio na doutrina espírita”*.

Movida pela saudade que a massacrava a cada dia, decidiu ir junto com a filha Luna à cidade de Salvador, capital da Bahia, ao Centro Fraterno Luz e Caridade, situado no Bairro Imbuí, para quem sabe o *“telefone tocar de lá para cá”* como nos dizia Chico Xavier e ela, enfim, ser agraciada com notícias do pequeno através das cartas consoladoras de Marli Mansini e Rogério Leite.

No dia marcado, despertaram bem cedo e juntas, mãe e filha, pegaram a estrada com a finalidade de buscar alento através da psicografia, que resumidamente pode ser definida como a capacidade que alguns médiuns possuem de escrever mensagens

ditadas pelos espíritos.

A viagem pareceu não ter fim. No coração de cada uma a esperança e a certeza: necessitavam de notícias.

Quando lá chegaram, a distribuição das fichas para quem anseia por receber uma mensagem já estava praticamente no fim.

Luna foi conversar com uma pessoa em um recinto e Monalisa buscou outra que estava em outra localidade daquele mesmo centro espírita. As duas pessoas diferentes que atenderam Luna e Monalisa nem imaginavam que ali, em realidade, eram mãe e filha.

Luna conseguiu preencher uma ficha com o nome do pai. Já faz dezessete anos da sua desencarnação, quem sabe ele já não poderia ter condições para enviar-lhe notícias. No entanto, Monalisa ficou de sobreaviso.

Eram muitas pessoas aflitas pela dor da separação que a morte causa. Natural que ela não conseguisse preencher mais nenhuma ficha. Mas, para a sua alegria ainda restava uma e era sua.

A ficha para quem deseja receber uma mensagem psicografada deveria ser preenchida da seguinte maneira: nome do solicitante; nome, data de nascimento e do óbito do desencarnado.

Nada mais.

Preencheram ambas a tal ficha para adentrarem no mundo já conhecido das duas: o da dor.

Ao chegarem ao salão, onde as cartas seriam escritas, puderam verificar que o sofrimento que elas possuíam não era maior do que o de ninguém que ali estava.

Eram pais, mães, filhos, órfãos, viúvos, tios, amigos, todos desejando mensagens de seus entes queridos. Muito mais que isso buscavam também uma prova de que a alma realmente sobrevive à morte e que seus queridos continuam de fato vivendo.

Se a morte não existe, surge outra indagação: Como estariam? Será que estariam bem? Quem estaria cuidando deles?

Essas e outras indagações eram as mais corriqueiras entre aqueles que ali se encontravam em busca de notícias.

Monalisa e Luna compreendiam que receber notícias de Klebinho

não seria uma tarefa fácil. Acabara de desencarnar, vítima de afogamento, e provavelmente estaria recebendo tratamento magnético para, enfim, se recuperar do choque, afinal, neste período contava apenas quinze dias da sua desencarnação.

Como sabemos, a morte, independente do tipo, causa num primeiro momento uma espécie de perturbação que vai desaparecendo gradativamente.

Allan Kardec na questão 163 de *O Livro dos Espíritos* pergunta o seguinte:

A alma tem consciência de si mesma imediatamente depois de deixar o corpo?

Imediatamente não é bem o termo. A alma passa algum tempo em estado de perturbação.

É claro que essa perturbação não é a mesma em todos os espíritos, “*depende da elevação de cada um*”, conforme questão 164 contida em *O Livro dos Espíritos*.

Mas, ali naquele salão imenso daquele centro espírita aquelas pessoas que se concentravam em busca de notícias do lado de lá, muitas nem sequer imaginavam que o intercâmbio mediúnico não é tão fácil assim.

Queriam notícias e isso bastava.

Francisco Cândido Xavier foi o médium que mais se destacou na área do correio do Além.

E, ainda hoje, milhões de pessoas fazem o mesmo trajeto daquelas muitas que buscaram nosso Chico com a necessidade interior de obter um consolo através de suas palavras e de suas mãos abençoadas com a psicografia.

E lá estavam Monalisa e Luna unidas mais uma vez, sentadas em meio àquela multidão, envolvidas em expectativa, lembranças e lágrimas.

– Meu coração batia acelerado – dizia a filha.

Luna revelava que a ansiedade lhe tomava conta dos sentidos. Sentiu-se mal. Era muita emoção.

Recordar o dia do acidente envolvendo seu pequeno irmão mexia demasiado com as suas emoções e ela ainda não sabia lidar com isso.

Ali, em meio àquelas pessoas que oravam na esperança de obter uma cartinha, ela e sua mãe sofriam, choravam e intimamente pediam a Deus que lhes ouvisse a prece e que seus nomes fossem ouvidos para, enfim, saber como Klebinho estava.

As horas foram passando apressadas sem que elas pudessem perceber. A agonia ia aumentando. E ali, entre aquela imensidão de pessoas, puderam trocar experiências e verificar o quanto a morte revira a vida de um ser humano.

Puderam ouvir relatos de familiares de entes queridos que cometeram suicídio e que os pais não conseguiam se conformar com o fato. Nutriam intimamente um sentimento de culpa. De certa forma sentiam-se culpados por algo que não sabiam, mas que provavelmente teria motivado o ato desvairado do filho.

Muitos pais, no caso de suicídio, num primeiro momento ficam assim desorientados, culpando-se o tempo todo. Em muitas situações não há motivo para culpa, fizeram tudo o que puderam para o bem-estar e felicidade dos filhos e se, de repente, aquele filho optou por tirar sua própria vida, não significa que a culpa tenha sido deles.

Há relatos de espíritos que dizem arrependem-se do ato tresloucado cometido, exatamente por constatar o sofrimento que causaram nos pais. Relatam, também, que os pais não tiveram culpa e que a infeliz atitude foi em virtude de algo que não tinha nenhuma relação com eles.

No entanto, o pai e a mãe de um suicida sabem muito bem a dor que carregam no peito.

Outros relatos eram ouvidos seguidos de muitos outros. Um fato que marcou Monalisa e Luna foi o de uma menina que viram na fotografia que os familiares levaram para aquele local. A jovem

garota foi dormir e para tristeza dos pais não despertou. Aneurisma cerebral.

Essa morte repentina é muito difícil para todos. A família não sabe como lidar com o fato por ter sido rápido demais, dificultando sua digestão emocional e psicológica; e mais difícil em muitos casos é também para o espírito que acaba de desprender-se do corpo físico.

Em muitas situações chega no plano espiritual sem ao menos dar-se conta da nova realidade de que faz parte.

No livro *E a vida continua*, do espírito André Luiz, o qual compõe a série “A vida no mundo espiritual”, toda psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, há a história do casal Evelina Serpa e Ernesto Fantini, que desencarnaram e chegaram ao mundo espiritual com a impressão de que continuavam no mundo físico.

Outra constatação de Monalisa e Luna era que não estavam sozinhas, que suas dores não eram solitárias. Milhões e milhões de pessoas sentem-na a todo instante.

Um antídoto infalível que Chico Xavier ensinava a todas as mães e familiares que viviam ansiosos e maltratados com a dor da saudade era a ajuda ao próximo. Muitos seguiram e ainda seguem sua dica e dizem “*sentir-se muito melhor*”.

Enquanto ambas, Monalisa e Luna, passeavam pelas histórias que lhes eram narradas, uma voz lá na frente dizia que a sessão de psicografia iria começar.

Uma oração foi feita para que os bons espíritos pudessem encontrar condições favoráveis para ali permanecerem e executarem seus trabalhos da melhor maneira possível.

Enquanto todos se concentravam, Marli Mansini e Rogério Leite começaram a psicografar aos olhos de todos que ali se encontravam. Os olhares da plateia concentravam-se naquelas pessoas.

Enquanto suas mãos com o lápis deslizavam no papel, aquelas famílias ficavam com as indagações de se aquela carta seria para elas.

Depois de um tempo, as cartas seriam lidas ali, diante de todos também.

O tempo foi passando. As pessoas presentes permaneciam em silêncio, orando, sem perceber que as horas corriam apressadas. Depois de um tempo a sessão de psicografia deu-se por encerrada.

A médium passou então a organizar os papéis que compunham as cartas para finalmente os nomes começarem a ser lidos, a partir daí o pranto convulsivo se fazia ouvir. Era uma mãe que “perdeu” o filho em um acidente de avião. Era um pai que “perdeu” um filho em um acidente de carro. Era outra mãe, outro pai que haviam “perdido” o filho com câncer, assassinado, vítima de suicídio.

Eram muitos nomes lidos e confirmada sua autenticidade pelos familiares. Em sua grande maioria os nomes e os fatos narrados não eram conhecidos dos médiuns que psicografaram.

Para surpresa de Monalisa e Luna, foram elas também felicitadas com uma cartinha do Além. Obviamente que não foi nosso Klebinho quem escreveu aquelas linhas. Um espírito de prenome Irmã Elizabete foi quem redigiu a correspondência destinada a elas.

“Nesse dia abençoado eles beijam vossos corações para aliviar a dor da saudade que lhes invade.”

Nessa cartinha havia informações valiosas para Monalisa e para Luna. Dizia também que o pequeno Klebinho encontra-se *“muito bem amparado e feliz”*.

Naquele momento elas não fizeram diferente das outras tantas famílias que assim como elas foram presenteadas com uma cartinha do Além.

– Em meio a tanta tristeza, tanta dor, com o coração esvaído me senti preenchida por um amor infinito. Foi um momento de imensa alegria, uma emoção profunda e indescritível.

Não temos dúvida que sim, Monalisa.

À medida que a carta destinada às duas era lida, mãe e filha se abraçavam e, profundamente emocionadas, juntas choravam mais uma vez.

Em uma única carta relatos de dois espíritos que satisfaziam a necessidade íntima de duas pessoas que preencheram fichas diferentes.

Como aquela médium sabia? Ninguém disse para ela que Luna e Monalisa tinham parentesco. Aliás, ninguém ali sabia disso. Como então em uma única carta relatos do pai de Luna e de Klebinho, filho de Monalisa?

É certo que a médium não sabia de nada, mas a espiritualidade sim.

- Quando leram aquela carta com o nome do meu pai e de Klebinho achei incrível. A partir daquele momento eu acreditei de verdade - fazia Luna uma confidência.

Saíram ambas daquele recinto felizes por em tão pouco tempo, quinze dias após a partida de Klebinho, terem sido agraciadas com aquela singela correspondência, enquanto tantos passam anos e anos sem receber notícia alguma.

O correio do Além é assim mesmo, independe da nossa vontade e cumpre alguns requisitos básicos: condições do comunicante; encontrar um médium com o qual o espírito que queira se comunicar encontre sintonia para dar a mensagem e, por último, merecimento daqueles que anseiam por notícias.

E lá foram elas embora com o pequeno tesouro nas mãos. Apesar dos corpos cansados da viagem e das emoções sentidas, suas almas estavam em festa, nutridas de profunda paz e alívio para as suas dores.



Uma tristeza: não sonhar

MONALISA, ALÉM DE carregar no peito a tristeza de não ter fisicamente a presença do filho, sofre também a de “*não sonhar com ele. Não lembro*”.

Para ela esse fato constitui-se uma grande tristeza. Gostaria de ao menos em sonho comunicar-se com ele e ter a certeza de que ele está bem.

– Minha maior angústia, preocupação, é saber como ele está. Será que está sozinho ou está com alguém conhecido? Será que realmente tem alguém cuidando dele? Dá um alívio no coração saber que tem.

No livro *Entre a Terra e o Céu*, do espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, no capítulo IX há um relato a respeito desta questão.

É o Lar da Bênção – informou o instrutor satisfeito. – Nesta hora, muitas irmãs da Terra chegam em visita aos filhinhos

desencarnados. Temos aqui importante colônia educativa, misto de escola de mães e domicílio dos pequeninos que regressam da esfera carnal.

No Lar da Bênção mães que se preparam para a maternidade com responsabilidade são acolhidas, bem como crianças que desencarnam e também aquelas que já possuem condições de encarnar.

Nessa Colônia os pequenos que deixaram o corpo físico são amparados, acolhidos e velados com muito carinho pelos companheiros da espiritualidade maior que se dedicam exclusivamente ao auxílio à infância.

Há também as visitas periódicas das mãezinhas que continuam na Terra e que são conduzidas em excursões no momento do sono físico, a fim de encontrar-se com eles, matarem um pouco que seja a saudade e ajudá-los em sua recuperação.

“Agora vocês visitarão filhinhos abençoados que a morte lhes arrebatou temporariamente ao convívio terrestre” – Cap. VIII – *Entre a Terra e o Céu*, referindo-se o instrutor de André Luiz às mães que seriam levadas à Colônia Espiritual Lar da Bênção naquela noite.

Mas, o que é o sonho afinal?

Allan Kardec propôs essa indagação aos espíritos luminares quando estava compilando *O Livro dos Espíritos*.

Para nosso codificador, a questão dos sonhos, assim como para nós, era algo provocador. Tanto que há um capítulo, o VIII, em *O Livro dos Espíritos*, exclusivamente destinado a eles, quando fala da emancipação da alma.

Questão 401: Durante o sono, a alma repousa como o corpo?

Não, o espírito jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não

precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com outros espíritos.

Por isso sonhamos. Quando o corpo descansa, o espírito encontra condições de emancipar-se entrando em contato mais diretamente com a espiritualidade.

Graças ao sono, os espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos espíritos. Por isso é que os espíritos superiores consentem, sem grande repulsa, em encarnar entre vós. Quis Deus que, tendo de estar em contato com o vício, pudessem eles ir retemperar-se na fonte do bem, a fim de igualmente não falirem, quando se propõem a instruir os outros. – Cap VIII – *O Livro dos Espíritos*.

Através do sono físico as mãezinhas que se veem incapacitadas de perceberem seus filhos que partiram para o plano espiritual podem encontrar-se com eles.

O sono é a porta que Deus lhes abriu, para que possam ir ter com seus amigos do Céu; é o recreio depois do trabalho, enquanto esperam a grande libertação, a libertação final, que os restituirá ao meio que lhes é próprio. – Cap. VIII, *O Livro dos Espíritos*.

Mas, se sonhamos sempre que dormimos, a pergunta que se segue é: por que nem sempre lembramos?

Allan Kardec também pensou acerca deste questionamento.

Questão 403: Por que não nos lembramos sempre dos sonhos?

Nisso que chamas sono, só há o repouso do corpo, visto que o espírito está constantemente em atividade. Recobra durante o sono um pouco da sua liberdade e se corresponde com os que lhe são caros, quer neste mundo, quer em outros. Mas, como é pesada e grosseira a matéria que compõe, o corpo dificilmente conserva as impressões que o espírito recebeu, porque a este não chegaram por intermédio dos órgãos corporais.

Ainda no livro *Entre a Terra e o Céu* - Cap. XII, vamos encontrar a seguinte afirmação relacionada às visitas que as mães enlutadas fazem durante o sono físico aos seus filhos no mundo dos espíritos:

O contato com o reino espiritual, enquanto nos demoramos no envoltório terrestre, não pode ser dilatado em toda sua extensão, para que nossa alma não afrouxe o interesse de lutar dignamente, até o fim do corpo. Antonina lembrar-se-á de nossa excursão, mas de modo vago, como quem traz no campo vivo da alma um belo quadro de esbatidos contornos. Recordar-se-á, porém, do filhinho mais vivamente, o bastante para sentir-se reconfortada e convicta de que Marcos a espera na vida maior. Semelhante certeza ser-lhe-á doce alimento do coração.

Essas mães que são agraciadas com as excursões que a espiritualidade costumeiramente faz, com a finalidade de amenizar a saudade de ambos, normalmente quando retornam do abençoado passeio podem permanecer com a imagem fixa do filho em suas

memórias.

Podem, com isso, sentir-se prejudicadas em suas faculdades diárias diante da tristeza que pode envolver- -lhes os corações, já que não podem ainda conservar-se em convívio permanente com eles, conforme gostariam.

Diante disso, os espíritos normalmente as envolvem em fluidos calmantes para que as lembranças do grande encontro sejam suavizadas.

Raros espíritos estão habilitados a viver na Terra, com as visões da vida eterna. A penumbra interior é o clima que lhes é necessário. A exata lembrança para eles redundaria em saudade mortal. – *Entre a Terra e o Céu* – Cap. XII.

Diante disso, podemos concluir que embora nem sempre nos lembremos dos sonhos que tivemos, esse fato não é impedimento para que tenhamos, enquanto dormimos, nos encontrado com aqueles que tanto amamos.

No caso das mães enlutadas, o não lembrar, é devido a, em muitos casos, essa lembrança redundar em saudade que de tanto machucar poderia provocar sofrimentos variados, a ponto de ser considerada, no livro *Entre a Terra e o Céu*, uma “saudade mortal”.

Apesar de Monalisa não se lembrar dos sonhos que certamente tem com seu pequeno Klebinho, passa vinte e quatro horas do seu dia pensando nele.

– Ele não sai do meu pensamento. Tudo na minha vida tem uma lembrança dele. Mas não é algo doentio.

Ela fala do filho “*com tranquilidade*”, como ela mesma disse. Compreende que essa sensação é necessária para o bem-estar dele.

– Não existe dor em falar dele. Falo dele com uma saudade gostosa.

Todos os dias ela desperta muito cedo, horário em que Klebinho

chegava em seu quarto.

– É difícil, principalmente às seis horas da manhã, a hora em que ele entrava em meu quarto e ficava aqui em minha cama deitado comigo.

Monalisa desperta todos os dias às seis horas da manhã, é como se sentisse o cheiro da presença do filho, como se ali fosse ao encontro dela no horário costumeiro, para beijar-lhe a face e desejar-lhe um dia bom.

Permanece deitada em sua cama, invadida pela lembrança do pequeno, e envolvida em seu eterno amor de filho ela volta a dormir novamente.



As lições

RECOMEÇAR PARA MONALISA não é uma tarefa fácil. Não existe uma criança que entre em seu consultório sem que ela busque uma semelhança com seu filho.

– Se estou cuidando de uma criança doente, é como se eu estivesse cuidando dele.

Com a partida do filho ela aprendeu algumas preciosas lições. Sua vida mudou – *“coisas que eram muito importantes deixaram de ser”* – revelou.

Aprendeu algo muito interessante: a ouvir cada palavra do Pai Nosso e da Ave Maria.

– Antes eu falava sem dar muita atenção no que eu dizia, hoje eu entendo o significado de cada palavra.

Todos os dias no seu trabalho passam por ela várias crianças para serem examinadas.

À medida que essas crianças vão entrando em seu consultório as lembranças do pequeno filho invadem sua cabeça.

- Se eu atendo uma criança da idade de Klebinho, não tenho como não lembrar dele. Entre um paciente e outro faço um Pai Nosso e é interessante o poder da oração, ela vai me aliviando, eu começo a sentir um calor no rosto e encontro um pouco de paz.

Um novo aprendizado foi realizar semanalmente o culto do evangelho no lar com seus filhos e seu marido.

Monalisa é mais uma mãe enlutada com quem converso e que diz ter aderido à prática de realizar o culto do evangelho no lar. Reunindo-se com sua família, uma vez por semana, no mesmo horário e dia escolhidos, eles leem o Evangelho e convidam Jesus para pernoitar em sua casa.

O acontecimento, com intensidade máxima, proporcionou mudanças interiores, necessidades de reforma íntima que antes do fato ela não era capaz de enxergar.

- Ensinou-me a ser uma mãe melhor. Melhor para a minha família. Me ensinou a priorizar o tempo que tenho para estar junto deles.

Mesmo tendo a compreensão de que tudo que nos chega tem uma razão de ser, ela faz um desabafo:

- Mãe nenhuma merece passar por isso.

Para depois fazer uma confissão:

- A dor da saudade, a separação física é muito difícil, mas eu tenho a certeza de que ele está muito bem.

E volta a falar das lições que tirou nas leituras que fez em *O Livro dos Espíritos*:

- Aprendi que grande parte do que acontece com a gente nós escolhemos, então somos capazes de suportar essa dor.

E finalmente conclui:

- Klebinho era muito alegre, engraçado, deve tá dando muita alegria para quem tá cuidando dele.

E sorriu.



As lembranças de Klebinho

JÁ NA ENTRADA da sala principal da sua casa uma primeira lembrança deixada por Klebinho: um desenho abstrato feito com lápis de maquiagem na parede.

Não tenham dúvidas de que aquele desenho permanece naquele ambiente como uma verdadeira obra de arte.

Outra lembrança está no espelho do seu quarto. No dia anterior à desencarnação de Klebinho, ele comeu chocolate e com as mãos lambuzadas passou os dedinhos em uma região do espelho deixando as marcas das suas digitais lá.

Monalisa permite que limpem o espelho, menos a parte que contém as digitais do filho, apesar de saber que o tempo apagará aquela lembrança física deixada por ele.

Uma fotografia do pequeno também se pode avistar em um criado mudo que fica ao lado da sua cama.

Pode-se dizer ser a primeira imagem que ela tem ao despertar: seu filho muito amado, de quem ela nutre imensa saudade.

Monalisa em nosso primeiro encontro ainda conservava todas as roupas do pequeno guardadas. Estava difícil soltar.

– Terei tempo para me desfazer.

Mostrou-me o quarto dele, sua caminha ainda lá, sua cômoda com as roupinhas, a piscina, bem como o local onde ele caiu, seus brinquedos, cavalinhos inúmeros, já que era o bichinho preferido dele.

– Ele sempre foi muito ligado a cavalo. No Natal eu perguntava: Klebinho, o que você quer ganhar de presente? Ele respondia “*um cavalo*”. No aniversário eu também perguntava o que ele queria e a resposta sempre era um cavalo.

Num segundo encontro que tivemos, uma novidade: Monalisa fora a um aniversário em um orfanato e conseguira doar as roupinhas do filho ficando apenas com “*duas camisas e uma botinha que ele sempre usava*”.

Outra marcante recordação do filho está na música do cantor Roberto Carlos “Como é grande o meu amor por você”.

– Era a música que acalmava ele.

Desde quando Klebinho ainda estava em sua barriga, ela cantava essa música para ele. Todos os seus filhos têm uma música e a dele é essa: “*Como é grande o meu amor por você*”.

– Toda vez que ele estava angustiado, nervoso, eu o colocava em meu colo, o abraçava e começava a cantar essa música e ele logo se acalmava.

Fim de ano, num especial que Roberto Carlos costumeiramente faz para a televisão, quando ele ia começar a cantar Monalisa já dizia “*Olha, Klebinho, sua música*”. O pequeno aceitava o chamado e ficava “*com os olhos sem piscar assistindo a TV e ouvindo a sua música até o final*”.

De fato a música revela o amor que ambos sentem um pelo outro, um amor inesquecível e que faz um pedido silencioso: “... *Nunca se esqueça nenhum segundo que eu tenho amor maior do mundo... Como é grande o meu amor por você*”.



O amor por Klebinho

MONALISA SEGUE COM os aprendizados que o filho a cada dia vem lhe ensinando. Aqui, concluímos seu capítulo com mais uma demonstração das lições que continua aprendendo com ele. Que possamos nós aprender com ela.

Klebinho está me ensinando uma nova forma de amar... Amar sem tocar, sem beijar, sem cheirar... Amar apenas com a alma sentindo a presença dele em cada batida do meu coração. Estamos temporariamente separados em corpos, mas eternamente juntos em espírito, aguardando o grande dia do REENCONTRO.

Que seja assim. Que assim seja.

PARTE III

O PRIMOGÊNITO SE DESPEDE

*A dor é suportável quando
consequimos acreditar que ela terá
um fim e não quando fingirmos
que ela não existe.
– Allá Bozarth Campbell –*





UMA PERDA É SEMPRE algo traumático na vida de um ser humano, ficando mais devastadora ainda quando envolve a figura de um filho. Talvez seja a pior dor que um ser humano pode experimentar na Terra, já que o relacionamento simbiótico entre pais e filhos é algo diferente de qualquer coisa. Depois que a perda de um filho se instala em uma família, apesar de saber que essa perda irá alterar suas vidas para sempre, esta mesma família pode aprender a conviver com ela.

A morte, principalmente a de pessoas queridas, nos faz refletir acerca de que tudo passa e que o tempo não espera.

Apesar da dor devastadora que carregam no coração, todas as mães de luto com quem pude conversar e conviver por um espaço de tempo são unânimes em afirmar que uma coisa que aprenderam com seus filhos que partiram é que um dia eles se reencontrarão. Em relação a isso não têm a menor dúvida. O fator que as afeta ainda é o não saber como prosseguir. Ainda permanecem na busca de entender a perda, na vivência da mesma e na reorganização das suas vidas.

Diante da notícia de que aquele filho que tanto amamos morreu, partiu para viver no mundo espiritual, um primeiro ponto a ser observado pelos pais que vivem o luto é reconhecer a perda e

acreditar, embora seja difícil inicialmente, que o caminho para a possibilidade da cura existe.

Ouvi muitos relatos de mães que dizem “*não conseguirei continuar vivendo*”; e ainda “*essa dor é hors-concours*” – uma expressão francesa que significa “fora de competição”. De fato muitos não resistem a essa tão grandiosa dor e acabam sucumbindo, mas a grande maioria pouco a pouco consegue ir se adaptando à nova situação e ir seguindo em frente.

Certa vez ouvi alguém dizer que a dor de perder um filho é algo inédito na vida de um ser humano e um acontecimento para o qual ninguém está preparado. Ele tem razão. No entanto, apesar de não haver um antídoto mágico para acabar com a dor da perda de um filho, o que podemos afirmar é que há meios saudáveis de passar por este processo, retirando as melhores lições para nossa vida.

Quando alguém é invadido pela triste sensação de vazio que a morte de um filho causa, esse mesmo alguém inicia a sua peregrinação pelo terreno do luto, o qual envolve algumas etapas.

Inicialmente, diante dos relatos das mães enlutadas, podemos dizer que muitas delas entram em um processo de torpor que lhes toma o corpo e o discernimento do que de fato está acontecendo. Ficam paralisadas, congeladas e muito comumente descontrolam-se emocionalmente, seja gritando ou chorando de forma excessiva. Na realidade essas mães tentam compreender o impensável. “É uma sensação de esmagamento”, me revelou uma das mães. Apesar de estarem acompanhadas de todos os membros da família, elas se sentem totalmente sozinhas.

Após esse primeiro impacto que é o choque da notícia da perda do filho querido, surge outro que é aquele em que se busca a pessoa que partiu. Dá-se, portanto, o primeiro contato com a realidade. As mães de luto sabem que eles não estão mais presentes, fisicamente, e por isso, muitas desenvolvem tipos de defesa no sentido de pensar que o filho está viajando e que a qualquer momento retornará.

A partir do momento que a mãe enlutada demonstra essa busca pela pessoa que foi embora, verifica-se o quanto o seu íntimo

encontra-se desorganizado e em estado de desespero. Essa é outra etapa do luto.

Nesta etapa, muitas mães agarram-se de forma extrema aos pertences do filho sem querer se desfazer de nada. É um quarto, roupas, objetos pessoais deixados pelo ente querido que elas mantêm intactos, sem permitir que alguém os toque.

Pude ouvir o relato de uma mãe que dizia que quando o filho morreu, a primeira coisa que fez foi trancar o quarto dele, que assim permaneceu durante anos. O contrário também pude observar. Mães que revelaram que, após a partida do filho, foram tomadas por uma sensação de angústia tão grande que em algumas poucas semanas do ocorrido se desfizeram de tudo que pudesse lembrar o ente querido, para um tempo depois perceber que não adiantou desfazer-se dos bens para não lembrar, já que as memórias dos encontros estão marcadas na alma.

E por fim, surge a última etapa que é a reorganização do luto, ou seja, é quando o enlutado já consegue perceber que a vida continua e que a sua vida precisa ser reelaborada em todas as suas nuances sem a presença material do filho que foi embora.

Um fato interessante narrado pelas mães de luto é de haver pessoas que determinam quanto tempo elas teriam que viver o luto. Diante desse relato, uma verdade deve ser dita: não existe um limite de tempo para os estágios da dor. O luto é um processo individual e sua duração depende de cada indivíduo. Alguns podem levar meses para elaborá-lo, outros podem permanecer entrando e saindo do sofrimento durante anos e anos. Uns sofrem mais que outros, mas todos sofrem. A OMS – Organização Mundial de Saúde se refere a um período de aproximadamente dois anos para que a pessoa elabore este luto. Passado este prazo, a criatura pode entrar num processo conhecido como luto patológico, o qual contém três estágios, a saber:

O primeiro consiste num luto chamado crônico, quando o processo se arrasta por tempo indefinido; o segundo é um luto adiado, quando a pessoa não consegue expressar sentimentos com a perda,

não entrando em contato com ela. No luto adiado, a dor fica guardada em algum lugar e em um determinado momento ela se manifesta. Finalmente o terceiro estágio do luto é denominado de luto inibido, em que não há sinais de sofrimento, tais como manifestação de choro ou tristeza, etc.

Vivenciar o luto é uma contingência obrigatória diante das perdas. Algumas pessoas conseguem superar depois de um tempo de muito empenho e persistência, já outras necessitam de acompanhamento médico e psicológico.

Diante dos dados coletados nas entrevistas que realizei com mães enlutadas, percebi que depois de uma perda desse porte, como a de um filho, reaprende-se a viver apesar dela, mas esquecê-la ninguém esquece e a qualidade da vida emocional jamais será a mesma.

Em razão das dores provocadas pelo luto, bem como da exigência de organização interior que ele solicita, muitas mães recorrem ao espiritismo na tentativa de encontrar respostas para o que aconteceu em suas vidas.

Como a doutrina espírita nos traz informações a respeito do mundo espiritual e nos diz que a morte não é o fim da vida e, sim, o fim de um corpo físico, essa ideia da imortalidade traz conforto ao coração enlutado, devolvendo-lhe a esperança de um reencontro com aquele a quem tanto amou e com quem por um tempo conviveu.

A morte, para a doutrina espírita, é uma mudança de estado. A morte, do corpo físico para Léon Denis no livro *O problema do ser, do destino e da dor*, “é o estado de exteriorização total e de libertação do ‘eu’ sensível e consciente”. Para viver no mundo dos espíritos, o corpo físico precisa perecer, ou seja, morrer.

Para as mães enlutadas com quem conversei, a assistência vinda da doutrina espírita foi de vital importância para compreender a verdade de que ninguém morre e que a vida continua tanto aqui na Terra, para quem fica, como no mundo dos espíritos para aquele que foi embora.

Na Revista Espírita do ano de 1968 vamos encontrar a seguinte

afirmação: *“a caridade é a alma do espiritismo: ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes; eis porque se pode dizer que não há verdadeiro espírita sem caridade”*.

Allan Kardec considerava a caridade como um meio de evolução espiritual, ou seja, um dever existente tanto para encarnados quanto para desencarnados, colocando em prática um dos postulados do Cristo: *“fora da caridade não há salvação”*. Nos centros espíritas essa assistência é vista bem de perto tanto pelos encarnados trabalhadores da instituição, quanto pelo plano espiritual. Talvez por isso, por encontrar na doutrina espírita o acolhimento que procuram para sanar ao menos um pouco a dor que sentem, as mães de luto disseram-me sem hesitar: *“encontrei ali, no centro espírita, a paz que procurava, a assistência que buscava para encontrar forças para prosseguir.”*

Diante de tantos relatos de corações pulsantes de saudade que revelaram buscar a casa espírita por entender que ali receberiam um acolhimento e também notícias do ente que foi embora, frequentar o centro espírita, segundo uma mãe enlutada, *“faz com que prossigamos em nosso difícil caminho”*.



Como se dá a assistência recebida nos centros espíritas?

A CASA ESPÍRITA pode ajudar bastante aquela pessoa que enfrenta a dor do luto, seja integrando-a aos trabalhos da casa dentro das suas possibilidades, seja ouvindo-a, estando sempre disposta a estimulá-la, mostrando que a pessoa que partiu não acabou, que ela vive em uma das muitas moradas da casa do Pai, conforme falava Jesus, e que um dia o reencontro se dará.

Poderá auxiliar também ensinando aos enlutados a prática do culto do evangelho no lar, onde o indivíduo é incentivado a escolher semanalmente um dia e um horário, para que junto com familiares ou sozinho (ninguém está sozinho), possa fazer a leitura de *O Evangelho segundo o Espiritismo* e uma reflexão acerca do que foi lido. O culto inicia-se e encerra-se com uma prece. É necessário o respeito com o dia e o horário, já que o evangelho no lar é um encontro entre encarnados e desencarnados que buscam auxílio.

O culto do evangelho no lar tem por objetivo promover uma

reunião onde a solidariedade reine sob o amparo do mestre Jesus, para que aqueles que participam possam sentir seus ensinamentos, solicitar sua proteção para suas vidas e para o lar.

Também num templo espírita, o coração de luto será amenizado com o atendimento fraterno, os passes, a água fluidificada, ouvindo as palestras, participando dos grupos de estudo e dos trabalhos assistenciais que a casa realiza, já que, como mencionamos, a doutrina espírita considera o mandamento cristão do *“amar ao próximo”* a condição essencial para o espírito evoluir.

Um homem chamado Chico, de sobrenome Xavier, passou toda a sua vida confortando pessoas que perderam entes queridos. Através das psicografias consoladoras por meio de um lápis e uma folha de papel em branco, ele revelava a continuidade da vida além do corpo físico no mundo espiritual. Foi assim, através deste trabalho das cartas do Além, que Chico conseguiu promover em milhares de pessoas verdadeira mudança de vida, ensinando-as a perceber a dor do outro e estimulando-as a ir em busca dos que vivem sofrendo tanto quanto elas. Esse era o antídoto que Chico receitava para amenizar a dor da perda: voltar-se à caridade em favor do próximo.

Mesmo para as mães espíritas que compreendem a existência da vida além desta vida, sepultar um filho é algo extremamente doloroso. Foi o que me revelou uma das mães: *“quando meu filho desencarnou eu já estava na doutrina, mas a dor é muito grande”*. A crença na vida após a morte já fazia parte da realidade da sua vida, o que a levou a desabafar: *“ali no espiritismo eu me apoiei, e hoje estou me preparando para quando o dia da minha desencarnação chegar eu possa me reencontrar com ele”*.

De outra mãe pude ouvir o seguinte: *“o espiritismo pra mim foi tudo”*, e ainda: *“eu cheguei aqui no centro espírita me arrastando, agora já estou firme”*. As explicações racionais que a doutrina espírita nos dá aproximam o enlutado da realidade da perda, explicando os motivos do acontecido e trazendo-lhes a realidade do mundo espiritual. O aspecto consolador da doutrina reforça a afirmação de que a morte não existe, que é apenas uma passagem.

A vida espiritual para os espíritas tem uma conotação diferente, já que se têm mais detalhes, sabemos que os espíritos formam grupos por afinidade de interesses, intenções, onde a vida continua com seus afazeres, seus estudos. No mundo espiritual há sempre o que fazer.

O fato de ser espírita não imuniza a pessoa contra a saudade, contra ter que sentir a dor da perda do convívio, mas dá o entendimento de que a vida prossegue além-túmulo e de que podemos estar juntos de uma outra forma.

O enlutado encontra em um centro espírita a esperança. Uma esperança que se alimenta da crença na vida após a morte, da possibilidade de reencontro com o afeto “perdido” e de podermos nos comunicar com eles. Com a doutrina espírita os pais enlutados aprendem a deixar ir, porque compreendem que os laços de amor são eternos.

A compreensão da morte que a doutrina espírita oferece encorajou esses pais, que conheceremos agora, a enfrentar a dor que não tem nome na figura do luto que a partida do seu primogênito deixou. Com sua permissão eu a divido com vocês.



“A gente nunca espera”

A PARTIR DE agora adentraremos no universo interior de mais uma mãe que vive a dor que não tem nome e carrega no peito a marca do luto.

Fátima Cardoso, mãe de três filhos, professora, esposa, amiga. Apesar de toda dor da ausência material que a “perda” do filho deixou, ela sabe que seu bem-estar aqui influencia no bem-estar do filho no plano espiritual.

Sua vida foi revirada de uma hora para outra. Assim como tantas outras mães, não esperava que a separação com seu primogênito se desse de uma forma tão abrupta.

Tudo começou com uma dor de cabeça para logo depois tudo parar. Mas por quê? Tantos planos para realizar, tantos compromissos inadiáveis para resolver, tanto amor ainda para demonstrar... Era só uma dor de cabeça, tão comum quanto as demais dores de cabeça que costumeiramente sentimos. Não, não foi. Foi algo mais.

19 de abril do ano de 1993, esse foi o dia em que o casal Fátima e Alberto Cardoso experimentou nas profundezas de suas almas a dor mais lancinante que um ser humano pode sentir: a dor de ver um filho morto.

O fato é que tudo corria muito bem. Não era possível esperar que algo de proporção tão grande como a morte pudesse vir a visitar o lar da sua família naqueles dias. Pais amorosos e dedicados jamais se furtaram ao cuidado dos filhos, tanto relacionado à preservação da saúde do corpo como também ao incentivo necessário para a saúde da alma.

Acreditavam como acreditam em Deus e motivavam como ainda motivam os filhos não somente com palavras, mas acima de tudo na realização dos exemplos que inspiram muito mais, para que seus três filhos pudessem perceber a grandeza de Deus e para que despertasse em cada um deles o desejo de ligar-se a Ele.

Os membros dessa família encontram-se ligados por laços de uma afeição sincera, por esse motivo é que desde aquele dia 19 de abril do ano de 1993 caminham assim: em busca do primogênito Cléber Dias Cardoso, membro querido, amado, levado há precisamente vinte anos pelos “braços” da morte.

No período em que a tragédia abateu o seio daquela família todos estavam residindo na cidade de Itabuna, interior do estado da Bahia. No dia 15 de abril daquele ano, Fátima e o filho Cléber estavam fazendo uma visita à família, que residia em uma cidade próxima com a finalidade de passar o final de semana na companhia dos seus.

Durante o dia nenhuma preocupação. Fátima permanecia na casa do seu pai Misael, visitando irmãos, cunhados, sobrinhos, amigos queridos. Cléber fazia o mesmo, e resolveu ir ao Clube da cidade com a finalidade de praticar uma de suas paixões: a musculação.

Jovem de dezesseis anos, faixa roxa de karatê, apaixonado pela música e pelas artes marciais. Filho amoroso, bondoso, dedicado e obediente.

Com essas características é fácil perceber o tamanho da saudade

que invade o coração da sua mãe, do seu pai e dos seus irmãos Clécio e Cleidson.

No mesmo dia em que Cléber visitou os familiares com a mãe, ele foi vitimado por uma dor de cabeça que o arrebatou da presença física, material, da sua família.

Tudo foi muito rápido. O diagnóstico: aneurisma cerebral, deixando no coração da mãe adorada a saudade marcada por uma separação compulsória.

– Foi muito difícil, a gente nunca espera – diz sua mãe.

Naquele dia 15 de abril de 1993, mãe e filho chegaram felizes ao seu destino. No entanto, para a surpresa de todos o final daquele mesmo dia já não trouxe alegrias e, sim, preocupação, angústia e dor.

Enquanto sua mãe ficava em companhia da família, Cléber já estava no clube praticando exercícios físicos.

O que ninguém esperava é que todo o tormento interior que invadiu a sua família viria a partir daí.

– Ele sentiu a dor de cabeça no clube fazendo musculação.

Enquanto Cléber permanecia no clube fazendo seus exercícios, uma dor de cabeça o visitou, inicialmente como um lampejo, tornando-se dilacerante a cada minuto, aumentando sua intensidade a cada segundo.

Pessoas que estavam no clube, percebendo que ele necessitava de ajuda, resolveram levá-lo para casa.

Chegando a seu reduto doméstico sua mãe o recebeu para logo em seguida ter por companhia a preocupação.

Sua mãe achou por bem dar-lhe um analgésico para amenizar a dor.

– Ele tomou o analgésico e se deitou. Poucos instantes depois de tomar o medicamento ele se levantou gritando, dizendo não estar aguentando a dor e, logo em seguida, desmaiou.

O olhar dos pais era tão sofrido no momento dessas narrações... A memória não entende o tempo. Relembra e revive os fatos marcantes com a mesma intensidade de outrora. Para pais enlutados, lembrar

a morte do filho, mesmo que já tenham se passado anos, é como se fosse hoje. A dor da saudade não tem medida.

Não é difícil imaginar a incerteza que invadiu a alma de Fátima, sua mãe, no momento do desmaio. Era seu filho adorado quem estava ali necessitado de auxílio. O que estaria acontecendo?

Invadida pelo tormento da angústia que massacrava seu coração materno, procurou um telefone a fim de avisar ao esposo dos últimos e tristes acontecimentos. Na verdade, além de dar a notícia queria buscar na figura do marido, fiel e companheiro, o ombro para enxugar o pranto que já se fazia presente e o qual a acompanharia por um longo período de tempo:

- Clebinho sentiu uma dor de cabeça forte e desmaiou. Estamos com ele no hospital.

Tarefa cumprida, a notícia foi dada. Agora podia divagar em seus temores íntimos e experimentar um tipo de dor que o passar das horas só tornava maior.

No hospital da cidade em que Fátima e Cléber estavam passando o final de semana não foi difícil constatar que seu caso era grave. O médico que o avaliou disse ser necessária sua transferência para outro hospital que tivesse condições melhores de atendimento para o quadro em que seu filho se encontrava.

Neste momento, além da angústia que sentia, outra sensação invadiu o seu espírito, deixando-a ainda mais atormentada: o medo. Nem queria pensar no que poderia estar acontecendo. Queria voltar no tempo e recuperar as horas alegres e felizes de momentos antes. O medo de não mais ser presenteada pelo olhar companheiro e amigo do filho machucava seu coração.

Em uma ambulância, Cléber, sua mãe Fátima e uma tia chamada Maria do Carmo, que era enfermeira, regressaram à cidade da qual não tinha muito tempo haviam saído. Chegaram a Itabuna.

- No meio da estrada ele entrou em coma. Já saiu daqui desmaiado.

O momento da constatação do coma, para a mãe Fátima, foi como se o seu céu tivesse ficado escuro e assim permanecido até o dia 19

de abril de 1993, para depois ser invadido por raios, trovões e tempestades. O sol se escondia e durante muito tempo ficaria encoberto por uma nuvem negra que não tinha data para ir embora.

Ao chegar à cidade de destino foi constatado que Cléber realmente havia entrado em estado de coma. Sua mãe e sua tia chamaram o neurologista que estava de plantão no hospital para que pudesse avaliar mais precisamente o estado de saúde dele.

Seu pai, já avisado da situação do filho, rumou em direção ao hospital, mas *“quando eu cheguei ele não tinha mais reflexo”*, conta Alberto.

A partir dali seria impossível rever toda a vitalidade de que Cléber era portador. Seu espírito já estava em processo de preparação para visitar outras paisagens. Uma vida nova estava prestes a surgir para ele e para toda a sua família também.

Como o acontecimento foi muito repentino, não houve tempo para despedidas. Segundo sua família, Cléber nunca apresentou nenhum tipo de enfermidade, aparentemente era um jovem saudável.

– Nunca houve sintoma. Se fosse algo que a gente soubesse, já teríamos tratado. Foi um negócio surpresa – diziam os pais em meio às lágrimas que revelavam o quanto sentem saudades do filho.

A situação de Cléber era bastante crítica. Bastou o médico olhar rapidamente para ele para fazer uma constatação: *“pode ser um aneurisma”*.

Diante desta suspeita levaram-no para uma sala com a finalidade de fazer uma tomografia computadorizada do crânio. Com este exame foi diagnosticado um *“aneurisma que já havia inundado todos os ventrículos cerebrais”* – disse o médico.

Essa constatação trouxe uma reviravolta interior em cada um que experimentava a incerteza do que estava acontecendo com o jovem Cléber. Sua mãe teve sua casa interior revirada e seu pai também. Durante os dias em que Cléber teve que ficar internado no hospital, mãe e pai deixaram que suas casas íntimas permanecessem assim: remexidas. Não havia tempo para organizá-las. Não agora.

Imediatamente toda a equipe médica também se revirou. Reuniu-

se para que fosse feita uma cirurgia de urgência. Ao abrirem o crânio do nosso Cléber, uma tristeza, não havia mais nada a ser feito. Ele não possuía mais nenhum reflexo. Fecharam seu crânio e o levaram para a UTI com a finalidade de avaliarem um pouco mais o seu caso e decidirem a melhor estratégia a ser feita.

– Naquela hora a gente o entregou nas mãos de Deus. Os médicos já não podiam fazer mais nada.

Não foi difícil constatar que seu filho estava voltando para casa, era necessário preparar o caminho para que seu retorno se desse sem trevas, se desse em paz. Para isso, era necessária a fé, que deveria vir de mãos dadas com a oração. Elas enfeitariam o novo caminho de Cléber e embelezariam seu espírito com o bálsamo da tranquilidade que fé e oração juntas conseguem promover.

Deus em Sua misericórdia de Pai nos empresta um filho dileto para que possamos fazer *“um curso intensivo de como amar alguém além de nós mesmos”*, conforme nos diz José Saramago em seu texto intitulado *“Filhos são do mundo”*.

Enquanto as horas passavam, com Cléber ainda na UTI, seus pais, na ânsia de encontrar uma solução para a dor que se tornava aguda, tentaram uma transferência para a cidade de Salvador. Estava difícil demais perceber seu filho naquela situação.

No entanto, a possibilidade de transferência do jovem para outro hospital em outra cidade era, segundo os médicos que cuidavam dele, *“muito difícil”*. Ele não tinha mais nenhum reflexo. Faziam-se toques no dedo do pé ou da mão e não havia reflexo algum.

Deu entrada no hospital no dia 15 de abril do ano de 1993, para cinco dias depois despedir-se de todos num adeus marcado por lágrimas, dor e saudade.

No dia 19 de abril de 1993, no hospital, pela manhã, às sete horas, Cléber fechava os olhos para este mundo e os abria para o mundo espiritual. Uma nova vida lhe aguardava, era preciso caminhar para ela.



A notícia da morte

PARA FÁTIMA, SUA vida, a partir do momento da constatação e do diagnóstico médico de que seu filho não mais habitava o veículo físico, sofreria mudanças naquilo que é mais perceptível: na rotina diária, na saúde, no ânimo, nos planos e, principalmente, na alma.

Saberia que por um tempo percorreria seu dia a dia na tentativa de recuperar a presença material do filho. Esse é um dos processos naturais que a grande maioria das mães enlutadas vive ao começar a reorganizar o luto.

Mãe de três filhos, permaneceria mãe de três filhos. A diferença é que Cléber passou a habitar em um lugar diferente do nosso, mas ele vive.

Assim como Cléber, no mundo espiritual, segue tendo-a como mãe, caminha Fátima no mundo físico tendo Cléber, Clécio e Cleidson como filhos. São três e sempre serão. Eternamente.

Como os médicos estão habituados a lidar com vida e morte a todo o tempo, aquela seria mais uma notícia triste que haveriam de dar a

mais uma família, para logo em seguida perseguirem seus trabalhos. No entanto, para o pai e para a mãe, não haveria prosseguimento, ao menos por enquanto. Haveria lágrimas, saudades, tristezas e aquela sensação de *“haver perdido o melhor presente”*, como me foi dito.

E porque os amamos tanto é tão doída a separação.

O orador espírita Divaldo Pereira Franco diz-nos que *“não perdemos pessoas, porque as reencontraremos um dia. Perde-se aquilo que não se encontra jamais”*. De fato. Se a morte levou-as para longe dos nossos olhos e dos nossos abraços, devolve-nos através das inúmeras comunicações mediúnicas que recebemos.

Durante os cinco dias em que Cléber permaneceu internado no hospital, sua mãe, seu pai, outros familiares e amigos ali permaneceram em oração. Sendo a prece um fio de ligação entre a criatura e o Criador, certamente encontraram neste refúgio o alívio para as dores e a esperança para prosseguir.

No dia em que Cléber desencarnou foi seu pai Alberto quem viu o corpo do filho inerte naquela sala fria e triste do necrotério. Certamente não foi uma imagem feliz. Provavelmente as lembranças do filho invadiram suas memórias. Estava ali com a missão de despedir-se. A verdade é que essa missão era por demais pesada, exigia habilidades até então desconhecidas.

Ali permaneceu durante certo período de tempo para logo ir em busca da roupa que o vestiria e da funerária que o levaria para a cidade natal de sua família, onde seria sepultado.

A mãe não estava mais no hospital. Aguardava num silêncio interior profundo o corpo do filho junto a sua família. Nesses momentos, onde a dor é intensa, a família segue sendo um grande remédio capaz de curar as dores mais atrozes. Ela certamente vai dar o carinho necessário para o corpo e muito sabiamente para a alma.

– Aquela foi uma sensação horrível.

Todas as mães, sem exceção, definem como *“a pior sensação”* a espera pelo corpo do filho a fim de ser velado e sepultado. Um filho que antes representava a alegria da vida e agora refletia a agonia na representação de um túmulo.

Era intensa a chegada das pessoas na residência do avô de Cléber, local em que seu corpo permaneceu durante todo o dia com a finalidade de despedir-se de todos.

– O sepultamento foi realizado no mesmo dia em que ele morreu, às 16:30 da tarde – falava Fátima, revivendo as cenas de tortura que os últimos momentos ao lado do corpo sem vida do filho lhe causaram.

Ela estava arrasada. Não há como mensurar o tamanho da dor que a abraçava, muito menos o tamanho da ferida que se abria intimamente. Talvez a sensação da comum pergunta que a grande maioria das mães enlutadas faz tenha percorrido a sua mente: *“Será que isso está acontecendo?”*.

Num primeiro momento a sensação de angústia é tão devastadora que a negação da realidade é buscada na tentativa de aliviá-la.

Em vão.

Durante o trajeto rumo ao local em que Cléber teria seu corpo velado, pai e filho faziam a última viagem juntos. Uma viagem aparentemente curta que aos olhos daquele pai também enlutado pareceu uma eternidade: o carro da funerária com o corpo do filho à frente, e Alberto com o coração dilacerado de pai logo atrás em outro veículo, já nutrindo em seu coração aquela saudade que não iria embora jamais.

– A oração me deu uma força muito grande para que eu pudesse aguentar.

Agora eu estava diante de um pai enlutado que também chorava e sofria. Relembrava o último trajeto feito com o filho com lágrimas que lhe caíam à revelia.

Só foi possível suportar a dor da partida do primogênito de uma única maneira, que segundo ele foi *“orando”*.

O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo XXVII, intitulado *“Pedi e obtereis”*, trata da eficácia da prece:

Pela prece, obtém o homem o concurso dos bons espíritos

que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhes ideias sãs. Ele adquire, desse modo, a força moral necessária a vencer as dificuldades e a volver ao caminho reto, se deste se afastou.

Com a viagem finalizada, o corpo de Cléber, enfim, chega ao seu destino e era com tristeza que sua mãe foi ao seu encontro.

– Foi triste demais.

Com as lágrimas falando por eles, mãe e pai se esconderam mais uma vez dentro de si mesmos para buscarem interiormente a vitalidade do filho, da qual puderam desfrutar por dezesseis anos e que, sabiam, faria uma “*grande falta*”.

Com o caixão já tomando o seu lugar, a vontade que invadiu o peito de sua mãe em meio à dor atroz foi de abraçá-lo novamente e sentir os seus braços entrelaçando o seu corpo materno mais uma vez. Um desejo absurdo do abraço que não teria tão cedo. A mecânica da vida funciona assim mesmo. Uma vez o corpo morto, impossível a concretização dos abraços, dos beijos, dos apertos de mão, das conversas de que antes podiam desfrutar. Agora é esperar. Haverá de chegar o dia em que os encontros festivos se darão novamente e o amargor da angústia da separação não mais será sentido.

Certamente, este será um dia feliz.



O adeus

FÁTIMA CAMINHAVA DESDE então sem a presença física do filho adorado, mesmo ainda tendo-o diante dos seus olhos deitado em um caixão.

“A impressão que eu tinha era como se ele estivesse dormindo”, mais uma frase das mães enlutadas. Era essa a visão de que Fátima desfrutava ao ver o filho deitado dentro daquele caixão de madeira com os olhos fechados: *“parecia que dormia”*, como se buscasse dali algumas horas que ele despertasse, levantasse daquele lugar, caminhasse para seus braços e que toda aquela tristeza não passasse de um engano. No entanto, ela sabia que essa era uma tentativa inútil. Cléber havia, sim, morrido para este mundo, e ambos, mãe e filho, teriam que readaptar-se a essa realidade lentamente. Esse processo de elaboração interior levaria tempo para os dois.

Durante o velório do filho, embora a dor que abrasava o seu coração materno, permanecia contrita a Deus, orando em silêncio e confiando plenamente.

Suas lágrimas estavam longe de ser questionadoras, confiava na Providência Divina e sabia que o melhor havia sido feito para o seu filho.

Já no velório, permaneceu em silêncio na companhia da família e dos amigos que se encontravam no recinto, para prestar a última homenagem. Orando, acabavam por transmitir ao jovem que acabara de deixar o círculo dos encarnados as melhores vibrações tranquilizantes que a prece é capaz de proporcionar.

Estar em oração durante o velório de alguém que conheçamos, ou não, é de vital importância para aquele que acaba de desprender-se do veículo físico, seja em que condição for.

Um ponto importante é o fato de que durante o velório de alguém não convém piadas. É um momento de fraternidade para com os familiares que sofrem a dor da separação e constitui-se falta de caridade com os sentimentos da mãe, do pai, dos irmãos e também àquele que foi embora. Os pensamentos infelizes e o choro desesperado acompanhado de gritos ensurdecedores acabam por prejudicar aquele que partiu, pois sente o incômodo, mesmo já tendo sido amparado pelos amigos do plano espiritual, afinal, ele não está imune às energias agressivas que lhe são enviadas, mesmo sem querer, pelos que ficaram.

Diante da desencarnação de alguém a melhor postura que devemos ter é aquela em que a prece se faz por companheira, o silêncio se faz de abrigo e a boa conversação só contribua para o padrão vibratório do ambiente. As energias emitidas certamente serão sentidas pelo ente querido que partiu e comumente por alguns encarnados que tenham uma sensibilidade psíquica mais desenvolvida.

Léon Denis vê na prece a eficácia e o auxílio aos que partiram para o mundo dos espíritos bem como para aqueles que ficaram carregando no peito a dor da saudade; é o que revela em seu livro *O problema do ser, do destino e da dor*:

No estado de perturbação, a alma tem consciência dos pensamentos que se lhe dirigem. Os pensamentos de amor e caridade, as vibrações dos corações afetuosos brilham para ela como raios na névoa que a envolve; ajudam-na a soltar-se dos últimos laços que a acorrentam à Terra, a sair da sombra que está imersa. É por isso que as preces inspiradas pelo coração, pronunciadas com calor e convicção, principalmente as preces improvisadas, são salutares.

É quase um escândalo ver a desatenção com que se assiste, em nossa época, uma cerimônia fúnebre. A atitude dos assistentes, a falta de recolhimento, as conversas banais trocadas durante o saimento, tudo causa penosa impressão. Bem poucos dos que formam o acompanhamento pensam no defunto e consideram como dever projetar para ele um pensamento afetuoso.

As preces fervorosas dos amigos, dos parentes, são muito mais eficazes para o espírito do morto do que as manifestações do culto mais pomposo; não é, contudo, conveniente nos entregarmos desmedidamente à dor da separação. As saudades da partida são, decerto, legítimas, e as lágrimas sinceras são sagradas; mas, quando demasiado violentas, estas saudades entristecem e desanimam aquele que é objeto e, muitas vezes, testemunha delas. Em vez de lhe facilitarem o voo para o Espaço, retêm-no nos lugares onde sofreu e onde ainda está sofrendo aqueles que lhe são caros.

Como um alerta, Denis nos fala como este momento do velório é importante e requer atenção; segundo ele, a dor da separação solicita

“lágrimas sinceras” que merecem respeito. O sofrimento em excesso dificulta o desprendimento para que aquele que fez a “passagem” prossiga em sua nova morada. Assim, a prece é o meio eficaz que se encontra ao alcance dos familiares para poder auxiliar o ente querido. Ela funciona de maneira simultânea auxiliando tanto aquele que morreu a adaptar-se em sua nova morada, quanto aos familiares que ficaram a prosseguir em seus caminhos.

No livro *Voltei*, ditado pelo espírito Irmão Jacob, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, há a seguinte afirmação:

...bastou que me entregasse à quietação para que certos fenômenos auditivos e visuais me perturbassem as fibras mais íntimas.

Este pequeno trecho revela o que a angústia sentida pelos familiares pode provocar naquele que partiu, fazendo com que, em muitos casos, desejem estar perto para acalantar os que sofrem, o que traz grandes prejuízos ao seu espírito em virtude de na maioria dos casos não estarem aptos ainda a exercer tal tarefa.

Os desencarnados sofrem também a separação, sentem também a dor da saudade e necessitam nesse primeiro momento de cuidados. A mãe que fica deve continuar cuidando do filho através da oração, entregando-o aos carinhos extremos de Deus, que nos envia sempre amigos abnegados para auxiliar em nossa recuperação.

E naquele ambiente de despedida permanecia Fátima envolvida em prece, apesar de sofrer em silêncio com o coração apertado, anunciando o quanto seu filho faria falta. Não saberia ainda como prosseguiria. Ainda não havia pensado nessa possibilidade concreta. Já estava enlutada, embora não percebesse ainda. A organização deste luto viria depois. Agora, o momento era de despedida. Queria aproveitar cada momento que ainda tinha ao lado do filho, mesmo que seu filho em espírito não estivesse mais ali.

Para ela, vivenciar aquela cena de dar um adeus ao filho que jazia sem vida foi, como ela definiu, *"triste demais"*.

Fazer o percurso em direção ao cemitério local, para ela, como para as outras tantas mães, foi certamente o momento mais difícil. Iria com Cléber e voltaria sem ele. Ver o caixão que abrigava o corpo do filho que ela tanto ama descer à sepultura mexia demais com todas as suas forças e com todas as suas emoções. Elas se misturavam. Não sabia ao certo o que sentia na hora do adeus. Tudo girava ao seu redor como se aquilo não acontecesse. O desejo era de que aquela situação realmente não estivesse acontecendo. Mas estava e era necessário enfrentá-la e seguir em frente aproveitando os ensinamentos que a vida dava.

Era assim que Fátima e Alberto caminhavam no fim da tarde daquele dia 19 de abril de 1993: abraçados a uma saudade que a partir daquele dia os acompanharia eternamente.



A visita de Cléber

ASSIM COMO PARA todo pai e toda mãe que se vê no luto da ausência material do filho, Fátima e Alberto caminhavam em suas dores sem saber como levantar. Não sabiam qual caminho seguir.

A casa agora não era a mesma, a impressão que se tinha é que ela havia mudado e certamente mudou. Seria difícil experimentar aquela noite do dia 19 de abril de 1993. Conseguiriam dormir? Conseguiriam descansar os corpos cansados e maltratados pela correria física e emocional do dia? Conseguiriam descansar a alma machucada pela certeza da ausência material do filho?

Certamente seus pensamentos divagavam em situações mil. Passeavam em lembranças e emoções escondidas que borbulhavam como chamas de um vulcão em suas almas. Como a fênix da mitologia grega, teriam que renascer das cinzas.

– É muito difícil, o vazio que a gente sente é muito grande.

Como era hábito ter nas orações o alívio para suas dores, foi com elas que Fátima e Alberto se muniram para suportar tamanha dor.

Espíritos maduros que já entendiam o valor que tem a prece e as consequências revigorantes que seu ato proporciona, caminhavam com suas almas doídas, mas contritas a Deus através da prece.

Desde o dia da dor de cabeça até o dia do sepultamento do corpo do filho não pararam de orar e entregar seus caminhos nas mãos do Criador.

Pouco tempo depois da desencarnação do filho, seu pai foi capaz de vê-lo entrando em sua casa enquanto permanecia em oração ao lado da esposa.

– Com três dias do seu sepultamento eu o vi entrando no quarto em que eu e a mãe dele estávamos. Deu uma tranquilidade saber que ele está bem – revelou Alberto.

Ali, com sua presença sendo vista e sentida pelo seu pai, Cléber fazia uma grande revelação: de que a despeito de morto estava vivo, fortalecendo a certeza de que a vida continua e que não se encerra no túmulo.

A paz interior, a partir daquele momento em que foi capaz de perceber a visita do filho pouco tempo depois da sua desencarnação, serviu para tranquilizar seu coração. Seu filho vivia e veio até ele e a mãe no momento em que eles oravam pedindo a Deus que o envolvesse.

A partir daquela visão o coração suavizou, afinal, *“Cléber vive e está bem”*.

O que eles não podiam ter por enquanto era a presença material e constante do filho. Compreendiam que a morte promove esse tipo de mudança. A ausência material do filho deveria ser preenchida de outra maneira e, como tantas famílias que foram visitadas pela companhia torturante da morte, eles voltaram-se para a caridade como forma de amenizar o vazio que o filho deixara.

Esse conselho que Chico Xavier nos deixou serve como uma chave de segurança para a grande maioria das mães enlutadas.

“Auxiliando o próximo é como se eu trouxesse o meu filho pra

perto de mim". "A ajuda que dou ao outro é um bem que volta para mim". "Quando visito orfanatos é como se meu filho estivesse ali comigo dizendo: mãe, faça por eles tudo o que você gostaria de fazer por mim. Atendo seu pedido e fico em paz". "Meu filho vem a mim cada vez que ajudo uma pessoa".

São essas as frases com que as mães e famílias enlutadas definem a caridade que fazem: como a melhor forma de aliviar suas dores e trazer para perto aqueles que amam.

Apesar da formação católica, Fátima e Alberto dizem acreditar na sobrevivência da alma após a morte, bem como na sua comunicabilidade com os que ainda permanecem encarnados na Terra, o que os levou a fazer a seguinte afirmação.

– Respeitamos o espiritismo e sabemos que é uma coisa boa. Nosso filho está no mundo espiritual? Está. Morreu acabou? Não. Ele continua. Eu tenho certeza que ele está bem no mundo espiritual.

Essa constatação vinda de pais que carregam a marca do luto traz alívio e forças para prosseguirem.

Em meio às lágrimas que caíam dos olhos falavam com convicção: *"Nosso filho está vivo e isso é muito bom saber"*.

Essa é uma verdade que traz consolo: a certeza de saber que não estamos separados para sempre.



O questionamento

COMO SE BUSCASSE um porquê para a morte ter levado seu filho embora, Alberto estava decidido a questionar a malhação que Cléber praticara no dia em que sentiu a dor de cabeça, e mover uma ação na Justiça contra os “supostos responsáveis” pelo triste acontecimento.

Essa era uma ideia fixa que não saía da sua cabeça. Alguém teria que ser responsabilizado pela tragédia que assolou a sua vida e a de sua família. Sua alma estava invadida por muitos questionamentos. Precisava encontrar respostas para aquietar seu coração.

Seguindo a passos lentos, poucos dias após a morte do filho, ele tem a missão de escrever uma mensagem de despedida que seria sobreposta em uma fotografia de Cléber, a qual seria distribuída entre todos que o conheciam.

– Não sei como consegui. Escrevi a mensagem como se alguém estivesse ditando para mim.

Após escrevê-la fez o que qualquer pessoa em seu lugar faria: lê-la. O fato é que em meio à mensagem um trecho lhe chamou a atenção:

“Não culpem a nada como causadora da minha morte carnal, poderia ter morrido de outra maneira, e esta foi a forma escolhida para que eu retornasse à verdadeira Vida”.

Após a leitura percebeu com especial atenção o que a mensagem lhe dizia. Não compreendia como fora capaz de escrever aquelas linhas. O fato é que seu coração parece ter suavizado após a leitura daquele trecho. Não teria como modificar o curso dos acontecimentos.

- Após ler a mensagem deixei de querer mover uma ação na Justiça contra alguém.

Seus olhos brilharam. A saudade do filho veio forte. Como seria se ele ainda estivesse por aqui? Não puderam, ele e Fátima, desfrutar da materialidade do filho por muito tempo. Que são dezesseis anos? Para um pai e para uma mãe é tempo suficiente para se desenvolver um amor eterno, incapaz de ser destruído.

Apesar de estarem percorrendo o caminho do vazio que o luto provoca, podiam orar por ele, entregá-lo aos cuidados de Deus e sentir a cada dia, a cada semana, a cada mês, a cada ano a presença do filho nas incontáveis vezes em que ele os visitou e os abraçou, carinhosamente, sempre que lembrado com amor, apesar da saudade, afinal, como nos sugere um texto do médico oncologista doutor Rogério Brandão, *“saudade é o amor que fica”*.



A psicografia

EXATAMENTE TRÊS ANOS e meio após a desencarnação do filho, seus pais foram agraciados com uma mensagem do Além. Era Cléber quem vinha dar a boa notícia: estou vivo. Através do lápis seu filho ressurgia.

Alguém pode questionar por que ele demorou tanto tempo para se comunicar. A doutrina espírita nos esclarece que alguns espíritos podem demorar meses e outros anos para dar uma comunicação, em virtude de depender de como ele esteja no plano espiritual e quais as suas condições.

Vale lembrar que quando do momento da morte há uma espécie de perturbação que envolve o espírito recém-desencarnado e essa perturbação não é igual para todos. Uns podem sair mais rápido, e outros não, desse processo. Outro fator é a saudade, que é muito grande e que existe nos dois planos. Se o espírito já está em condições de se comunicar, mas os familiares encarnados sofrem demais com sua ausência material, terminam por enviar-lhes

vibrações que interferem em sua recuperação, podendo em muitos casos dificultar o seu intercâmbio.

A primeira mensagem psicografada de Cléber chegou às mãos de seus pais de uma forma inesperada. Não podiam sequer supor que o filho voltaria assim “de repente”.

– As mensagens nos confortaram e nos deram forças.

Cléber havia voltado através daquelas linhas que pudera escrever. A esperança ressurgiu e a alegria invadiu a alma para nunca mais ir embora.

A primeira mensagem relata seu despertar no mundo espiritual, a qual ele intitulou como “*Solidão em trevas*”. Um dos seus trechos diz o seguinte:

Mãe, o trovão, o raio foi o que tive de enfrentar quando desencarnei. Não quis ficar longe de vocês, então vaguei em busca do socorro que vocês não poderiam dar senão através da oração. Sentia vocês chorarem. A dor era forte demais que me penetrou o espírito. Hoje vivo com as margaridas. Sabe quais são as margaridas, mãe? São as pessoas boas que me tiraram daquela solidão em trevas. Hoje vivo bem, não mais sofro, vivo feliz aqui. É sim, mãe, vivo e luto para que nem vocês, nem ninguém sofra do jeito que sofreram, que se machucaram e me machucaram, afinal como é que um filho pode suportar ver a dor de uma mãe tão querida?

Neste trecho narrado pelo próprio Cléber percebemos o poder dos nossos pensamentos e emoções. Os cuidados que devemos ter ao lembrar os nossos entes queridos que partiram para o outro lado da vida, já que o que pensamos influencia seu viver no mundo dos espíritos. Sentem nossas lágrimas, nossas dores, nosso chamamento como verdadeiras flechas a invadir-lhes o íntimo, provocando muita

dor e vontade de estar perto, mesmo não tendo condições de ajudar no momento.

Aquele que partiu também sofre a separação e é invadido pelo sofrimento de ter que se apartar dos seus familiares. Apesar de voltar para a casa de origem que é o mundo espiritual, sentem a falta que sua mãe, seu pai, seus irmãos, amigos, familiares lhes farão. A partir da separação que a morte impõe, a dor da saudade passa a se fazer presente nas duas dimensões.

Quando indagados sobre a veracidade das mensagens enviadas por Cléber, seus pais não hesitam em responder:

– As mensagens são verídicas. Têm coisas ali que só a gente sabe.

Aquelas letras que compunham a carta do Além chegaram às mãos daqueles pais como um auxílio, puxando o fio de vida que ainda restava em cada um, para que esse mesmo fio continuasse firme.

– Nosso filho ressurgiu para nós através da mediunidade de modo incontestável. As suas mensagens psicografadas estão repletas de informações que pertenciam ao âmbito familiar.

Suas almas foram massageadas, seus corações afagados, seus corpos encontraram o vigor que precisavam para continuar percorrendo seus caminhos.

Aquela foi a primeira das inúmeras outras mensagens que puderam receber. Esses três anos e meio sem notícia alguma era como se Cléber estivesse preparando--se para aquele momento. Não há dúvidas quanto ao estado dele no mundo espiritual, *“sabemos que ele está bem”*. Para eles, o *“correio tocou de lá para cá”*, como dizia Chico Xavier, sem que eles esperassem.

Outra cartinha assinada por Cléber dizia a respeito de uma visita que ele pudera fazer ao lar terrestre a fim de rever sua família:

Estava com vocês hoje, pai e mãe, vi quando em alguns momentos a minha mãe me sentiu. Dá saudade não é, mãe? Mas eu quero que saibam que a única lembrança apaziguante a qual carrego é aquela onde o nosso lar é

refeito com a presença de nós cinco.

– Receber as cartas do nosso menino Cléber tem um sentido muito especial, sentimos como se ele estivesse em um país distante, e que de vez em quando nos escreve. Suas mensagens são como um bálsamo para os nossos corações.

Sem nenhum questionamento contrário, ambos, pai e mãe, encontraram naquelas cartas as respostas que buscavam: a certeza que Cléber vive, e principalmente, que está bem.

Sempre que permitido pode visitá-los. Se a morte impede que seus pais desfrutem da sua materialidade, não impede que desfrutem da presença do ser espiritual que é.

É exatamente essa verdade que trata o capítulo V de *O Evangelho segundo o Espiritismo* quando fala da perda de pessoas amadas e mortes prematuras.

Mães, sabeis que vossos filhos bem-amados estão perto de vós; sim, estão muito perto; seus corpos fluídicos vos envolvem, seus pensamentos vos protegem, a lembrança que deles guardais os transporta de alegria, mas também as vossas dores desarrazoadas os afligem, porque denotam falta de fé e exprimem uma revolta contra a vontade de Deus.

Não há dúvida alguma quanto à existência de Cléber em outro plano. Seus corações de pai e mãe estão convictos: a morte é um passaporte que precisamos para adentrar na verdadeira vida.

Em uma das suas últimas mensagens foi categórico em afirmar que passaria um tempo sem comunicar-se. Haveria de aprender mais em seu novo mundo e estreitar os laços com os novos e antigos amigos. Ele avisou e cumpriu.

Hoje faz exatamente onze anos que Cléber escreveu a sua última mensagem, mas o que são onze anos para a espiritualidade? Certamente segue aprendendo, reabilitando-se e aprimorando-se. Embora seus pais tenham passado todo esse tempo sem nenhuma notícia, seus corações estão aquietados, sabem que seu filho caminha ao lado de bons corações e isso é tudo para que os seus corações, embora a distância que os separa, permaneçam em paz.



20 anos sem Cléber

“VINTE ANOS NÃO são vinte dias”, as mães de luto dizem essa frase com conhecimento de causa. Apesar do tempo, é como se a separação se desse hoje. Mães enlutadas não compreendem o tempo passado, o tempo é presente, a saudade é presente e a falta também.

- Com o tempo e a oração pedindo a Deus força, a dor vai amenizando, mas não desaparece jamais.

Era Fátima quem nos dava essa informação. Ela, assim como as demais mães enlutadas, podia sentir a dor emocional manifestar-se em seu corpo. Foram incontáveis noites sem dormir, vários dias em que só chorou, uma tristeza que parecia não ter fim e hoje, com exatamente vinte anos passados da desencarnação do filho, apesar da *“dor ter suavizado”*, revive seu luto toda vez que vai ao encontro de outra mãe que o luto abraçou.

Foi assim recentemente, quando uma amiga foi atingida pela morte do filho pequenino. Como amigo é aquele que cuida, Fátima rumou em direção à casa da amiga a fim de dar-lhe um consolo.

Conhecia toda aquela dor e, principalmente, os caminhos que viriam depois. Seriam madrugadas na tentativa de resgatar os dias de antes em vão; seriam lágrimas, muitas lágrimas, angústia, tristeza e mais tarde todo esse tormento seria um misto de dor e saudade.

Chegando à residência da amiga, ela sabia que estava diante de mais uma mãe enlutada e não teve como não vivenciar toda a tristeza que já lhe atingira há vinte anos, o que a levou a desabafar:

– Já vivi aquela situação, é muito doloroso, triste. Vivenciamos o mesmo drama e apesar de ter sido situações diferentes a sensação da perda é igual.

E naquela situação em que se encontrava, na tentativa de levar o alento à amiga, intimamente levava o alento para si.

– É um vazio que fica dentro da gente.

Como mãe que continua cuidando do filho que hoje mora longe dos seus carinhos físicos não hesita em dizer: *“sempre faço oração para ele, peço que Jesus o oriente e ilumine cada vez mais o caminho dele”*.

No dia do aniversário do filho, 23 de outubro, no mesmo ano em que ele desencarnou, seus pais resolveram fazer algo diferente. Foram a um orfanato da cidade e lá puderam distribuir as roupas do filho entre os mais necessitados.

– Algumas outras roupas os irmãos usaram.

Só de uma recordação muito viva do filho eles foram incapazes de se desfazer: o violão – *“permanece aqui em casa até hoje”*. Esta representação simbólica da materialidade de Cléber continua em sua casa como a tocar as melodias de outrora e a embalar os corações dos pais.

Fátima e Alberto sempre se lembram do filho. Os vinte anos não foram nem serão capazes de apagar sua presença em suas almas. No entanto, com o tempo, aprenderam a lembrá-lo de maneira feliz. As lembranças que têm são capazes de tornar presente aquilo que aparentemente está ausente.

Cléber segue sendo um grande inspirador das suas vidas. A cada dia, nesses vinte anos sem a presença física do filho, continuam através das orações agradecendo aos parentes, amigos, professores,

estudantes, colegas de trabalho, toda solidariedade que receberam no momento em que foram visitados por aquela grande dor. Compreendem que Deus chegou a eles através daquelas incontáveis presenças que os envolveram e os mantiveram de pé naquela passagem tão difícil de suas vidas.

Confiantes na sobrevivência da alma após a morte, não hesitam em afirmar que *“Cléber não morreu, ele continua vivo em nossas memórias e em nossos corações. Partiu para a Casa do Pai e lá está gozando das delícias celestes e do reino que nos fora prometido com tanto amor. Deus em Sua infinita bondade já o recolheu com o carinho especial de um Pai que se sente feliz com a presença do filho em sua casa. Fica, porém, a lembrança inesquecível deste tão querido pedaço das nossas vidas. Somos felizes porque temos a certeza de reencontrá-lo com toda alegria na eternidade”*.

Que seja assim. Que assim seja.

PARTE IV

PROSSEGUINDO...

*Sua morte gerou a vida, e a sua lembrança,
como aroma sutil, vai lançar em
toda a parte a semente dos
entusiasmos futuros.*

– Léon Denis –





UMA COISA É certa: nenhum filho que parte antes dos seus pais deseja que estes permaneçam tristes. Ao contrário, eles desejam que seus pais prossigam da melhor maneira possível.

Diante de todas as entrevistas que fiz com mães enlutadas, não foi difícil perceber que ir em frente é um caminho longo e muito difícil. Inicialmente a maioria dessas mães ficam mergulhadas em questionamentos improdutivos, impossibilitadas de seguir adiante.

Pude conhecer Luciana, uma mãe que “perdeu” o filho de pouco mais de cinco anos e que não se conformava com o acontecido. Sua criança brincava com outras no passeio da sua casa até que um carro desgovernado invadiu o local e arremessou seu filho para bem longe. Todas as crianças que estavam com ele correram para avisá-la. Quando chegou e viu a cena do filho já sem vida deitado naquele solo duro e quente, a primeira interrogação que lhe veio à mente foi: “*Por quê?*”. Debruçada sobre o pequeno corpo, essa mãe chorava e sofria uma dor inigualável diferente de todos os outros tipos de sofrimento. Embalada em sua dor, ela prosseguia em sua indagação: “*Por quê?*”. Após três anos passados do acontecimento que a separara fisicamente do convívio com o pequeno João, ela prosseguia em seu questionamento: “*Por que Deus levou o meu filho?*”.

Esta mãe permaneceu assim por três longos anos, indagando-se

porque Deus levou o seu filho embora de seus carinhos e de seus abraços. Esta pergunta inquietante a impediu de perceber que a vida continuava, e para ela também. À medida que se entregava a uma pergunta improdutiva que não alteraria o curso dos acontecimentos, esta mãe se afundava em sua tristeza cada vez mais. A pergunta não deveria ser *“Por que Deus levou o meu filho embora?”*. E sim *“O que posso fazer para ir em frente diante da morte do meu filho?”*. Esta é também uma pergunta que não trará o filho de volta, mas que abrirá um leque de novas possibilidades para prosseguir dando outro sentido à vida.

Questionamentos improdutivos são muito comuns diante da morte de um filho, surgem geralmente nos momentos de grande dor e permanecem instalados por dias, meses, anos ou horas. É comum para aquele que vivencia o luto, para aquele que está sofrendo. O que não se deve permitir é que ele se prolongue no tempo, naquilo que nós falamos a princípio: numa fixação da perda, impossibilitando o processo de superação e reorganização da dor.

Hoje Luciana, depois de três longos anos de muito sofrimento, prossegue em seu caminho de maneira renovada, mais confiante, mais feliz e fortalecida.

Depois de tanto tempo sofrendo com uma pergunta que não me trazia esperança e, sim, frustração, uma pessoa que veio visitar-me me disse algo interessante. Ela me disse: Luciana, se João estivesse aqui hoje, o que será que ele pediria para você? Será que ele diria *“mãe, continue assim chorando, sofrendo a vida inteira, adoecendo”*, ou ele lhe diria *“mãe, a vida continua, cuide de você, sorria para mim, sorria para meu pai, para meu irmão, sorria para a vida, é assim que eu quero lhe reencontrar um dia, feliz com a vida”*. (Lágrimas) Depois dessa visita, eu compreendi que teria que prosseguir, que a morte dele não era a minha

morte, não poderia morrer com ele e, sim, enquanto estivesse aqui, fazer muita coisa em benefício dele.

A partir daí, Luciana formou um grupo com mães que perderam seus filhos vítimas de atropelamento. Juntas, elas também frequentam um centro espírita para chorar suas dores e ao mesmo tempo orar, fortalecendo ali, naquele reduto sagrado, a fé em Deus e a certeza de que a vida continua.

Outra mãe chamada Júlia, que perdeu sua filha Lorena aos quatorze anos de idade, ao contrário de Luciana, iniciou o seu processo de elaboração do luto semanas depois do acontecido. Começou a escrever textos que se tornaram fonte de inspiração para outras mães que viviam a mesma dor que ela. No primeiro texto, Júlia relata a sua dor e como aconteceu a separação física com sua única filha. Seus textos servem de auxílio para muitos grupos de mães e pais enlutados que se encontram em desespero. Nesses grupos de apoio, Júlia também passou a ser convidada para ministrar palestras e falar da sua dor e da sua superação. Ela hoje viaja o mundo levando esperança para aqueles que se encontram perdidos.

As três mães deste livro – dona Alda, Monalisa e Fátima – também são fonte de inspiração para muita gente que vive mergulhada no luto da perda de um filho. Elas avançaram. Fátima atualmente revive a trajetória do luto na figura do seu filho caçula, Cleidson, vítima de assassinato ao entrar em sua casa na madrugada do dia 08.07.2013. Cleidson tinha trinta e dois anos de idade, era dentista e uma pessoa muito querida na cidade onde morava.

O suspeito desse ato bárbaro pertencia ao grupo de amigos de “Keu”, como o dentista era carinhosamente conhecido, e até a presente data encontra-se foragido, não sendo possível apurar, então, a causa do crime.

Agora são dois, dos três filhos, que se encontram no plano espiritual e ainda assim, vivendo uma dor e uma saudade duplas,

ela prossegue, ela reage, ela avança.

Assim como elas, muitas outras mães avançaram também. Algumas começaram a estudar o espiritismo e se tornaram apoio para outras mães destroçadas pelo sofrimento.

Essas mães encararam sua dor como motivo para ir em frente. Em nada esconderam o sofrimento, o pesar. Não vestiram personagens, nem tentaram demonstrar uma coragem que estavam longe de possuir. O que elas fizeram? *“Confiamos”* – foi a resposta que escutei. A confiança foi o motor para que pudessem dar uma reviravolta em suas vidas, apesar da dor e da saudade. Elas poderiam ficar inertes frente à dor que sentiam, porque esta dor as autorizava a permanecer assim, mas não o fizeram. Elas preferiram fazer outra escolha. Escolheram o grande desafio de caminhar, de ir em frente.

O momento em que esse prosseguimento aconteceu na vida delas não sabemos dizer, mas ele aconteceu. Todas conseguiram ressignificar suas vidas e redescobriram uma nova maneira de conviver com a perda que tiveram que enfrentar. A morte do filho foi o fim de uma etapa em suas vidas, mas também, o início de outra. A grande maioria das mães enlutadas com quem conversei desenvolveram projetos maravilhosos que colocaram em prática a partir da elaboração do luto que a morte do filho deixou. Com a sublimação da dor, surgiram também muitos projetos sociais.

“Minha filha me deu um presente: um novo propósito na vida”. Essa mãe que pronunciou essa frase esteve no fundo do poço quando sepultou sua filha, e conseguiu sair dele. Ao sair, além de tornar-se espírita, dedicou-se a criar um grupo de apoio para pessoas que sofrem a mesma dor que ela. Essa é a sua meta: com as mensagens espíritas levar alívio e consolo para uma dor tão forte. Essa iniciativa a estimula a prosseguir. Em conjunto com as pessoas do grupo também se dedica aos cuidados de crianças carentes. Relembrando uma mensagem psicografada que recebera da filha, ela desabafa: *“Minha filha me pediu isso, para eu olhar para quem não tem mãe, nem pai, e cuidar deles como eu cuidava dela”*.

De todas as emoções que as mães de luto me disseram sentir, a

mais citada foi a saudade, *“a saudade é grande... eu tenho muita saudade dela”*.

É verdade, não se evita a saudade, ela é a herança que fica para todo aquele que foi visitado pelo luto.



Deus, abençoe os que sofrem

UM PEDIDO QUE sempre faço envolvendo as mães de luto é que possamos orar por elas e por toda sua família, incluindo aquele que foi embora. Como já vimos nas páginas deste livro, as orações são sempre ouvidas e elas os ajudarão. Esse é meu convite para você que lê essas linhas agora. Pare um pouco a leitura e ore pelos pais marcados por imensurável dor.

Se acaso você que está a ler o livro é alguém que possui a marca do luto, pare um pouco também, respire fundo, feche os olhos e sinta o poder da oração que neste momento tantas pessoas estão a enviar para você. Aproveite o momento... e ore também... converse com Deus, diga a Ele das suas dores, das suas tormentas, conte em detalhes da sua saudade, Ele está a lhe ouvir e vai lhe entender... Mas não esqueça uma coisa, por favor não esqueça. Diga a Ele também das suas esperanças, dos seus anseios... Ele também estará a ouvi-los... Nesse momento de conversa íntima com Deus, tenho certeza que Ele estará cuidando de você, e você poderá sentir a Sua

mão a massagear a sua dor.



Conclusão

Aqueles que amamos nunca morrem, apenas partem antes de nós.

- Amado Nervo -

NA CONCLUSÃO DESTE livro, conversava com uma mãe com filho a respeito das delícias que eles proporcionam ao coração materno. No dia seguinte, esta mesma mãe encontrava-se enlutada. Sua única filha havia ido embora através da morte.

Mais uma mãe enlutada entre tantas outras que nem sequer conhecemos ou ouvimos falar. No entanto, a mesma certeza que invadiu os corações das Marias narradas neste livro habitará nos corações dessas novas Marias: haverá de chegar o dia em que apesar da dor que a morte do filho causa, encontrarão forças para prosseguir.

Durante meses pude percorrer lares onde a dor brutal de ver um filho morto fez e/ou ainda faz morada. Pude conviver com mães marcadas pela dor da separação prematura de seus filhos. São mães

de luto que trazem na alma a presente ausência de alguém.

Mães enlutadas, ao contrário do que o nome indica, não são mães de filhos mortos, são mães de filhos vivos. Com o convívio com elas pude perceber o quanto seus filhos são presentes em suas vidas.

Em nosso dia a dia podemos perceber quantas mortes aparentemente sem sentido e brutais acontecem. Mães que padecem separações incomparáveis, dores dilacerantes e incompreensíveis num primeiro momento. Lutos por demais pesados a serem digeridos. Como vencer essa dor? Como organizar este luto? Elas mesmas, as mães de luto, me deram essa resposta:

Ajudando o outro, fazendo o bem em favor de alguém que necessita, em muitos casos, muito mais do que eu. Se tive que devolver um filho a Deus, pude encontrar mães que tiveram que devolver todos os que tinha. Se minha dor é grande, a dessa mãe é do tamanho da devolução que ela teve que fazer. Percebi como a alegria se espalha para todos que recebem o alimento que damos e principalmente a nós, que recebemos através deste ato a esperança que brilha para nós na figura de cada uma daquelas pessoas que ajudamos. É como se nossos filhos ressurgissem ali a nos agradecer pelo bem que ofertamos a suas memórias. Aprendemos uma lição com essa dor: a ter paciência, saber esperar, já que nossos filhos nos esperam em algum lugar, com o mesmo amor e com muita saudade. E nós temos que trabalhar por nós, e por eles, para que, quando o grande dia do reencontro chegar, a luz que plantamos aqui nos abrace e não nos deixe jamais.

O que dizer diante de um relato tão profundo? O aprendizado de mais uma grande lição, a de que se o tempo é de dor, não podemos

parar de lutar.

A doutrina espírita é, sem sombra de dúvidas, um Sol a trazer luz para nossas vidas. Dá-nos a certeza de que se aqui na Terra, ao despedir-nos dos nossos filhos através do fenômeno biológico da morte, dizemos “*já está indo*”, do outro lado da vida há alguém com muito amor a esperar por eles a dizer “*já está chegando*”, conforme nos sugere um texto intitulado “Chegada e partida” de Richard Simonetti.

Aqui nos despedimos. Obrigada a todos vocês que se dispuseram a ler estas páginas, que elas sirvam de “*luz onde houver trevas*”. E que possamos nos encontrar em breve com novas histórias, com novas leituras.

Até lá.



Bibliografia

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3ª ed. São Paulo, Paulus, 2004.

DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. Rio de Janeiro, FEB, 2011.

KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*. 28ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1982.

_____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 131ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 2013.

_____. *O Livro dos Espíritos*. 52ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1981.

_____. *O Livro dos Médiuns*. 42ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1980.

_____. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*. Vol. 1858. Rio de Janeiro, FEB, 2004.

_____. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*. Vol. 1868. Rio de Janeiro, FEB, 2004.

LOUREIRO, Carlos Bernardo. *A visão espírita do sono e dos sonhos*. São Paulo, O Clarim, 2005.

MACHADO, Irene Pacheco. Luiz Sérgio (espírito). *Na hora do adeus*. Brasília, Recanto, 2008.

- MAIOR, Marcel Souto. *As vidas de Chico Xavier*. São Paulo, Leya, 2003.
- _____. *Por trás do véu de Ísis*. São Paulo, Planeta, 2004.
- MIRANDA, Hermínio C. *Nossos filhos são espíritos*. São Paulo, Lachâtre, 2005.
- NOBRE, Marlene Rossi Severino. *Lições de sabedoria*. São Paulo, FÉ, 1996.
- PALHANO JÚNIOR, L. *O significado oculto dos sonhos*. São Paulo, Lachâtre, 2010.
- PIRES, José Herculano. *Educação para a morte*. São Paulo, Paideia, 2012.
- ROSIN, Zilda Giunchetti. *Perda de entes queridos*. São Paulo, LAKE, 2010.
- ROSS, Elizabeth Kübler & KESSLER, David. *Os segredos da vida*. Rio de Janeiro, Sextante, 2004.
- ROSS, Elizabeth Kübler. *A morte - um amanhecer*. São Paulo, Pensamento.
- _____. *Viver até dizer adeus*. São Paulo, Pensamento, 2005.
- SEVERINO, Paulo Rossi. *A vida triunfa*. São Paulo, FÉ, 1992.
- SIMONETTI, Richard. *Quem tem medo da morte?* Bauru, CEAC, 1997.
- SOUZA, Luiz Eduardo de. *O homem que falava com espíritos*. São Paulo, Universo dos Livros, 2010.
- XAVIER, Francisco Cândido. André Luiz (espírito). *Ação e reação*. 4ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1957.
- _____. *E a vida continua*. Rio de Janeiro, FEB, 1968.
- _____. *Entre a Terra e o céu*. Rio de Janeiro, FEB, 1954.
- _____. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro, FEB, 1943.
- _____. *Obreiros da vida eterna*. Rio de Janeiro, FEB, 1946.
- XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel (espírito). *O consolador*. Rio de Janeiro, FEB, 1940.
- XAVIER, Francisco Cândido. Espíritos diversos. *Jovens no além*. São Paulo, GEEM, 2003.
- XAVIER, Francisco Cândido. Irmão Jacob (espírito). *Voltei*. Brasília, FEB, 2013.